



Programa de Pós-Graduação em  
**LINGUÍSTICA**

---

**PALAVRAS, PSIQUE E PANDEMIA: DISCURSOS SOBRE SONHOS DURANTE O SURTO  
DE COVID-19 NO BRASIL**

São Carlos  
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PALAVRAS, PSIQUE E PANDEMIA: DISCURSOS SOBRE SONHOS DURANTE O  
SURTO DE COVID-19 NO BRASIL

Flávio Soares

Bolsista: FAPPEAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Piovezani

São Carlos  
2025

## FICHA CATALOGRÁFICA

Soares, Flávio

Palavras, psique e pandemia: discursos sobre sonhos durante o surto de Covid-19 no Brasil / Flávio Soares -- 2025.  
158f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Carlos Piovezani.

Banca Examinadora: Allice Toledo Lima da Silveira, Leonard Christy Souza Costa, Raquel de Almeida Castro, Simone Garavello Varela.

Bibliografia

1. Discursos sobre sonhos. 2. Pandemia. 3. Análise do discurso. I. Soares, Flávio. II. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Flávio José Soares, realizada em 30/07/2025.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Carlos Felix Plovezani Filho (UFSCar)

Profa. Dra. Ailice Toledo Lima da Silveira (UFG)

Profa. Dra. Raquel Almeida de Castro (UFAM)

Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa (UFAM)

Profa. Dra. Simone Garavello Varella (CICBEU)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Aos meus filhos, Guilherme (*in memoriam*) e Caio.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Izilda e Paulino, por todo o alento, o cuidado e às correções com os quais me ensinaram a respeitar o outro, a não ignorar às injustiças e a valorizar a vida.

À Mirna, pelo carinho e leveza que tanto faz bem e acalma essa nossa caminhada em comum.

Ao meu orientador, Carlos Piovezani, meus sinceros agradecimentos pela forma inteligente, comprometida, verdadeira, generosa e compreensiva com a qual me acolheu no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e me orientou neste processo de doutoramento. Agradeço pelas imprescindíveis e valiosas leituras, sugestões e correções que fez para aprimorar o texto desta tese. Enfim, pelo privilégio de poder estar em sua companhia, isto é, de poder compartilhar alguns momentos agradáveis com este ser humano admirável.

Aos meus irmãos Fábio e Diego, pela confiança, pela honestidade e pela amizade que nos une.

Às amigas Maria Mangabeira e Osiany, que, de uma maneira leve, descontraída e perspicaz me acolheram em Manaus, apresentaram-me a cultura Amazonense e me ensinaram a melhor lidar com as vicissitudes que envolvem o trabalho docente em escolas públicas.

Às professoras e aos professores membros das bancas do Exame de Qualificação e da Defesa desta Tese, nas figuras da Profa. Dra. Allice Toledo Lima da Silveira, do Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa, da Profa. Dra. Luciana Nogueira, da Profa. Dra. Raquel de Almeida Castro e da Profa. Dra. Simone Garavello Varela, pela boa vontade em ler este trabalho e pelas imprescindíveis e valiosas indicações e correções que nos foram dadas para melhor alcançarmos nossos objetivos.

Aos meus orientadores no Mestrado, Prof. Dr. Luiz Carlos Martins de Souza e Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza, pela generosidade intelectual com a qual apontaram alguns caminhos para o meu desenvolvimento enquanto pesquisador.

À Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar – SEDUC, na figura da Professora Arlete Ferreira Mendonça, atualmente Secretária de Educação do Amazonas, pelo imprescindível incentivo ao pleno desenvolvimento desta pesquisa.

À Coordenadoria Distrital de Ensino 5, na figura da Professora Francisca Cunha, pelo aprendizado que adquiri trabalhando ao seu lado e pela confiança depositada neste projeto.

À FAPEAM, que, com o seu Programa de Apoio a Pós-Graduandos Fora do Estado do Amazonas — POSGFE, proporcionou-me uma importante estabilidade material durante os últimos semestres em que esta pesquisa foi desenvolvida.

A todos aqueles e aquelas que, mesmo de modo difuso, mas não menos significativo, contribuíram com o desenvolvimento desta pesquisa.

*“O sonho não pode ser comparado ao ressoar irregular de um instrumento musical que, em vez de ser tocado pela mão de um músico, é golpeado por uma força externa; ele não é despido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte de nosso acervo de representações esteja dormindo, enquanto outra parte começa a despertar. Trata-se de um fenômeno psíquico de pleno valor, é a realização de um desejo; deve ser inserido no contexto dos atos psíquicos compreensíveis da vigília; foi construído por uma atividade mental altamente complexa”.*

Freud, (2022, p. 155).

## RESUMO

Neste limiar do século XXI, em função de um acontecimento traumático que conjuga uma Crise Sanitária Mundial e um governo de extrema-direita que ascende ao poder, observamos, para além dos traumas individual e coletivo, uma série de enunciados sobre sonhos que passaram a circular no Brasil. Assim, dadas as condições de produção, e considerando a emergência desses enunciados, esta pesquisa pretende identificar, selecionar, descrever e interpretar o que se disse e os modos de dizer acerca desse objeto. Para melhor explicitar os objetivos deste trabalho, cumpre acrescentar que o estudo em questão tem em perspectiva: i. traçar um panorama de discursos sobre sonhos em diferentes condições de produção na longa duração histórica, com vistas a identificar o que se conserva, retoma-se, atualiza-se, desenvolve-se e se transforma em enunciados semelhantes produzidos no Brasil durante a pandemia de Covid-19; ii. compreender os processos discursivos de enunciados sobre sonhos materializados durante o surto de coronavírus, a fim de verificar se eles reproduzem, reformulam (de vários modos: a partir de acréscimos, supressões, inflexões etc.) ou apagam discursos sobre os sonhos produzidos em condições históricas e sociais de trauma; iii. descrever e interpretar certos enunciados em suas relações com as emoções em discursos sobre sonhos materializados no Brasil no período pandêmico para indicar presenças e atuações de sensações e sentimentos no discurso, fenômenos fundamentais da constituição dos sujeitos e dos sentidos, particularmente na produção discursiva atrelada a traumas coletivos. Para tanto, este estudo se vale dos fundamentos teóricos e metodológicos da Análise do discurso, dos estudos discursivos foucaultianos e das “novas” correntes historiográficas, como a História das sensibilidades. Quanto aos resultados, basicamente, observamos como a experiência do sonhar, a narrativa onírica e a interpretação desse fenômeno, bem como os seus sentidos, valores e funções, estão intimamente ligados aos acontecimentos históricos, políticos e sociais, ou seja, constatamos como, em diferentes formações sociais, os discursos sobre sonhos são formados, atualizados, retomados, transformados e silenciados. Especificamente durante o período pandêmico, vimos como determinados discursos autorizaram alguns sujeitos, considerados qualificados, a entrar na “ordem do discurso” e assumirem uma posição de intérpretes contemporâneos de sonhos; vislumbramos como os fenômenos oníricos têm a capacidade de apreender uma realidade histórica, política e social, sobretudo se essa realidade for impactada por acontecimentos traumáticos; apreendemos como Elas/mulheres, profissionais de saúde e professores, a população em geral e trabalhadores da saúde e da educação formaram um grupo privilegiado de sonhadores; e identificamos como, em tempos excepcionais, determinados líderes podem penetrar em produções oníricas para representar as relações de poder, as lutas e os sistemas de dominação de certa formação social. Por fim, apreendemos como certos discursos sobre sonhos destacaram os afetos e/ou os estados de medo, desamparo, depressão e felicidade.

**Palavras-chave:** Discursos sobre sonhos. Pandemia. Análise do discurso. Emoções.

## ABSTRACT

At the beginning of century XXI, due to a traumatic event that present us a global health crisis and a far-right government that ascends the power, we observe beyond individual and collective traumas, a sequence of statements about dreams that passed in Brazil. This way, according to the production of conditions, and considering the emergency of these statements, this research intends to identify, select, describe and interpret what it is said and the ways of saying about this object. To better exposure the aims of this work, it should be added that the study in question has a perspective: i: draw a speech panorama about dreams in different production conditions in the long historical duration, in order identify what is preserved, it resumes, updates, develops, and transforms, into similar statements produced in Brazil during the COVID 19 pandemic.; ii. to understand the discursive processes of statements about materialized dreams during the coronavirus outbreak, aiming to verify whether they reproduce, reformulate (in various ways: as of additions, omissions, inflections, etc.), or erase discourses about dreams produced under historical and social conditions of trauma; iii. Describe, and interpret some statements in their relationships with the emotions in speeches about materialized dreams in Brazil in the pandemic period to signal the presence and agency of sensations and emotions in discourse, phenomena central to the constitution of subjects and meaning, particularly in discursive production tied to collective trauma. For so much, this study uses the theoretical and methodological foundations of Speech analysis, from Foucault's discursive studies and the "new" historiographical currents, as sensitivity of History. As for the results, we basically observe how the experience of dreaming, the dream narrative and the interpretation of this phenomenon, as well as its senses, values and functions, they are closely linked to historical, politics and social events, in other words, we see how, in different social formations, the discourses about dreams are build, updated, resumed, transformed and silenced. Specifically, during the pandemic time, we saw how certain speeches authorized some subjects, considered qualified entering the order of speech and take a position of contemporary dream interpreters; we learn how she/woman , health professionals, and teachers general population and health/education workers, they formed a privileged group of dreamers; and we identify how in exceptional times, certain leaders can penetrate dreamlike productions to represent power relations, the struggles and systems of domination of a certain social formation. Finally, we learned how certain speeches about dreams highlighted the affections and/or states of fear, destitution, depression, and happiness.

**Keywords:** Discourses on dreams. Pandemic. Discourse Analysis. Emotions.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                     | <b>12</b>  |
| <b>2 DISCURSOS SOBRE SONHOS NA LONGA DURAÇÃO .....</b>        | <b>31</b>  |
| 2.1 SONHOS ANTIGOS.....                                       | 31         |
| 2.2 SONHOS MEDIEVAIS .....                                    | 44         |
| 2.3 SONHOS MODERNOS.....                                      | 56         |
| 2.4 SONHOS CONTEMPORÂNEOS .....                               | 60         |
| <b>3 DISCURSOS SOBRE SONHOS NO BRASIL PANDÊMICO .....</b>     | <b>69</b>  |
| 3.1 ACONTECIMENTO DISCURSIVO.....                             | 70         |
| 3.2 “SISMÓGRAFO DA REALIDADE: SONHOS E TRAUMAS” .....         | 80         |
| 3.3 SILENCIAMENTOS OU “QUEM SONHA EM TEMPOS PANDÊMICOS” ..... | 87         |
| 3.4 FENÔMENO ONÍRICO E DIMENSÃO POLÍTICA .....                | 96         |
| <b>4 DISCURSOS SOBRE SONHOS E EMOÇÕES .....</b>               | <b>104</b> |
| 4.1 MEDO .....  | 104        |
| 4.2 DEPRESSÃO .....   | 114        |
| 4.3 DESAMPARO .....   | 119        |
| 4.4 ESPERANÇA.....  | 125        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                            | <b>134</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                      | <b>142</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Em uma época ansiosa e depressiva, em que a maioria dos medos são indistintos e a percepção subjetiva do tempo é cada vez mais vertiginosa<sup>1</sup>, vale a pena sonhar? Em uma contemporaneidade compulsiva<sup>2</sup>, hiperativa e cansada, na qual impera a lógica da insaciabilidade, não havendo limites, nem “tempo a perder”, nem esforço a medir, e na qual o sistema de desempenho e o excesso de positividade<sup>3</sup>, características da sociedade ocidental “pós-disciplinar”, reforçam o discurso neoliberal que enuncia palavras-chave como “rapidez”, “superação”, “motivação”, “iniciativa”, “eficiência”, “flexibilidade”<sup>4</sup>, vale a pena desenvolver uma pesquisa sobre *Palavras, psique e pandemia: discursos sobre sonhos durante o surto de Covid-19 no Brasil?* Do nosso ponto de vista, essas indagações são pertinentes, porque, para sonhar, ao menos no que diz respeito ao sonho durante o estado de sono, é preciso dormir e atingir o chamado sono REM<sup>5</sup>. Logo, a ansiedade, a depressão, a compulsividade e a hiperatividade — alguns sintomas do tempo presente<sup>6</sup> —, ao alterarem significativamente o tempo e a qualidade do sono, poderiam prejudicar, ou mesmo inviabilizar, os sonhos e, por extensão, uma pesquisa que institui discursos sobre eles como seu objeto de análise.

A título de ilustração, estima-se que, no Brasil, a insônia afete 73 milhões de brasileiros<sup>7</sup>, sendo os idosos e a população com menor poder socioeconômico os sujeitos e grupos mais atingidos. Não obstante, independentemente dos transtornos do sono-vigília e da indústria da saúde do sono, que “[...] têm valor estimado entre 30 bilhões e 40 bilhões de dólares” (Ribeiro, 2019, p. 20), na sociedade contemporânea, isto é, na sociedade “24/7” — 24 horas por dia, sete dias da semana —, de funcionamento ininterrupto, na qual o sono não é necessário e nem inevitável, dormir e sonhar é coisa para derrotados (Crary, 2014).

Assim, *a priori*, desenvolver uma pesquisa que envolve discursos sobre sonhos em uma época ansiosa e depressiva na qual a qualidade do sono da população brasileira se

---

<sup>1</sup> Courtine (2016a); Kehl (2009).

<sup>2</sup> Edler (2017).

<sup>3</sup> A positividade é típica da sociedade contemporânea, na qual, por exemplo, o enunciado tu deves, direcionado ao sujeito da obediência (sociedade disciplinar), é substituído pelo enunciado tu podes, direcionado ao sujeito do desempenho (sociedade de controle). Essa mudança afeta a constituição subjetiva do sujeito, pois, ao “não” estar mais submetido à repressão-interdição da sociedade disciplinar, ele projeta para si uma forma ideal de desempenho que o conduz ao esgotamento. Para mais informações a este respeito, ver Han (2015), sobretudo o segundo capítulo. Quanto à distinção entre as sociedades disciplinar e de controle, ver Castro (2024); Deleuze (1992); Foucault (1999b) e Gregolin (2004).

<sup>4</sup> Corbanezi (2018); Han (2015), entre outros.

<sup>5</sup> Estágio do sono no qual ocorre o sonho. O sono REM, basicamente, caracteriza-se pelo movimento rápido dos olhos (rapid eye movement), pela grande atividade cerebral, pela reverberação de memórias com muita intensidade, pelo aumento da respiração e dos batimentos cardíacos (Ribeiro, 2019).

<sup>6</sup> Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5 (2014).

<sup>7</sup> Varella (2023).

encontra muito comprometida pode suscitar algumas dúvidas. A primeira objeção à escolha desse objeto poderia ter a seguinte formulação: se muitos sujeitos<sup>8</sup> sofrem de insônia e são atravessados por discursos de caráter neoliberal que hipervalorizam a produtividade, o desempenho e a rapidez, na mesma medida em que consideram o descanso, o dormir e o sonhar, coisa para derrotados, qual o propósito de se realizar uma pesquisa sobre o que se disse acerca das manifestações oníricas?

Poderia haver um segundo questionamento: o que ainda há para se dizer e analisar acerca desse fenômeno universal que foi objeto de ponderação em praticamente todas as culturas na longa duração histórica, haja vista que há registro de sonhos e de sua interpretação no livro dos mortos (Egito) e na Epopeia de Gilgamesh (Suméria), na *Ilíada* e na *Odisseia* (Grécia), na Bíblia e no Corão? Haveria ainda espaço para outras objeções.

Mas a experiência do sonhar, a narrativa onírica, a interpretação desse fenômeno e os discursos produzidos a seu respeito costumam ser mais importantes para a condução de nossos destinos e para a compreensão de nossas emoções do que com frequência costumamos supor. O sonho de Constantino<sup>9</sup> parece ter sido fundamental para a aceitação e expansão do cristianismo dentro das fileiras do Império Romano e posteriormente do mundo ocidental. Além disso, para alguns povos originários do território nacional, o sonho pode, a depender do conteúdo onírico, “[...] afetar a vida de quem sonhou ou mesmo de toda a comunidade” (Limulja, 2022, p. 60). Dada essa sua importância, não só sonhamos, mas falamos muito a seu respeito. Porém, mesmo que falemos muito sobre nossos sonhos, como todo discurso, esses nossos enunciados são raros, raridade essa diante da qual podemos, e devemos, nos perguntar: como apareceu esse enunciado sobre o sonho e nenhum outro em seu lugar<sup>10</sup>?

---

<sup>8</sup> Para a Análise do Discurso, o sujeito é constituído pela linguagem a partir de uma noção não-subjetivista da subjetividade e da interface entre o materialismo histórico (interpelação ideológica) e a psicanálise (inconsciente). Como destaca Mariani (2012, p. 54-55), “nem autônomo, nem origem, nem dono dos seus dizeres, para a Análise de Discurso, o sujeito é constituído pela linguagem, apreensível como posição na textualidade e se encontra sempre resvalando nos efeitos do discurso. Se, do lado do materialismo histórico, a partir de Althusser, Pêcheux articula a ilusão de autonomia do sujeito à submissão da interpelação ideológica que busca fixar (cristalizar, estabilizar) sentidos para o sujeito — ‘você é x no social, com seu nome, seus documentos, sua classe, seu nível educacional’, ou seja, ‘você significa x’ —, do lado da psicanálise, é com a noção de sujeito dividido que a Análise do Discurso opera, ou seja, um sujeito cujas pegadas do inconsciente são apreensíveis na estrutura da linguagem, e subvertem esse ‘x’ de uma significação ou identidade pretensamente estável”.

<sup>9</sup> Segundo Paul Veyne (2011), Constantino se converteu ao cristianismo em 312, depois de ter um sonho *In Hoc Signo Vincas* (sob este sinal vencerás) com as duas letras iniciais da palavra cristo (X, P) entrelaçadas em forma de cruz (as letras X e P são as duas primeiras da palavra Cristo em grego: Χριστός). O Imperador ordenou que esse símbolo fosse pintado nos escudos dos combatentes e, dessa forma, venceu a Batalha da Ponte Mílvio. Esse êxito no campo de batalha garantiu a Constantino o domínio da porção Ocidental do Império Romano e o fez ampliar o edito de Galério (311) em 313, garantindo a liberdade de culto aos cristãos.

<sup>10</sup> Mais precisamente segundo a célebre passagem presente no livro *A arqueologia do saber*: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2008, p. 30).

É evidente que não sonhamos de modo absolutamente aleatório, mas a variação e a dispersão onírica diminuem frente a algo traumático, isto é, face a um acontecimento intenso e extenso, impactante e mundial, capaz de subverter a realidade tal qual os sujeitos estavam acostumados a imaginá-la. Este acontecimento<sup>11</sup>, ou seja, este trauma individual e coletivo, diz respeito à pandemia de Covid-19, apreendida, nesta pesquisa, como um evento único e inesperado que suspendeu de imediato todas as formas de continuidade histórica, algo que não se repete e que rompe com a estrutura, ou com a rede causal, e que propiciou uma dispersão de enunciados a respeito dos sonhos.

A pandemia de Covid-19 começou com um surto de pneumonia identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China. Causado por uma nova cepa de coronavírus (SARS-CoV-2), este “surto de pneumonia” foi notificado à Organização Mundial da Saúde (OMS) em 31 de dezembro de 2019. Após se constatar que esse vírus havia se disseminado por praticamente todos os países, inclusive pelo Brasil, onde o primeiro caso de infecção foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, a OMS reconheceu, em 11 de março de 2020, que o mundo estava envolvido em uma Crise Sanitária Mundial<sup>12</sup>.

Entre os inúmeros impactos decorrentes da pandemia de Covid-19, chama atenção o número de mortes que, segundo a *University & Medicine Johns Hopkins* (2023), somam mais de 6 milhões. Em que pesem as evidências de subnotificação e o fato de que as populações vulneráveis foram as mais sacrificadas, somente no Brasil, o número de vidas ceifadas ultrapassou a marca dos 700 mil, ou seja, aproximadamente 10% de todas as vítimas da Covid-19 pereceram em *Terra Brasilis*<sup>13</sup>.

A pandemia impactou de modo decisivo a vida e a morte de muitas pessoas, mas também esteve presente em alterações mais ou menos profundas de práticas cotidianas, tais como a educação, que também sentiu os efeitos desse acontecimento e, em função dele, teve que mudar radicalmente seu *modus operandi* presencial para a modalidade remota, demandando dos (as) professores (as) uma rápida readequação de suas práticas para dar continuidade às atividades pedagógicas e uma reinvenção na forma de se relacionar com o processo de ensino e aprendizagem<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> A noção de “acontecimento”, que aparece nesta parte do texto, pode ser melhor compreendida em Foucault (2008; 2009), Possenti (2006; 2021) e Revel (2005). Além disso, ela será novamente abordada no início do segundo capítulo “Discursos sobre sonhos no Brasil pandêmico”.

<sup>12</sup> Brasil (2020); Croda e Garcia (2020); Werneck e Carvalho (2020).

<sup>13</sup> Brasil (2024).

<sup>14</sup> Avelino e Mendes, 2020; Oliveira (2020); Villas Bôas e Unbehaum (2020); Unesco (2020).

A pandemia também surtiu efeito sobre o sistema lexical, de modo que foram acrescentados novos termos e novos sentidos<sup>15</sup>, a exemplo de *live*, *corona*, *Covid-19*, *quarentena*, *lockdown*, *confinados*, *isolamento social*, *subnotificação*, *telemedicina*, *videoaula*, *home office*, *máscara*, *álcool em gel*, *cloroquina*, *linha de frente*, *novo normal*, *fique em casa*<sup>16</sup>. Ainda pudemos observar a forma como esse estado de calamidade, do ponto de vista econômico, não alterou a tendência predominante do capitalismo liberal ao beneficiar uns poucos e prejudicar muitos outros, ou seja, ao privilegiar os super-ricos, que ficaram ainda mais ricos, ao passo que bilhões ficaram mais pobres<sup>17</sup>. Em suma, as condições históricas e a emergência desse acontecimento traumático, que possibilitou o aparecimento de enunciados dispersos sobre sonhos no Brasil, parecem indicar que a população mundial, de modo geral, e os brasileiros, de modo específico, passaram a ter mais interesse por seus pensamentos oníricos durante o sono.

Ainda não há estudos quantitativos que comprovem se, durante a pandemia de Covid-19, os sujeitos sonharam mais, ou se, a partir do isolamento social, deram mais atenção aos seus sonhos. O fato é que a discussão acerca deste fenômeno se disseminou pelas redes sociais e pelos veículos tradicionais de comunicação — rádios, TVs, revistas, jornais —, além de atrair os olhares de historiadores, psicólogos, psicanalistas, linguistas, neurocientistas, líderes indígenas, antropólogos, entre outros.

Como destaca o professor e psicanalista Christian Dunker, um dos responsáveis pela pesquisa intitulada *Sonhos confinados em tempos de pandemia*, projeto desenvolvido por pesquisadores (as) de três Universidades Públicas Brasileiras<sup>18</sup>, foi nessa conjuntura que os sujeitos começaram a lembrar mais de seus sonhos:

a ter a sensação de sonhos mais vívidos, mais intensos. Como disse um dos sonhadores: “não tenho certeza de nada, só que esses sonhos estão ficando mais ‘reais’”. As redes sociais, rapidamente, tornaram-se um espaço de compartilhamento dessas narrativas. O sonho entrou na nossa realidade, e a realidade, ou o que ainda restava dela, invadiu nossos sonhos. Em algum momento de março de 2020 começava, de fato, o século XXI. (Dunker et al., 2021a, p. 10)

---

<sup>15</sup> Além dos novos termos acrescentados ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), antigas palavras e expressões materializaram efeitos linguísticos da pandemia e passaram a circular com mais frequência e novos sentidos.

<sup>16</sup> Baronas, Costa e Rodrigues (2022); Dunker et al. (2021a).

<sup>17</sup> Nexo (2024).

<sup>18</sup> A pesquisa “Sonhos confinados em tempos de pandemia” foi desenvolvida pelas Universidade de São Paulo — USP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS e Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG. Essa pesquisa foi coordenada pelos professores-psicanalistas Christian Dunker, Cláudia Perrone, Gilson Iannini, Miriam Debieux Rosa e Rose Gurski.

Por meio do relato substancial de pensamentos oníricos, coletados por meio de um questionário *on-line* ainda durante a primeira onda da Crise Sanitária Mundial, a pesquisa *Sonhos confinados em tempos de pandemia* constituiu um discurso que, além de refletir sobre a função coletiva do sonho e do sonhar, buscou compreender os efeitos inquietantes do sofrimento psíquico e sociopolítico no período pandêmico ao articular os sonhos, a política e a psicanálise. Dessa forma, conforme vemos nesse discurso, em consequência da pandemia de Covid-19, os sonhos se tornaram “mais vívidos”, “mais intensos”. Ademais, ainda que por um período relativamente curto, os discursos sobre este objeto se disseminaram e ocuparam um espaço importante do debate público e das conversas privadas. Isso porque esse fenômeno teria conseguido captar a subjetividade da época, momento esse de curta duração sócio-histórica, em que a humanidade teve que lidar com a sua inerente vulnerabilidade e no qual os sonhos conseguiram traduzir as sensações, os sentimentos e as sensibilidades do tempo presente — medo, depressão, desamparo, esperança.

É certo que a constituição, a formulação e a circulação<sup>19</sup> dos discursos não foram as mesmas na longa duração. Por conseguinte, foi dada uma “maior” ou uma “menor” evidência àqueles concernentes aos sonhos em determinadas condições de produção<sup>20</sup> e as formas para melhor se interpretar os seus sentidos correlatos se deslocaram e se transformaram. Assim, na esteira de Pêcheux<sup>21</sup>, ao analisar os discursos que se disseminaram sobre este objeto em função de um acontecimento, ou seja, em função da pandemia de coronavírus, é importante considerar certas práticas de leitura aplicadas aos elementos textuais, as quais consistem em ampliar ou “[...] multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (Pêcheux, 2012, p. 44).

Esses pressupostos teórico-metodológicos, entre outros, são fundamentais para se analisar o funcionamento dos discursos em diferentes formações sociais. No que respeita aos discursos sobre sonhos, por exemplo, sabe-se que, na Antiguidade, seja porque os sonhos eram apreendidos como presságios do futuro e, por isso, representavam um “canal de

---

<sup>19</sup> A constituição corresponde ao eixo vertical, isto é, ao momento histórico-ideológico mais amplo que instaura a repetição e/ou o silenciamento; a formulação, por sua vez, é associada ao eixo horizontal, no qual a linguagem atualiza uma memória por meio das palavras que são selecionadas, sequencialmente organizadas e enunciadas; e, por fim, a circulação diz respeito aos espaços, que nunca são neutros, por onde os discursos transitam (Orlandi, 2001).

<sup>20</sup> As condições de produção envolvem, por um lado, as circunstâncias da enunciação (contexto imediato) e, por outro, o contexto sócio-histórico, ideológico. Esses dois sentidos estão presentes em toda situação de linguagem (Orlandi, 2003, 2006).

<sup>21</sup> Pêcheux (2012).

comunicação” dos Deuses com os homens<sup>22</sup>, seja por estarem relacionados ao cuidado de si e revelarem um modo de existência — uma prática comum e popular — e transmitirem uma verdade das/as pessoas que viviam nesse período<sup>23</sup>, a experiência onírica ocupava um lugar de destaque. Na Idade Média, período extenso da história Ocidental, cujo poder, em grande medida, estava concentrado nas “mãos” da Instituição Religiosa Católica, Le Goff<sup>24</sup> observa, entre outros aspectos, a herança cultural greco-romana herdada pelos eruditos cristãos que tiveram que gerir as manifestações oníricas e suas interpretações, presentes, sobretudo, no Antigo Testamento. Por sua vez, na modernidade, com o advento do racionalismo, certos discursos engendram uma ruptura ao passarem a enxergar os sonhos como um fenômeno insignificante, fonte de blasfêmia e danação, supérfluo e sem sentido<sup>25</sup>. Já na contemporaneidade, com a publicação do livro *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud, o interesse pelas práticas de interpretação dos sonhos vigentes na Antiguidade é mais ou menos retomado. De acordo com Lacan (1986), com esta obra, considerada um dos textos mais importantes da história da psicanálise, Freud se afastou das leis da física, das forças de atração e repulsão e ousou dar ênfase àquilo que lhe acontecia — infância, neurose, sonho, contingências da vida — e introduzir algo como uma essência dos sonhos, a saber, o sentido. Assim:

Freud pareceu ligar-se então ao pensamento mais arcaico — ler alguma coisa nos sonhos. Ele volta em seguida à explicação causal. Mas, quando interpretamos um sonho, sempre estamos em cheio no sentido. O que está em questão é a subjetividade do sujeito, nos seus desejos, na sua relação com seu meio, com os outros, com a própria vida. (Lacan, 1986, p. 9)

Desta forma, a partir de Freud, os sonhos passam a ser tratados como a “estrada real” para o conhecimento do inconsciente pela psicanálise, cuja principal função seria a realização disfarçada de um desejo reprimido. Os sonhos, ou melhor, o que se começa a dizer sobre eles no início do século XX, bem como seus “novos” modos e lugares de uso, são investidos de um saber acerca da subjetividade do sujeito e, conseqüentemente, passam novamente a ser vistos com interesse e a ocupar um lugar relevante no tratamento dos sintomas de doentes dos nervos.

Contudo, ainda que Freud seja considerado um marco, uma referência difícil (quando não impossível) de se contornar, quando se institui discursos sobre sonhos como objeto de

---

<sup>22</sup> Freud (2014, 2022).

<sup>23</sup> Foucault (2005).

<sup>24</sup> Goff (1994).

<sup>25</sup> Ribeiro (2019).

análise, historiadores como Reinhart Koselleck (2017), Peter Burke (2000) e o já citado Jacques Le Goff (1994, 2006) destacam que, para além do uso restrito à clínica individual do sofrimento psíquico do sujeito, os sonhos exprimem características históricas, sociais e culturais. Sob esta perspectiva, eles possuem um caráter universal e variam conforme a cultura, o tempo e o espaço. Essas particularidades, para os historiadores supracitados, podem fazer com que o fenômeno onírico se torne ainda mais complexo, visto que os sonhos seriam “determinados” em larga medida por certos padrões culturais. Além disso, as mudanças, as intensificações e as recorrências nas imagens dos conteúdos manifestos<sup>26</sup> podem ajudar a compreender os reprimidos, os desejos, as ansiedades, os conflitos e, até mesmo, a dimensão histórica, política e social, além da prospecção futura de determinado contexto.

Nesse sentido, o livro *Sonhos no terceiro Reich*, escrito pela jornalista e ensaísta Charlotte Beradt<sup>27</sup>, que, durante a ascensão do nazismo na Alemanha, reuniu o relato de 300 sonhos, quiçá, dialoga com a dimensão “histórica, política e social” desse fenômeno. Beradt organizou a descrição de sonhos do alemão médio, ou seja, suas perguntas foram dirigidas à costureira, ao vizinho, à tia, ao leiteiro, ao amigo. Conforme a ideia apresentada em seu texto, os sonhos não seriam experiências individuais e singulares, antes são experiências intervalares entre o coletivo e o particular, entre o público e o privado. Como resultado, os relatos contidos nessa publicação, devido à influência que sofreram dos acontecimentos políticos da época, são identificados como uma espécie de “sismógrafo” da realidade social<sup>28</sup>.

Beradt migrou para os Estados Unidos em 1939, por ocasião da invasão da Polônia orquestrada pela Alemanha, que, à época, era governada por Hitler, tendo como resultado a deflagração da Segunda Guerra Mundial. Hitler, que governou a Alemanha de 1933 a 1945, aproveitando-se da crise econômica, colocou em prática muitas leis segregacionistas, inflou o ressentimento, censurou os opositores e colocou a nação sob a tutela do Estado. O líder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães estimulou a violência das milícias, usou a linguagem para falar às massas e, paradoxalmente, calar o povo<sup>29</sup>. Ele e seus legionários disseminaram a violência, a cultura do ódio, da mentira, do medo, da suspeita e, além disso, colocaram em prática o horror dos campos de concentração<sup>30</sup>.

---

<sup>26</sup> Resumidamente, o conteúdo manifesto equivale ao seu relato, enquanto o conteúdo latente está relacionado ao desejo inconsciente que, devido ao trabalho do sonho associado à censura, torna-se, na maioria dos casos, incompreensível e absurdo (Freud, 2022).

<sup>27</sup> Charlotte Beradt nasceu na Alemanha (Forst), em 1907, e faleceu nos Estados Unidos (Nova Iorque), em 1986. Ela foi tradutora de Hanna Arendt, de quem se tornaria amiga e, em 1966, publicou o livro sobre os impactos da experiência política totalitária nos sonhos dos sujeitos.

<sup>28</sup> Beradt (2017).

<sup>29</sup> Piovezani (2021).

<sup>30</sup> Dunker (2017); Hobsbawm (2007).

Em face do cenário descrito acima, os trezentos sonhos reunidos no livro *Sonhos no terceiro Reich* chamam a atenção porque os sujeitos que participaram dessa experiência, embora não tivessem vivido o ápice do horror, a guerra e os campos de concentração, ao menos até o momento em que seus relatos foram feitos, projetaram esse futuro próximo. Como argumenta Beradt (2017, p. 33-34), alguns sonhos eram:

parecidos com diários noturnos, [pois,] por um lado, pareciam registrar minuciosamente, como sismógrafos, o efeito, no interior da pessoa, de acontecimentos políticos externos; por outro, derivavam de uma atividade psíquica involuntária. Dessa forma, sonhos poderiam ajudar a interpretar a estrutura de uma realidade prestes a se tornar um pesadelo.

Em uma realidade que flerta com a ficção, ou mesmo com a distopia, a loucura, o absurdo e o caos, como em tempos de guerra, de revolução, de ditadura e de pandemia, ou ainda em tempos nos quais políticos de extrema-direita ascendem ao poder, como no caso do Brasil, sob o governo de Jair Bolsonaro, e dos Estados Unidos, sob o governo de Donald Trump, os sonhos podem ajudar a tornar os fenômenos históricos, políticos e sociais mais “cognoscíveis”. Isto ocorre porque a linguagem, as formas simbólicas, as narrativas padrão e o repertório de imagens compartilhadas não conseguem apreender tudo o que está acontecendo na vigília. Além disso, conforme o discurso sobre o pensamento onírico destacado acima, os sonhos são capazes de interpretar uma realidade prestes a se tornar um pesadelo, ou seja, “podem” operar uma prospecção do tempo que está por vir.

Dessa forma, a partir desse acontecimento ímpar na história recente da humanidade (uma vez que a pandemia mais expressiva de que se tinha notícia até então ocorreu no final da Primeira Guerra Mundial<sup>31</sup>), em que há uma série de dizeres dispersos sobre sonhos, cuja emergência se deve à Crise Sanitária Mundial causada por uma cepa de coronavírus (SARS-CoV-2), acredita-se que discursos sobre sonhos na longa duração, de modo geral, e discursos sobre sonhos no Brasil durante a pandemia de Covid-19, de modo específico, constituem um tema relevante a ser investigado-retomado. Conquanto se trate de um fenômeno universal cuja produção bibliográfica abrange a própria história da humanidade, seguindo os ensinamentos de Foucault<sup>32</sup>, busca-se executar uma pesquisa que se organiza com base no estado atual do saber; que interpreta o passado como algo constituído de múltiplas histórias e que compreende que a descontinuidade, a inversão, a especificidade, a exterioridade, ou ainda, o limiar, a ruptura, o corte, a mutação e a transformação, devem se sobrepor à noção de continuidade, à

---

<sup>31</sup> Estima-se que a gripe espanhola, causada por uma linhagem do vírus influenza, matou mais de 50 milhões de pessoas ao redor do mundo entre 1918 e 1920 (Schwarcz; Starling, 2020).

<sup>32</sup> Foucault (2008, 2009).

minúcia dos começos estáveis, à unidade de uma obra — de um tema ou de uma época —, à marca da originalidade individual e à pretensão de reconstruir o passado partindo dos “documentos” históricos.

Fundamentalmente, ainda que os discursos que foram constituídos e formulados, que circularam e se desenvolveram, que se transformaram e foram retomados no decorrer dos séculos estejam presentes nesta pesquisa, na medida em que abrangem o interdiscurso<sup>33</sup> do objeto estudado, a especificidade do *corpus* é estabelecida com base na definição temporal da pandemia de Covid-19. Desse modo, o conjunto de sequências discursivas<sup>34</sup> reunidas compreende uma série de textos veiculados nos principais portais de notícias e jornais de comunicação de massa do país, reportagens publicadas em revistas de divulgação cultural e entretenimento, comunicações sobre projetos de pesquisas em desenvolvimento difundidas em *sites* de universidades públicas brasileiras sobre a temática “sonhos durante a pandemia de Covid-19”.

De modo conciso, o *corpus*, ou seja, o conjunto de dados que tratam do tema de interesse, foi constituído e organizado a partir da reunião de uma gama de enunciados promovidos a objeto de análise. Esse procedimento de organização do *corpus* configura uma aposta na representatividade, na sistematicidade e na interpretação<sup>35</sup>, considerando, todavia, os limites propostos por essa perspectiva ao compreender que essa forma de se conceber o objeto de análise passou por transformações no interior da Análise do Discurso, vinculando-se fortemente à noção de arquivo. Como argumenta Sargentini (2000), o *corpus*, a partir da noção de arquivo, não é mais dado a priori, construído a partir do saber do analista. Ele passa a ser constituído por textos variados e por gêneros diversos, que circulam em diferentes suportes e tratam de um mesmo tema, conceito ou acontecimento. Isso sugere que sua construção pode ser concluída apenas no fim da análise<sup>36</sup>. Assim, para formar o conjunto de sequências discursivas que foram analisadas nesta pesquisa, optou-se por considerar a delimitação temporal estabelecida pela OMS, no que diz respeito ao início e ao término da

---

<sup>33</sup> O interdiscurso se constitui de todo já dito e do dizível, condição necessária para todo dizer.

<sup>34</sup> Sabemos, a partir de Courtine (2009, 2016b), que as partes extraídas do conjunto de textos que compõe o *corpus* costumam ser nomeadas de “sequências discursivas”. Contudo, também empregamos neste trabalho, para nos referirmos “às partes extraídas do conjunto de textos que compõe o *corpus*”, os termos fragmento, excerto e trecho. Enfatizamos que, de nossa parte, não pretendemos negligenciar essa noção e, tampouco, relativizar nosso compromisso com a teoria.

<sup>35</sup> Malidier e Guilhaumou (2020).

<sup>36</sup> Para mais esclarecimentos, remete-se o leitor ao texto de Courtine (2009) e aos textos de Foucault (2009, 2010).

Crise Sanitária Mundial<sup>37</sup>, e por utilizar dois buscadores entre os mais conhecidos e populares da *internet*, a saber, o *Google* e o *Bing*<sup>38</sup>, com os sintagmas nominais de entrada: “Sonhos na pandemia” e “Sonhos na quarentena”. Destaca-se ainda que, a fim de não se submeter integralmente ao tratamento da informação processada pelo algoritmo, optou-se por realizar as buscas no *Google* e no *Bing* em cinco computadores diferentes. Além disso, todas as máquinas se encontravam deslogadas no momento em que o buscador foi utilizado. Priorizou-se os dez primeiros resultados encontrados como uma forma de se começar a construir o *corpus* a partir da intersecção com a noção de arquivo.

Quanto aos propósitos deste estudo, estipula-se como objetivo geral: identificar, selecionar, descrever e interpretar o que se diz e os modos de dizer sobre sonhos no Brasil durante a pandemia de Covid-19. Para melhor explicitar os objetivos específicos deste trabalho, cumpre acrescentar que a pesquisa em questão tem em perspectiva: i. traçar um panorama de discursos sobre sonhos em diferentes condições de produção na longa duração histórica, com vistas a melhor identificar o que se conserva, retoma-se, atualiza-se, desenvolve-se e se transforma em enunciados semelhantes produzidos no Brasil durante a pandemia de Covid-19; ii. compreender os processos discursivos de enunciados sobre sonhos materializados durante o surto de coronavírus, no intuito de verificar se eles reproduzem, reformulam (de vários modos: a partir de acréscimos, supressões, inflexões etc.) ou apagam discursos sobre fenômenos oníricos produzidos em condições históricas e sociais de trauma; iii. identificar, descrever e interpretar certos enunciados em suas relações com as emoções em discursos sobre sonhos materializados no Brasil no período pandêmico para indicar presenças e atuações de sensações e sentimentos no discurso, fenômenos fundamentais da constituição dos sujeitos e dos sentidos, particularmente na produção discursiva atrelada a traumas coletivos. Por último, dada a relevância dos projetos *Sonhos confinados em tempos de pandemia* e *Inventário de sonhos*, eventualmente teceremos alguns comentários acerca dos enunciados produzidos pelos pesquisadores que participaram desses empreendimentos.

No que se refere à abordagem teórica, visto que discursos concorrem decisivamente para constituição de nossos sonhos e são ainda fundamentais para a produção dos sentidos a seu respeito, para analisá-los, mobilizaremos postulados e noções da Análise do discurso francesa, aportes teóricos da obra de Foucault e algumas noções da historiografia

---

<sup>37</sup> A OMS reconheceu o “início” da pandemia de Covid-19 em 11 de março de 2020; e, após se passarem mais de três anos, no dia 05 de maio de 2023, a própria agência declarou o fim da Crise Sanitária Mundial (Chade, 2023).

<sup>38</sup> Com a intenção de não se submeter integralmente ao tratamento da informação processada pelo algoritmo, optou-se por realizar as buscas no *Google* e no *Bing* em cinco computadores diferentes. Além disso, todas as máquinas se encontravam ou foram deslogadas no momento em que o buscador foi utilizado.

contemporânea. Ressalta-se que a escolha por essa abordagem se deve, sobretudo, à articulação desta pesquisa com os trabalhos desenvolvidos na última década pelo diversificado grupo de pesquisadores que integram o Laboratório de Estudos do Discurso — Labor/UFSCar, grupo este que não se exime da preocupação constante “[...] em dispensar a devida atenção à historicidade constitutiva do discurso” (Piovezani; Curcino; Sargentini, 2014, p. 11).

Com efeito, a fim de se evitar certas ambiguidades, possíveis equívocos e determinadas expectativas, faz-se necessário retomar o quadro epistemológico geral da teoria do discurso francesa e prestar uma elucidação. Como destacam Pêcheux e Fuchs (2014), a teoria do discurso reside na articulação de três regiões do conhecimento científico, quais sejam o materialismo histórico, a linguística e a própria teoria do discurso<sup>39</sup>. No parágrafo subsecutivo a esta proposição, o quadro epistemológico geral é completado pelos autores: “[...] Convém explicitar ainda que essas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 160). No que concerne especificamente a intersecção entre a Análise do discurso e a psicanálise, espaço em que certos conceitos circulam e os contornos não são nítidos<sup>40</sup>, onde existe uma relação complexa que incomoda os analistas do discurso<sup>41</sup> ante ao enorme impasse deixado por Pêcheux<sup>42</sup> e que, segundo Plon (2012), merece ter uma ou várias continuações, cumpre explicar que as relações epistemológicas entre ideologia e inconsciente não são aprofundadas nesta pesquisa. Não obstante, mesmo que possa parecer paradoxal, não se negligenciam as importantes reflexões a respeito da interface da Análise do discurso com a psicanálise, ou seja, compreende-se que as referências a essa “teoria da subjetividade” são frequentes na obra de Pêcheux, que ideologia e inconsciente não são a mesma coisa, embora sejam indissociáveis quando se trata de dissimular sua própria existência e produzir as *evidências subjetivas* que constituem os sujeitos, além de se manterem próximos e se constituírem pela linguagem, enquanto forma material<sup>43</sup>. Enfim, conquanto essa discussão seja importante e tenha o potencial de tornar esta pesquisa mais densa, haja vista que discursos sobre sonhos constituem seu objeto de análise e que alguns conceitos psicanalíticos são empregados para melhor se descrever e interpretar a materialidade do *corpus*, reitera-se

<sup>39</sup> “1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 160).

<sup>40</sup> Ferreira (2010).

<sup>41</sup> Mariani (2012).

<sup>42</sup> Dunker, Paulon e Milán-Ramos, (2017).

<sup>43</sup> Malidier (2003); Pêcheux (2014a, 2014b).

que esta pesquisa busca, conforme descrito acima, responder aos objetivos elencados. Por essa razão, essa questão não será perscrutada<sup>44</sup>.

Sendo assim, na França, a partir dos anos 1960, época do desenvolvimento teórico da Análise do discurso, o termo “discurso” parece ter estado onipresente. Althusser escreve, em 1966, “Três notas sobre a teoria do discurso”; em 1967, André Glucksmann publica seu ensaio filosófico “O discurso da guerra”; Lacan, em 1969, introduz e desenvolve a teoria dos quatro discursos no seminário “O avesso da psicanálise”; ainda em 1969, Pêcheux defende e publica sua tese em psicologia social, tese esta que deu origem ao texto fundador “Análise automática do discurso — AAD-69”<sup>45</sup>. Ademais, no final da segunda metade da década de 60, Foucault tratava da produção discursiva, porque lhe interessava melhor compreender sua decisiva incidência na construção do saber. Aliás, em 1969, ele publica seu livro metodológico de Análise do discurso, a saber, “A arqueologia do saber”<sup>46</sup>.

Dessa forma, desenvolvida na França por Michel Pêcheux e seu grupo a partir da década de 60, a Análise do discurso materialista nasce simbolicamente em 1969 com o lançamento do livro “Análise Automática do Discurso”. Formado em filosofia pela Escola Normal Superior da rua d’Ulm, local onde Althusser — de quem Pêcheux sofre forte influência — desenvolvia suas pesquisas sobre a ideologia e onde, a partir de 1966, Lacan fará alguns de seus seminários, Pêcheux, ao ser afetado de alguma forma pela ciência da linguagem, pretende ampliar e deslocar, renovar e desconstruir o êxito estruturalista no campo das ciências humanas e sociais que, nos anos 50 e 60, dominaram a *intelligentsia* francesa<sup>47</sup>.

Conforme Maldidier, a publicação em 1969 da Análise Automática do Discurso marca o início, “[...] o momento quase mítico da fundação e do protótipo remodelado sem cessar, criticado, corrigido, finalmente abandonado, mas sempre presente [...]” (Maldidier, 2003, p. 19) de uma teoria do discurso que lançou questões fundamentais sobre os textos, a leitura e o sentido. Os discursos, enquanto objeto privilegiado desse campo do conhecimento, ocupam “[...] o lugar teórico onde se intrincam literalmente todas as suas [as questões de Pêcheux] grandes questões sobre a língua, a história e o sujeito” (Maldidier, 2003, p. 15).

Assim, a concepção de discurso em Pêcheux se apoia na linguística saussuriana, ainda que exista um deslocamento em relação ao corte epistemológico e, por extensão, à noção de

---

<sup>44</sup> Para mais informações sobre essa discussão, consultar os trabalhos de Bethania Mariani, Lauro José Siqueira Baldini, Maria Cristina Leandro Ferreira, Nina Virgínia de Araújo Leite, entre outros.

<sup>45</sup> Henry (2014).

<sup>46</sup> Plon (2012).

<sup>47</sup> Michel Foucault, Jacques Lacan, Roland Barthes, Jacques Derrida, entre outros, inserem-se no quadro de grandes intelectuais franceses que refletiram sobre o funcionamento da linguagem na segunda metade do século XX (Dosse, 1993; Henry, 2014).

língua que Saussure sustenta no Curso de Linguística Geral. Lembremos que, para Saussure, a língua (social, sistemática, concreta, objetiva), o verdadeiro objeto da linguística, diferente da fala (individual, acidental, abstrata, subjetiva), constitui-se “[...] num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (Saussure, 1975, p. 23). Contudo, a ideia subentendida de que a língua se organiza por meio de um conjunto definido de regras, em oposição à fala, que, colocada em uso pelo sujeito, expressaria a sua liberdade no uso da primeira, não se confirma, uma vez que essa “liberdade” está submetida às leis jurídicas e às determinações sócio-históricas que limitam a liberdade de expressão<sup>48</sup>.

A Análise do discurso estabelece uma relação não dicotômica entre língua e discurso, entre o que é linguístico (social) e a exterioridade (histórica) que o determina, ou seja, o encontro entre a língua e a história é constitutivo do conceito de discurso e imprescindível para a formação de sentido. Aliás, o sentido, para esse campo do conhecimento, não se encontra na essência das palavras, na medida em que elas não têm um sentido nelas mesmas, isto é, as palavras têm história e falam com outras palavras, estabelecendo uma relação entre os dizeres. Por isso, Pêcheux argumenta que a “transparência da linguagem”, que cria as evidências da significação, é o oposto daquilo que a abordagem discursiva chamará de “o caráter material do sentido”. Conforme essa noção:

*o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito (Pêcheux, 2014a, p. 146-47).*

Podemos dizer que os discursos compreendem a materialização privilegiada das diferentes ideologias de uma sociedade, considerando que a ideologia não é ocultação ou ilusão da realidade, antes, é efeito de evidência e de estabilidade, condição necessária para a constituição dos sentidos e dos sujeitos<sup>49</sup>. Uma vez que as formações ideológicas comportam

---

<sup>48</sup> Pêcheux (2020).

<sup>49</sup> Orientado pela teoria de Althusser quanto à função da ideologia nas sociedades divididas em classes, que, de modo geral, pode ser vista como uma das instâncias da formação social, exercendo a função de manter a divisão das sociedades em classes e garantir a reprodução dos meios de produção e das forças produtivas, Pêcheux, ao

em seu interior uma ou várias formações discursivas, os discursos ainda determinam o que pode e deve ser dito, sendo que as palavras e os enunciados pronunciados num certo contexto determinado pela luta de classes, por serem afetados pela posição na qual se reconhece o sujeito, podem produzir efeitos iguais ou distintos quando inseridos numa ou noutra formação discursiva. Além disso, não é exagerado lembrar que os sentidos das coisas ditas sempre são determinados ideologicamente. Tudo que dissemos possui um traço ideológico, “e isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele” (Orlandi, 2003, p. 43).

Cumpra acrescentar que os discursos ainda podem ser caracterizados “[...] como um processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base, a saber, a materialidade linguística” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 180). Do mesmo modo, considerado processo social ou sequência verbal oral ou escrita de tamanho variável, em geral superior à frase, os discursos também devem ser apreendidos a partir das condições de produção que os constituem em sua relação com o que lhes é exterior<sup>50</sup>. Além disso, são atravessados por outros, ou seja, todo discurso remete a um outro discurso, presente nele por sua “ausência necessária”. Em síntese, o discurso move o mundo, constituindo as coisas e os fenômenos de que os sujeitos pensam e fazem, falam e sentem<sup>51</sup>.

Já Foucault, por seu turno, embora não muito longe, mas evitado nos primeiros trabalhos elaborados por Pêcheux e seu grupo<sup>52</sup>, ocupa uma posição proeminente quando se pretende compreender *A ordem do discurso* e/ou descrever o arquivo. Isso porque, tanto Pêcheux quanto Foucault, cada um a seu modo, defrontaram-se com o espírito da época, isto é, com a emergência da noção de discurso que se impôs na segunda metade do século XX na França. Com efeito, para além das singularidades de cada projeto, das críticas e recusas, ou mesmo das incorporações que porventura sobrevieram, não são poucos os pesquisadores desse campo do conhecimento que defendem que os postulados, as noções e os métodos

---

ressignificar essa noção, busca compreender as relações entre linguagem e ideologia (Althusser, 1979, 1996; Henry, 2014). Para Pêcheux (2014a, p. 146), a ideologia constitui as “[...] evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’ aquilo que chamamos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados”. Além disso, prossegue Pêcheux (2014a, p. 149), “dizendo que o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse processo) e fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistemas de evidências e de significações percebidas — aceitas — experimentadas”.

<sup>50</sup> Pêcheux e Fuchs (2014); Plon (2012).

<sup>51</sup> Piovezani e Alves (2023).

<sup>52</sup> Mالدیدier (2003).

propostos pelo filósofo, podem enriquecer as reflexões sobre o discurso e tornar as análises mais consistentes<sup>53</sup>.

A ordem do discurso se impõe em virtude das inquietações que o discurso suscita: inquietação em face do que é o discurso em sua realidade material, perante a sua existência transitória e imponderável, diante de uma função normativa e reguladora que coloca em funcionamento a produção de saberes, de estratégias e de práticas. Fundamentalmente, Foucault acredita que, em toda sociedade, o discurso é controlado, selecionado, organizado, classificado, ordenado, distribuído e redistribuído “[...] por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 2009, p. 9).

Os procedimentos em questão foram descritos pelo filósofo em *A ordem do discurso*, por ocasião da sua aula inaugural no *Collège de France*. Em síntese, eles compreendem os dispositivos externos, internos e os mecanismos que têm a ver com as condições de seu funcionamento e com as regras impostas aos sujeitos. A fim de controlar seus poderes e perigos, os procedimentos externos interditam as palavras de algumas regiões, como, por exemplo, as da sexualidade e da política. Além disso, impõem a separação entre loucura e razão e observam a vontade de saber de cada época histórica. Por sua vez, os procedimentos internos visam, predominantemente, controlar o acaso dos acontecimentos discursivos por meio do comentário, do princípio do autor e da disciplina. O terceiro grupo de procedimentos que permite o controle dos discursos trata de determinar as condições de seu funcionamento, impondo aos sujeitos um conjunto de regras que restringe o acesso a determinadas regiões do discurso, ou seja, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 2009, p. 37).

Portanto, a noção de discurso em Foucault consiste numa ordem histórica, social e cultural que controla a emergência dos enunciados em todas as sociedades. Irredutível à ideia da língua enquanto sistema de signos e regras de combinação, bem como à premissa da fala individual, com suas devidas variações, o discurso deve ser visto, tratado, analisado, primeiramente, como um conjunto de acontecimentos discursivos, ou seja, como uma série de enunciados heterogêneos e dispersos, mas que apresentam alguma regularidade e, por essa razão, podem ser apreendidos. Ademais, os discursos podem pertencer a campos diferentes do conhecimento e obedecer a regras de funcionamento comuns, sendo que elas não são somente linguísticas, mas antes, históricas.

---

<sup>53</sup> Piovezani, Curcino e Sargentini (2014).

Quanto à concepção de história para Foucault, conforme brevemente discutida neste texto e tal qual exposta em sua *A arqueologia do saber*, reitera-se e subscreve-se que existem várias histórias e vários passados ordenados pela atualidade do saber, que a história não deve mais procurar o caminho da continuidade, da linearidade e da busca por uma origem, e que esta disciplina mudou sua relação com o arquivo, o qual deixa de ser examinado como documento para ser tratado como monumento. Aliás, cumpre ressaltar que o arquivo pode ser entendido como um conjunto de regras dadas por uma sociedade em uma época determinada, definindo, *grosso modo*, os limites e as formas da dizibilidade, os limites e as formas da conservação, os limites e as formas da memória, os limites e as formas da reativação e os limites e as formas da apropriação<sup>54</sup>. Por isso, é fundamental distinguir o documento, isto é, a informação sobre uma época tida como inequívoca e transparente, do monumento, no qual se pode apreender a emergência dos enunciados e distinguir a história das coisas ditas em sua formação e transformação<sup>55</sup>. Como argumenta Foucault (2008, p. 8):

Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos.

Essa noção crítica frente à história que considera os elementos do arquivo como monumento, e não como documento, tem algumas consequências, uma vez que são restituídos ao discurso tipos de acontecimentos diferentes, conforme sua duração, raridade e repetitividade e, por essa razão, multiplicam-se as rupturas. Assim, a ideia de descontinuidade, deveras contornada, reduzida, apagada, torna-se fundamental ao evidenciar que não há um discurso contínuo, único e universal. Além disso, a possibilidade de uma história *global*, que visa a reconstituir a forma de conjunto ininterrupta de uma civilização, começa a se apagar, e uma história *geral*, que problematiza as séries, as especificidades cronológicas e os tipos possíveis de relação, sobrepõe-se em seu lugar. Por fim, alguns problemas metodológicos se apresentam, como a constituição de *corpus* coerentes e homogêneos, o estabelecimento de um princípio de escolha, as referências aos acontecimentos, às instituições e/ou às práticas, e a análise das palavras empregadas.

---

<sup>54</sup> Foucault (2010).

<sup>55</sup> Sargentini (2019).

Cumprir acrescentar, a fim de encerrar a breve discussão-apresentação da abordagem teórica presente nesta pesquisa, uma ponderação sobre a historiografia contemporânea, particularmente no que diz respeito à história das sensibilidades.

Sabemos que os discursos têm uma dimensão afetiva, visto que não há falas e não há sentidos que não tenham sentimentos. Nos discursos sobre sonhos que se materializaram no decorrer da pandemia de Covid-19, provavelmente esta sua dimensão afetiva esteve ainda mais presente e manifesta e, por isso, as relações entre discurso e emoções, a partir da Análise do discurso e de aportes da História das sensibilidades, completam a intersecção entre os campos do conhecimento que embasam este estudo.

A História das sensibilidades é uma das áreas privilegiadas no interior das ciências humanas no exame das sensações e dos afetos. Além disso, ela é compatível com a AD, porque concebe história e sociedade como constituintes das sensibilidades. Assim, esse campo do saber considera que as emoções, como a alegria, o medo, a vergonha, o luto, o prazer, entre outras, independentemente da época, do lugar e da cultura, sempre acompanharam a humanidade<sup>56</sup>. Essa inscrição evidente, regular e constante das emoções nas sociedades humanas aproxima épocas, generaliza lugares, insinua experiências comuns e reações supostamente compartilhadas, de tal forma que não é raro imaginar que as emoções são atemporais, isto é, que os índices de reconhecimento das emoções seriam inatos e inalterados na longa duração. Entretanto, esse axioma atemporal acerca das emoções não se sustenta, posto que elas têm história. Elas variam no espaço e se modificam no tempo, ou seja, as emoções “[...] têm suas fases, suas modulações, se conjugam, se singularizam, revelando possíveis existências para além de sua ampla existência genérica” (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a, p. 10).

Os autores da *História das emoções*<sup>57</sup> não colocam em causa a existência das emoções, tampouco seu traço extensivo, porém, asseveram que seu sentido se modifica, assim como sua forma, seu matiz, sua intensidade. O luto experimentado na Antiguidade por Aquiles, que teria vertido lágrimas, arrancado os cabelos e exprimido muitos gritos ante a morte de Pátroclo, não tem lugar na sociedade burguesa do século XIX, pois o luto “aqui” se expressa por meio da moderação gestual, do silêncio e da tranquilidade aparente. A fúria de Zeus é subvertida em princípio de desvario no cenário democrático, e o medo da *peste*, a partir da

---

<sup>56</sup> Corbin, Courtine e Vigarello (2020a).

<sup>57</sup> Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello escreveram/coordenaram a *História das emoções* (2020). Esta obra faz parte de um projeto maior, em curso por mais de quinze anos, que deu origem à *História do corpo* (2008) e à *História da virilidade* (2013). Esse grande projeto de interrogação histórica guiou-se pelos deslocamentos da historiografia contemporânea e pela via aberta pela história das mentalidades a partir da perspectiva genealógica.

perspectiva do castigo divino e sobrenatural, é suplantado pelo medo de contágio por meio do contato físico, decorrente do olhar médico. A emoção suscitada pela inescusável crueldade do algoz que esquarteja o condenado já não é mais suportável nas sociedades contemporâneas. Enfim, a percepção da morte, vista como “domada” e “familiar” no período medieval, é percebida como “indomada” e “amaldiçoada” na época contemporânea<sup>58</sup>.

Nesse limiar do século XXI, talvez mais do que antes, a emoção ocupe uma posição central na vida psíquica dos sujeitos. Conforme apontado acima, ela sempre acompanhou a humanidade, mas os seus sentidos, a depender do tempo, do espaço e da cultura, são distintos. Seu pleno controle, por exemplo, interpretado como parte de uma estratégia que denotaria o domínio de si, a força e a pujança viril, além de servir como parâmetro de classificação entre homens e mulheres, ricos e despossuídos, cidadãos e escravos, burgueses e proletários, com os deslocamentos e as rupturas gestados na longa duração, deixaram de ser um imperativo. Nisso a “invenção” do inconsciente por Freud teve um papel relevante, na medida em que “[...] se existe uma parte inconsciente da gênese das emoções sentidas, que sentido pode ter doravante a exigência de controle dos afetos cuja causa ignoramos?” (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020a, p. 18).

A *História das emoções* esboça a construção do espaço psíquico ocidental. Ela apreende, sobretudo em seu terceiro volume, a emergência irreprimível das transformações que impactam a sociedade pós-disciplinar. Ela mostra a intercorrência na relação do sujeito com seus sentimentos, à medida que, de uma maneira inédita, as pessoas passaram a conviver com o desconhecimento da gênese das emoções que lhes atravessam, com o triunfo do individualismo, com o recrudescimento do universo privado, com o relativo fim dos suportes fornecidos pelas instituições tradicionais, com a insegurança, com o medo e, enfim, com a ansiedade, entendida como uma zona privilegiada de produção discursiva que dominou as consciências<sup>59</sup>.

Dessa forma, diante do acontecimento da pandemia de Covid-19 e da emergência dos discursos sobre sonhos no Brasil, da sequência de interrogações organizadas em torno da constituição histórica, da formulação linguística e da circulação pelos espaços sociais desses enunciados no decurso da Crise Sanitária Mundial e, também, a partir da Análise do discurso, dos estudos discursivos foucaultianos e da História das sensibilidades, esta pesquisa está disposta, fundamentalmente, em três partes. Assim, no capítulo II, “Discursos sobre sonhos na longa duração”, a fim de se analisar os discursos sobre este objeto enquanto acontecimento

---

<sup>58</sup> Phillippe Ariès (2017).

<sup>59</sup> Corbin, Courtine e Vigarello (2020b).

linguístico, histórico e social, pretendemos engendrar uma análise perspectiva de “discursos sobre sonhos” em diferentes condições de produção na longa duração histórica. Buscamos ainda melhor identificar o que se conserva, retoma-se, atualiza-se, desenvolve-se e se transforma em enunciados similares produzidos no Brasil durante a pandemia de coronavírus.

No capítulo III, “Discursos sobre sonhos no Brasil pandêmico”, discutimos a emergência de enunciados que materializaram discursos sobre sonhos no Brasil durante a pandemia de Covid-19. Como veremos, em função do confinamento social (uma das estratégias colocadas em prática por muitos governos para conter o avanço da contaminação pelo coronavírus), uma parcela da população começou a dar mais atenção às manifestações oníricas durante o sono. Por conseguinte, com o avanço do surto de coronavírus, uma série de enunciados dispersos sobre sonhos se disseminou e começou a frequentar o debate público e as conversas privadas, dada sua repercussão em diferentes *sites*, revistas, jornais e instituições de pesquisa. Desse modo, o propósito da discussão feita neste capítulo — consoante ao que já se anunciou — é compreender, a partir dos fundamentos teóricos e metodológicos sinalizados, os processos discursivos de enunciados sobre sonhos materializados durante o surto de coronavírus, no intuito de verificar se eles reproduzem, reformulam (de vários modos: a partir de acréscimos, supressões, inflexões etc.) ou apagam discursos sobre fenômenos oníricos produzidos em condições históricas e sociais de trauma.

Já no capítulo IV, “Discursos sobre sonhos e emoções”, propomos descrever e interpretar discursos sobre sonhos no período pandêmico em suas relações com as emoções. Discorreremos especificamente sobre certas sensibilidades materializadas no conjunto de textos que compõe o *corpus*, tais como medo, depressão, desamparo e esperança. Sabemos, ao menos desde Aristóteles, que não há discurso sem *páthos*, bem como entendemos que a materialização das emoções no discurso segue uma ordem discursiva, ou seja, não é qualquer emoção que se enuncia e não é de qualquer modo que isso é feito. Por isso, com mais forte razão, pretendemos compreender de que maneira as condições históricas de produção agenciaram os afetos e influenciaram as sensibilidades dos sujeitos em tempos pandêmicos.

Assim sendo, com a importância de se cumprir com a promessa apresentada nesta *Introdução*, como também compreender os papéis desempenhados pelos discursos sobre sonhos numa sociedade, em particular quando ela sofre com a conjunção de uma Crise Sanitária Mundial e um governo de extrema-direita, encaminha-se para o primeiro capítulo desta tese que pretende apreender “Discursos sobre sonhos na longa duração”.

## 2 DISCURSOS SOBRE SONHOS NA LONGA DURAÇÃO

Nesse segundo capítulo, conforme apontamos acima, pretendemos descrever e interpretar uma série de discursos sobre sonhos em diferentes condições de produção na longa duração histórica, com vistas a melhor identificar o que se conserva, retoma-se, atualiza-se, desenvolve-se e se transforma em enunciados semelhantes produzidos no Brasil durante a pandemia de Covid-19.

Seguindo uma periodização estabelecida por segmentação da história baseada em acontecimentos do continente europeu, aqui estão previstas análises de discurso de sonhos produzidos na Antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna e na Época Contemporânea. A título de exemplo, distinguiremos certos discursos que apontam para uma noção bem consolidada quanto ao fato de os sonhos na Antiguidade ocuparem um lugar de destaque devido à sua capacidade de emitir vaticínios, enquanto na Idade Média, embora esse poder atribuído aos sonhos não tenha desaparecido, veremos como os eruditos cristãos tiveram que gerir as manifestações oníricas materializadas, sobretudo, no Antigo Testamento. Por outro lado, na Idade Moderna, com o advento do racionalismo, sinalizaremos a forma como discursos outros engendram uma relativa ruptura com as práticas vigentes na Antiguidade ao enunciar que os sonhos são uma simples ilusão, um fenômeno absurdo e sem sentido. Já na contemporaneidade, arrolaremos sobre a emergência do discurso freudiano, que, particularmente inscrito na obra *A interpretação dos sonhos*, ao construir um método inédito de interpretação desse objeto e elaborar uma teoria que remete a ele, indica que o relato e a análise de pensamentos oníricos pressupõem a compreensão de um desejo inconsciente do sujeito.

### 2.1 SONHOS ANTIGOS

Os enunciados sobre os sonhos na Antiguidade apontam para uma espécie de discurso hegemônico que atribuiria a eles uma função de oráculo. De acordo com Bunfinch (2002, p. 347), o oráculo era uma “[...] expressão usada para designar o lugar onde se supunha que as divindades consultadas davam respostas a respeito do futuro, assim como para designar a própria resposta dada”. Procedente do latim *oraculum*, este signo na Antiguidade agenciava as mensagens dos deuses que, a partir de questionamentos humanos e por intermédio de um sacerdote ou de uma sacerdotisa, emitia um vaticínio.

O oráculo de Apolo<sup>60</sup>, radicado na cidade de Delfos, e por isso conhecido como oráculo de Delfos, embora não seja o mais antigo e tampouco o único, foi o mais célebre da Antiguidade. As pitonisas, sacerdotisas do templo de Apolo em Delfos, após inalarem um gás intoxicante que efluía de uma fonte, entravam em uma espécie de transe e emitiam, a partir das indagações de seus visitantes, por vezes com palavras e expressões desconexas e de difícil compreensão, as revelações “divinas” sobre o futuro (Dodds, 2002; Pouzadoux, 2001). A alusão a este excelso oráculo, como também a outros, é feita por muitas personagens do mundo antigo, sejam elas humanas ou mitológicas<sup>61</sup>.

No diálogo platônico “Apologia de Sócrates”, por exemplo, diante da acusação de Meleto de que Sócrates não reconhece os deuses do Estado e introduz novos cultos, com efeito, um novo saber que corrompe a juventude, o mais sábio entre os gregos “invoca” o oráculo de Delfos a fim de saber qual é o seu “saber” que, em última instância, o levará à morte. Indagada se existia alguém mais sábio do que Sócrates, “[...] a pitonisa respondeu que não existia ninguém” (Platão, 1999, p. 71). Em razão dessa verdade irrefreável enunciada pelo oráculo, Sócrates se questiona sobre o que o deus quis dizer ao afirmar que ele era o homem mais sábio e, ao procurar aqueles que tinham reputação de sabedoria – políticos, poetas, artesãos –, compreendeu o presságio ao inferir que o verdadeiro saber consiste *em saber que não se sabe* absolutamente de tudo.

O rei de Tebas, Laio, na tragédia de “Édipo Rei”, escrita por Sófocles, também consulta o oráculo de Delfos para saber o que fazer para ter filhos: “[...] O oráculo lhe responde: “Se tiveres um filho, ele te matará e se deitará com a mãe” (Vernant, 2000, p. 165). Ainda que o rei Laio tenha se prevenido para evitar que esse presságio se concretizasse, sua esposa Jocasta gerou Édipo, o filho do casal que, independentemente dos infortúnios que o destino lhe reservou, uma vez que a descendência da família Lábdaco<sup>62</sup> deveria ser interrompida com a sua morte, cresceu em Corinto como filho “legítimo” do rei Políbio. Entretanto, esta posição de Édipo como filho “legítimo” é questionada, seja pelos jovens da

---

<sup>60</sup> Deus do Sol e o deus patrono da luz, da música, das artes, da profecia etc., nascido na ilha de Delos, era filho de Zeus e Leto e irmão gêmeo de Ártemis — deusa da caça, da vida selvagem e da castidade (Grimal, 2005).

<sup>61</sup> Conforme Heródoto (2006), os reis da dinastia Mermnada, dentre os quais o príncipe Cresos, receberam importantes presságios do oráculo de Delfos, bem como lhe prestaram muitas homenagens; Plutarco, que foi sacerdote no templo de Apolo, observa, em algumas de suas obras, a mudança na forma de se expressar — verso e prosa — do oráculo de Delfos (Silva, 2014). Os oráculos, ainda que Delfos não seja nominalmente referido, são abundantes na *Ilíada* e na *Odisséia* (Homero, 2018, 2019). Orestes é orientado a assassinar a própria mãe, Clitemnestra, que tramou com Egisto a morte de Agamêmnon, seu pai, pelo oráculo de Apolo (Ésquilo, 2003). Virgílio se ocupou da literatura de profecias com caráter escatológico, isto é, dos oráculos atribuídos às Sibilas, disseminados no meio oriental helenizado do Império Romano (Le Goff, 1990).

<sup>62</sup> Devido ao assédio de Laio a Crisipo, filho de Penélope, a deusa lança contra Laio uma imprecação solene para que a família dos Labdácidas — à qual Laio pertence — não possa se perpetuar e seja fadada ao desaparecimento (Vernant, 2000).

elite coríntia, seja por alguns homens que, durante os festins, bebem em demasia, de modo que o próprio Édipo também decide procurar o oráculo de Delfos<sup>63</sup> e obtém, ao invés de uma resposta objetiva sobre a sua descendência, a visão do futuro que Apolo lhe anuncia: matarás teu pai e deitarás com tua mãe (Sófocles, 2005).

Nos três casos, o oráculo de Delfos responde a um questionamento humano, sendo que, ao se dirigir a Sócrates, comunica-lhe, por meio de uma oração simples, que não existe ninguém mais sábio do que ele. Ainda que o próprio Sócrates não tivesse clareza quanto ao seu distinto saber, após dialogar com aqueles que eram investidos de grande sabedoria, ou seja, o político, o poeta e o artesão, depreende que o oráculo foi preciso, pois todos os sábios com quem o filósofo teve audiência se mostraram incapazes de reconhecer a própria ignorância. Quanto à tragédia de Sófocles, o presságio, a predição, o vaticínio, o augúrio, enfim, os enunciados do oráculo de Delfos sobre o futuro infausto da família dos Labdácidas, inexoravelmente se cumpriram. Assim, com base nesses exemplos, é possível inferir, a despeito de se tratar de uma obviedade, que a noção de oráculo na Antiguidade aponta para o templo, o santuário, ou algum outro local sagrado, onde os deuses, ao serem questionados, enunciavam suas respostas — por vezes ambíguas, mas sempre condizentes com a verdade daquele que formulou a pergunta — a respeito do futuro.

No que diz respeito aos discursos sobre sonhos, como observa Ribeiro (2019, p. 21):

[...] uma das funções mais frequentemente atribuída aos sonhos é a de oráculo capaz de desvendar o futuro, determinar presságios, ler a sorte e adivinhar o desígnio dos deuses. Os sonhos eram levados muito a sério na Grécia antiga, situando-se no cerne da medicina e da política.

Essa passagem evidencia a equivalência, a proximidade e a articulação entre o discurso que caracteriza a função do oráculo e o discurso sobre os sonhos na Antiguidade, visto que “uma das funções mais frequentemente atribuída aos sonhos é a de oráculo”, ou seja, sonhos e/ou oráculos constituem um canal privilegiado pelo qual um deus transmite suas mensagens quanto aos acontecimentos futuros. Este discurso, ao que tudo indica hegemônico a respeito dos sonhos, aparece na *Ilíada* quando Aquiles, irresignado perante a guerra e a doença que dizimam os aqueus, busca entender qual o motivo da cólera de Apolo: “mas agora interroguemos algum vidente ou sacerdote, ou um intérprete de sonhos — também os sonhos

---

<sup>63</sup> “[...] À revelia de minha mãe, e de meu pai, fui ao templo de Delfos; mas, às perguntas que propus, Apolo nada respondeu, limitando-se a anunciar-me uma série de desgraças, horríveis e dolorosas; que eu estava fadado a unir-me em casamento com minha própria mãe, que apresentaria aos homens uma prole malsinada, e que seria o assassino de meu pai, daquele a quem devia a vida. Eu, diante de tais predições, resolvi, guiando-me apenas pelas estrelas, exilar-me para sempre da terra coríntia, para viver num lugar onde nunca se pudessem realizar — pensava eu — as torpezas que os funestos oráculos haviam prenunciado” (Sófocles, 2005, p. 35).

vêm de Zeus” (Homero, 2019, canto I, versos: 62, 63). Este discurso foi discernido mais de uma vez por Freud, vide *A interpretação dos sonhos*, em que o “pai da psicanálise” observa que os povos da Antiguidade julgavam que os sonhos eram obras dos deuses e que eles “[...] acreditavam também que os sonhos tinham um propósito importante para o sonhador, normalmente o de anunciar-lhe o futuro” (Freud, 2022, p. 25). É por esse motivo que Alexandre, o Grande conquistador macedônio, para extrair dos sonhos sinais referentes ao futuro, levava em seu séquito os mais famosos intérpretes (Freud, 2014). Já Foucault ressalta que, na Antiguidade, a análise dos sonhos fazia parte das técnicas da existência, “[...] porque os deuses, no sonho, dão conselhos, opiniões e às vezes ordens expressas” (Foucault, 2005, p. 14); por sua vez, o psicanalista brasileiro Marco Antonio Coutinho Jorge atenta para o fato de que “a antiga tradição da interpretação dos sonhos parece ser inteiramente tributária da ideia de que o sonho é presságio e inclui nele mesmo a prefiguração do futuro” (Jorge, 2009, p. 11). Enfim, Dodds sublinha que não faltam à literatura grega exemplos de sonhos que são mensagens enviadas dos deuses aos sonhadores, como os desastres vindouros transmitidos a Cresos através do sonho, ou quando “[...] Hiparco viu ‘um alto e belo homem’ que lhe transmitiu um verso de oráculo, assim como a ‘bela e justa mulher’ que revelou a Sócrates o dia de sua morte” (Dodds, 2002, p. 112).

Discursos sobre os sonhos na Antiguidade também demonstram algumas práticas que os sujeitos aderiam para ter acesso aos oráculos, ou seja, para ter acesso aos presságios enviados pelos deuses através dos sonhos. Estas práticas abrangiam o isolamento, a oração, o jejum, a automutilação, o adormecer com um objeto sagrado ou com a pele de algum animal sacrificado e, finalmente, a incubação (Dodds, 2002). Dentre estes métodos, a experiência da incubação praticada nos templos dedicados a Asclépios<sup>64</sup>, local onde os doentes procuravam respostas para a cura de suas chagas, dormindo no santuário, foi amplamente exercida na Grécia. Nos registros de Epidauro, no Peloponeso, o oráculo mais pujante conhecido dedicado ao deus Asclépios, consta que tanto a cura por meio do sonho divino podia ser instantânea, ou seja, o enfermo já acordava no templo sem a doença, quanto lhe era recomendada uma prescrição “divina”, como engolir veneno de cobra ou cinzas do altar, quiçá manchar os olhos com sangue, ou ainda, vômitos com fins medicinais e banho de rio durante o inverno. Esses atos testemunhariam um aspecto, entre outros, do pensamento “irracional” grego (Dodds, 2002). Todavia, conforme já argumentamos neste trabalho, uma vez que os dizeres sustentam práticas, os registros sobre a técnica da incubação na Antiguidade mostram como um discurso

---

<sup>64</sup> Asclépios, também conhecido como Esculápio entre os latinos, era filho de Apolo e deus da medicina (Grimal, 2005).

sobre os sonhos, em seu sentido e em sua função de oráculo, tido como um dos que eram considerados verdadeiros dessa época, ao lado dos cantos dos poetas e dos discursos que pronunciavam a justiça, articula-se a um conjunto de práticas, de produção de saberes e de estratégias, cuja finalidade, sobretudo no que diz respeito à “prática” de dormir no templo de Asclépio, era alcançar a cura de alguma enfermidade.

Proveniente de uma família de médicos, Hipócrates, conhecido como pai da medicina, adquiriu os saberes necessários à prática do “cuidado” no templo dedicado a Asclépio na ilha grega de Cós. Para além da relevância de seus métodos empíricos aplicados ao tratamento das infecções, da sua capacidade de discernir sintoma e doença e de seu “juramento”, que determinava, entre outras coisas, a obrigação de guardar o segredo da doutrina, juramento ainda hoje pronunciado pelos discentes ao concluírem a graduação em medicina (Altman, 2011; Jaeger, 1995), importa, para este estudo, a sua abordagem acerca dos fenômenos oníricos. Conquanto admitisse sonhos divinos, Hipócrates tentou racionalizar a prática de sua interpretação ao estabelecer uma série de analogias entre o mundo externo e o corpo humano. Desse modo, a terra faria as vezes da carne, o rio equivaleria ao sangue, “[...] uma árvore pelo sistema reprodutivo; sonhar com um terremoto é um sintoma de mudança fisiológica, enquanto sonhos sobre os mortos se referem à comida que se ingeriu” (Dodds, 2002, p. 123). Esse discurso sobre os sonhos opera uma inflexão no sentido do fenômeno onírico, que passa a ser interpretado, não só e exclusivamente como um presságio de origem divina, mas também através do funcionamento dos órgãos internos durante o sono e das séries de analogias que se constituíram (ou foram retomadas) entre as imagens que compõem os sonhos, o corpo humano e suas funções fisiológicas. Em síntese, podemos dizer que Hipócrates estabelece um deslocamento no discurso sobre os sonhos na Antiguidade, a partir da noção de que eles estão intimamente relacionados ao estado fisiológico do sujeito e, por essa razão, podem ser úteis na prevenção, no diagnóstico e no tratamento das enfermidades.

É certo que outras inflexões importantes atravessam o discurso sobre os sonhos na Antiguidade. Aristóteles, por exemplo, no texto *Da adivinhação durante o sono*<sup>65</sup>, estabelece uma aliança e uma relativa continuidade em seu tempo com o discurso sobre os sonhos derivado da medicina, pois considera razoável que uma doença em estágio inicial se manifeste primeiramente nos sonhos. Ele explica que os estímulos fracos que ocorrem e passam despercebidos durante o dia, no decorrer do sono, se parecem grandes, visto que, à noite, se percebe mais os pequenos processos internos do que quando se está acordado. Assim, é

---

<sup>65</sup> Esse texto de Aristóteles foi traduzido por Beatriz Di Paoli: Aristóteles. *Da adivinhação durante o sono*. Apresentação, tradução e notas. **Revista Archai**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 1-16, 2022.

possível que os sonhos sejam tanto “sinais” (princípios de ações diurnas preparadas por imagens noturnas), quanto “causa” (o estímulo se encontra preparado por princípios diurnos), ou ainda coincidência, “[...] ou todas essas coisas, ou algumas delas ou somente uma [...]” (Aristóteles apud Di Paoli, 2022, p. 5). O filósofo ainda argumenta, com base na experiência, que o fato de alguns sonhos terem significado não é de todo sem razão, e, senão todas, a maioria das pessoas admite que eles possuem alguma mensagem que deve ser levada em consideração. Todavia, não é plausível pensar que isso se sucede a todos os sonhos, ou seja, não é razoável pensar que todos os sonhos são investidos de significado. Além disso, Aristóteles se distancia do horizonte de seus contemporâneos ao considerar um desatino crer que os sonhos são enviados pelos deuses. Segundo sua proposição, o “[...] fato de ser um deus quem envia os sonhos, além de outros desatinos, e de enviá-los não aos melhores e aos mais sensatos, mas a quem calha, é absurdo” (Aristóteles apud Di Paoli, 2022, p. 5).

Se, por um lado, Aristóteles admite que os sonhos podem ser úteis para se descobrir uma doença em estágio inicial, visto que os estímulos fisiológicos durante o sono são mais facilmente apreendidos porque se “parecem grandes”, por outro, ele opera uma ruptura com o discurso “hegemônico” sobre os sonhos na Antiguidade ao asseverar que é um desatino e um absurdo “o fato de ser um deus quem envia os sonhos”. Os sonhos não têm uma causa divina, porque, se assim fosse, não ocorreriam a qualquer pessoa, mas apenas aos superiores e aos mais ajuizados. Esta distinção social que, em certa medida, fundamenta a negativa da providência divina dos sonhos no texto de Aristóteles fica ainda mais evidente quando ele afirma que “[...] muitos homens vulgares são prescientes e têm sonhos verdadeiros, dando-se o fato de que não são enviados pela divindade, mas que todos aqueles cuja natureza é, por assim dizer, tagarela e melancólica veem todos os tipos de visões” (Aristóteles apud Di Paoli, 2022, p. 7). Uma vez mais, Aristóteles é resolutivo ao afirmar que os sonhos “não são enviados pela divindade”. Eis que a natureza “vulgar” de muitos homens, por serem insistentes e excitados por muitos e diferentes estímulos, não se cansa de ver os mais variados presságios nos sonhos que supostamente seriam enviados pelos deuses. Portanto, as visões do futuro através dos sonhos, caso fosse um deus quem as enviasse, provavelmente ocorreriam de dia e aos mais sábios.

À vista disso, não é absurdo que o discurso articulado por Aristóteles assumisse que a maioria dos sonhos não se realizava, posto que os sinais, as causas ou as coincidências nem sempre indicavam um acontecimento que estivesse por vir ou uma doença em estágio incipiente. Contudo, é oportuno prestar atenção ao “fato de alguns sonhos terem significado” para Aristóteles, uma vez que, a partir da experiência de muitas pessoas, ele admite,

empregando o pronome indefinido “alguns” com função de adjetivo, ser razoável que “alguns sonhos”, mas não todos, possam ser levados em consideração.

Essa ideia, em verdade, relativa à distinção entre as experiências perante os sonhos significativos ou não-significativos, que se realizam ou que enganam, verdadeiros ou falsos, sobrevém de uma questão que frequenta o discurso sobre os sonhos e que, desde Homero, existia entre os gregos — e, por extensão, em todo o período da Antiguidade. Penélope, por exemplo, ao expor seu sonho a Odisseu (que estava disfarçado) sobre a grande águia de bico recurvo que se atirou no pescoço dos vinte gansos que estavam em seu palácio, matando-os todos, questiona-se sobre qual é o sentido dessa visão noturna. Apesar de o próprio Odisseu, seja em sonho, seja “pessoalmente”<sup>66</sup>, assegurar-lhe que este sonho se cumprirá, Penélope expressa sua dúvida em resposta ao ilustre estrangeiro (Odisseu):

Estrangeiro, sabes bem que os sonhos são impossíveis e confusos; nem sempre tudo se cumpre entre os homens. São dois os portões dos sonhos destituídos de vigor: um é feito de chifres; o outro, de marfim. Os sonhos que passam pelos portões de marfim talhado são nocivos e trazem palavras que nunca se cumprem. Mas os que saem cá para fora dos portões de chifre polido, esses trazem coisas verdadeiras, quando um mortal os vê. (Homero, 2018, canto XIX, versos: 560-567)

Essa passagem do poema épico, relacionada tanto aos sonhos que se realizam e “trazem coisas verdadeiras” quando passam pelos portões de chifre polido, quanto aos sonhos que “trazem palavras que nunca se cumprem” e, por essa razão, são nocivos quando passam pelos portões de marfim talhado, além de expressar a hesitação da personagem face ao sonho que lhe ocorreu, também sinaliza uma ambiguidade constitutiva do discurso sobre os sonhos que não se restringe à Antiguidade, haja vista a retomada dessa formulação em diferentes épocas, lugares e culturas. Assim, Clitemnestra, esposa de Agamêmnon, também expressou dúvida quanto aos sonhos, visto que, ao anunciar a Corifeu, seu interlocutor, em determinada passagem da tragédia, que os Aqueus haviam capturado Troia, é retorquida com uma frase interrogativa: “Terás acreditado em sonhos convincentes?” (Ésquilo, 2003, p. 30). Ao que ela responde, retomando o turno de fala: “Não creio nas visões da mente adormecida” (Ésquilo 2003, p. 30). Ademais, a etimologia das palavras “chifre” (*keras*) e “marfim” (*elephantinon*) mostram como uma e outra estabelecem uma relação de contiguidade com os termos

<sup>66</sup> Odisseu diz para Penélope no sonho: “[...] “Anima-te, ó filha de Icário, cuja fama chega longe! Isto não é um sonho, mas uma visão verdadeira, que se cumprirá. Os gansos são os pretendentes, e eu, que antes fui a águia, agora regresso como marido, que fará que se abata sobre os pretendentes um terrível destino (Homero, 2018, canto XIX, versos: 546-550). Da mesma forma, mas agora na vigília e na posição de estrangeiro, Odisseu diz para Penélope: “[...] Senhora, não é possível interpretar o sonho inflitando-o de modo diverso daquilo que te disse o próprio Odisseu. Ele disse como tudo acabará. Para todos os pretendentes virá a destruição: nenhum deles escapará à morte e ao destino (Homero, 2018, canto XIX, versos: 555-558).

“realizar” (*krainein*) e “enganar” (*elephairomai*), de modo que os sentidos são apresentados por meio do recurso à linguagem (Meneses, 2000). Nesse sentido, esses cantos da Odisseia sobre os dois portões mostram como os discursos sobre sonhos na Antiguidade são atravessados pela dúvida, pela incerteza e pela suspeita, porquanto há sonhos que se realizam e há sonhos que enganam. No que se refere ao trecho da peça de Ésquilo, Clitemnestra diz literalmente que não acredita nos sonhos, ou seja, “nas visões da mente adormecida”.

Não sem razão, observam-se certos deslocamentos nos discursos sobre sonhos na Antiguidade, embora aquele identificado por nós como hegemônico desta época mostre que sempre, ou na maior parte desse período, o fenômeno onírico, em virtude de seu vínculo com os deuses e pelo fato de sua mensagem ser acolhida como vaticínio, tenha sido muito valorizado. Assim, visto como um dos discursos que enuncia a verdade, sendo profundamente ligado às artes mânticas, ou seja, à arte da adivinhação, o fato é que, de acordo com essa perspectiva, “deveríamos esperar [...] que ao final do século V a.C. o tipo tradicional de ‘sonho divino’, não mais nutrido por uma fé viva nos deuses tradicionais, declinasse em frequência e importância [...]” (Dodds, 2002, p. 123). Mesmo não sendo possível subscrever a constatação feita por esse discurso enunciado por Dodds (2002), uma vez que o próprio enunciador inicia esse período com uma locução verbal, em que o verbo auxiliar “dever” está conjugado no futuro do pretérito do indicativo, cujo sentido pode expressar dúvida e incerteza, além de empregar a conjunção adversativa “entretanto”, que liga as orações e indica oposição, os discursos sobre sonhos atestam que, cada vez mais, a desconfiança diante dos fenômenos oníricos — significativos ou não-significativos, que se realizam ou que enganam, verdadeiros ou falsos —, tende a tonar-se incontornável.

Também por essa época (séc. V a.C.) cresce o interesse pela *onirocrítica*, a técnica da interpretação dos sonhos que gerou uma categoria de profissionais especializados na Antiguidade. Certamente, este interesse se deve à ambiguidade constitutiva dos discursos sobre sonhos, se bem que razões históricas, políticas e culturais, como a diminuição da influência dos deuses — com todas as aspas e interrogações que essa ideia possa suscitar —, o advento da democracia em Atenas e a noção da própria ignorância, admiração e espanto, princípios fundantes para as reflexões filosóficas de Sócrates, Platão e Aristóteles<sup>67</sup>, não podem ser ignoradas. Essa categoria de profissionais, ao que tudo indica, se encontrou, se

---

<sup>67</sup> “A Filosofia começa dizendo não às crenças e aos preconceitos do senso comum e, portanto, começa dizendo que não sabemos o que imaginávamos saber; por isso, o patrono da Filosofia, o grego Sócrates, afirmava que a primeira e fundamental verdade filosófica é dizer: “Sei que nada sei”. Para o discípulo de Sócrates, o filósofo grego Platão, a Filosofia começa com a admiração; já o discípulo de Platão, o filósofo Aristóteles, acreditava que a Filosofia começa com o espanto” (Chauí, 2000, p. 9).

cruzou, se confrontou, se delimitou, em suma, coexistiu com os sacerdotes e as sacerdotisas dos templos dedicados a Apolo e/ou a Asclépios, entre outros. A prática da onirocrítica, ao fundamentar uma teoria e impingir um método, buscou sistematizar o saber acerca da interpretação dos sonhos e indicar se as ocorrências oníricas seriam favoráveis ou desfavoráveis. Para além disso, na Antiguidade, a prática da interpretação dos sonhos faz parte das técnicas da existência e exprime uma reflexão filosófica, pois define o que fazer com o sonho e prepara o sujeito para a vida desperta. Assim, “a onirocrítica antiga é isto: é uma maneira de viver, uma maneira de viver tendo em vista que, durante pelo menos uma parte de nossas noites, somos um sujeito que sonha” (Foucault, 2016, p. 47).

*As chaves dos sonhos*, de Artemidoro de Daldis, único texto sobre a prática da onirocrítica que chegou “intacto” da Antiguidade aos dias de hoje, ao pormenorizar a maneira como os sonhos deveriam ser interpretados, ainda constitui uma referência incontornável quando se pretende compreender os sonhos, ou melhor, os discursos sobre sonhos na Antiguidade. Não é por acaso que Freud e Foucault exaltam esse texto, sendo que o primeiro argumenta que “[...] na Antiguidade Tardia, Artemidoro de Daldis foi considerado a maior autoridade na interpretação dos sonhos [...]” (Freud, 2022, p. 27), ao passo que o segundo ressalta que o livro de Artemidoro permite “[...] medir o que, na mesma época, o trabalho da reflexão filosófica ou médica sobre os prazeres e sobre a conduta sexual pode ter de singular e de parcialmente novo” (Foucault, 2005, p. 11). Freud (2022) ainda sublinha que o texto minucioso de Artemidoro compensa a perda de obras do mesmo gênero, enquanto Foucault observa que o distinto intérprete fez mais do que compilar os mais célebres presságios oníricos.

Artemidoro de Daldis viveu no século II d.C., provavelmente entre os anos 130 e 180, durante o Império Romano de Antonino Pio (138-161 d.C.) e Marco Aurélio (161-180 d.C.), representantes da dinastia dos Antoninos. O texto de Artemidoro é composto por um conjunto de cinco capítulos, sendo que os dois primeiros foram publicados como uma unidade, enquanto os capítulos três, quatro e cinco foram posteriormente reunidos à obra (Ferreira, 2014; Jorge, 2009). Em um período, que não se restringe ao século II d.C., abrangendo, antes, boa parte da Antiguidade, no qual os intérpretes dos sonhos, sobretudo os adivinhadores da praça pública, eram “[...] totalmente desacreditados e as pessoas de ar grave e cenho franzido os chamem [chamassem] de charlatões, impostores e bufões [...]” (Artemidoro, 2009, p. 16), Artemidoro marca sua diferença em relação aos outros onirocríticos. Essa diferença se deve ao fato de ele não descuidar dos “já-ditos”, isto é, dos livros, registros e/ou arquivos constituídos antes dele. Deve-se também à experiência adquirida, em sua amplitude e

variedade, ao visitar os intérpretes do futuro e “[...] ouvir velhos sonhos com seus desfechos, na Grécia, nas cidades e nas assembleias, na Ásia e na Itália e nas ilhas mais importantes e populosas [...]” (Artemidoro, 2009, p. 16) do mundo mediterrâneo. Em suma, propondo um instrumento que fosse útil aos intérpretes dos sonhos, mas também a qualquer pessoa que precisasse de algum conhecimento rudimentar, Artemidoro visava, além de transmitir seu pensamento, , submetê-lo à experiência, por meio de sua aproximação com outras fontes, da reflexão sobre sua prática, do raciocínio lógico e da demonstração, de modo que “[...] o texto de Artemidoro oferece a vantagem considerável de apresentar uma reflexão elaborada sobre uma vasta documentação tradicional [...]” (Foucault, 2005, p. 17).

O método de interpretação empregado por Artemidoro distingue duas categorias de visão noturna: os sonhos *enupnia* e os sonhos *Oneiros*. Os sonhos *enupnia* revelam o “estado” atual do sujeito, ou seja, suas sensações fisiológicas, como fome, sede ou frio, e seus afetos, como medo, paixão ou raiva. Tais sonhos, por traduzirem o estado do corpo e da alma no momento em que se sonha, têm valor diagnóstico simples. Já os sonhos *Oneiros*, a outra categoria de visão noturna identificada por Artemidoro, indicam o “acontecimento” que é (ou será) no futuro. A palavra *oneiros* é etimologicamente formada por três vocábulos que, resumidamente, são: “diz o que é”, “atrai, chama, puxa ou impele”, e “é a mensagem que diz a verdade”<sup>68</sup>. Os referidos sonhos são vistos como uma espécie de mensageiro que atrai o sujeito para dizer-lhe a verdade, dizendo-lhe aquilo que é ou será no futuro. Portanto, os sonhos *enupnia* e *oneiros*, de acordo com Artemidoro, conforme a constatação de Foucault (2005, p. 19):

[...] se opõem [...], termo a termo. O primeiro fala do indivíduo, o segundo dos acontecimentos do mundo; um deriva dos estados do corpo e da alma, o outro antecipa o desenrolar da cadeia do tempo; um manifesta o jogo do demais ou do demasiado pouco na ordem dos apetites e das aversões; o outro assinala a alma e ao mesmo tempo amolda-a. Por um lado, os sonhos do desejo dizem o real da alma em seu estado atual; por outro, os sonhos do ser dizem o futuro do acontecimento na ordem do mundo.

De modo geral, observa-se que os sonhos *enupnia* têm valor clínico, pois exprimem os estados da alma e do corpo que afetam o sujeito em seu estado atual, enquanto os sonhos *oneiros* têm valor prognóstico, porque antecipam o vir a ser da cadeia do tempo e enunciam o acontecimento futuro.

---

<sup>68</sup> Segundo Foucault (2016, p. 52), “[...] a palavra óneiros [...] vem primeiramente de: *tò òn éirein*, ou seja, o óneiros (o sonho) diz o ente, diz o que é. Em segundo lugar, a palavra “óneiros” vem de *oreígnein*, que quer dizer: atrair, chamar, puxar ou impelir. E depois há a palavra *Iros*, que, na Ilíada, em Homero, designa um mensageiro”.

Segundo Foucault (2016), Artemidoro introduz outra clivagem em seu método onirocrítico. Na categoria *enupnia* (estado), podem suceder tantos sonhos claros, isto é, aqueles que não precisam de interpretação e nos quais as imagens coincidem com os objetos, quanto sonhos simbólicos, em que as imagens dizem outra coisa. Analogamente, na categoria *oneiros* (acontecimento), há os sonhos teomáticos, em que se pode ver o que já existe no futuro de forma transparente, e os sonhos alegóricos (simbólicos), os quais exigem interpretação. Ademais, os sonhos de estado eram sempre sonhos de afetos que ocorriam às pessoas “vulgares”, aquelas que não dominavam seus sentimentos e que não sabiam manter seus corpos em harmonia ante a falta e o excesso. Os sonhos de acontecimento teomáticos — que ocorriam às pessoas virtuosas — anunciavam claramente o acontecimento que rapidamente se realizava, ao passo que os sonhos de acontecimento alegóricos eram identificados por não serem seguidos de realização imediata e pelo fato de sua ocorrência necessitar de decifração.

O onirocrítico se ocupava primordialmente dos sonhos *oneiros* alegóricos com atos sexuais, visto que eles anunciavam a realidade social, a vida política e a vida econômica do sujeito. Não é sem razão que Artemidoro dedica quatro capítulos do seu livro à análise de sonhos com atos sexuais e, não obstante, Foucault (2005, 2016) faz uma leitura acurada desta obra, por acreditar que se trata de um dos raros textos em que se fala da sexualidade com certa objetividade, sem ilações literárias ou deturpações morais, porque o que se apresenta se dá nos sonhos. Portanto, competia ao onirocrítico interpretar, por meio da analogia, cujo princípio geral assegura que o acontecimento que advém do sonho será bom ou mau caso o ato que o sonho represente for ele mesmo bom ou mau, se o sonho seria favorável ou desfavorável. O *status* social do “outro” com quem se sonha, em muitos casos, até mais do que o ato “sexual em si”, também era determinante para o sentido prognóstico do sonho. Considerava-se o fato de o sujeito ser ou não casado, livre ou escravo; se era jovem ou velho, rico ou pobre. Somava-se ao princípio da analogia e ao *status* social do outro uma série de critérios classificatórios que subsidiavam e complementavam o trabalho de interpretação, de maneira que o onirocrítico verificava, por exemplo, se o ato sexual manifesto nos sonhos *oneiros* alegóricos era conforme à lei, contrário à lei, ou ainda, contrário à natureza.

A maioria dos sonhos com atos sexuais que ocorriam conforme à lei eram tidos como favoráveis, ou seja, representavam bom augúrio, como nos sonhos em que se tinha relações com mulheres, seja a esposa, a amante ou a prostituta. O sonho sexual com a esposa “[...] é um signo favorável porque a esposa está em relação de analogia natural com o ofício e a profissão; [...] exerce-se sobre ela uma atividade reconhecida e legítima “[...]” (Foucault,

2016, p. 27), ou seja, a mulher (esposa) era vista como um bem, uma posse com a qual se podia obter prazer na Antiguidade. A mesma interpretação valia para o sonho com a amante. No entanto, o sonho com prostitutas poderia ter outro sentido, mesmo que a mulher em si mesma tivesse valor positivo e este tipo de sonho fosse concebido conforme à lei. Foucault (2005) comenta que a análise de Artemidoro aponta inconvenientes em frequentar certos locais e também gastos; além disso, havia o desperdício de esperma que poderia ser utilizado para gerar descendentes, de modo que o valor do acontecimento anunciado pelo sonho com prostitutas diminuía. Amiúde, os sonhos com serviçais e escravos, por também serem considerados parte da propriedade, indicavam acontecimentos favoráveis, desde que a hierarquia social se refletisse nas posições ativa e passiva do ato sexual. Os sonhos contrários à lei se resumiam à relação sexual incestuosa entre pais e filhos. Se o sonho expressasse a relação sexual do pai com o filho ou com a filha, por exemplo, seria sempre sinal de acontecimentos desfavoráveis no futuro. Contudo, a relação incestuosa entre mãe e filho era interpretada, mesmo sendo contrária à lei, como bom augúrio, dado que a “mãe” é uma espécie de ofício; “[...] unir-se a ela significa, portanto, sucesso e prosperidade na própria profissão. A mãe é a pátria: aquele que sonha com uma relação com ela pode prever que [...] encontrará o sucesso em sua vida política [...]” (Foucault, 2016, p. 31). Diante dessa analogia estabelecida por Artemidoro, Foucault (2016) sugere que a dramaturgia trágica de Sófocles, a respeito da história de Édipo, talvez merecesse ser reavaliada<sup>69</sup>, porque não são poucos os exemplos do valor positivo da relação incestuosa entre mãe e filho que aparecem na literatura grega. Quanto aos sonhos contrários à natureza, Foucault (2016, p. 61) destaca, a partir de Artemidoro, cinco categorias que encerram “[...] as relações sexuais com deuses, com animais, com cadáveres, as que se pode ter consigo mesmo e as que duas mulheres podem ter entre si [...]”. Todas estas relações sexuais que ocorrem nos sonhos contrários à natureza anunciam acontecimentos futuros desfavoráveis, embora, como nas outras categorias, haja exceções.

Muitos princípios teóricos articulados pela tradição onirocrítica e sistematizados por Artemidoro demonstram como os discursos sobre sonhos na Antiguidade assimilaram novas problemáticas acerca desse fenômeno. Artemidoro, como vimos, não descuidava dos já-ditos, da escuta dos intérpretes dos sonhos — que eram vistos com desconfiança —, da reflexão sobre a técnica, do raciocínio lógico e da demonstração de suas deduções. Ele estabelece um método que, por meio da analogia, da investigação do *status* social do outro com quem se

---

<sup>69</sup> Foucault (2016) se limita a fazer esse comentário por não querer “edipianizar” sua reflexão e, talvez, com mais forte razão, por desejar não se comprometer com a psicanálise.

sonha e de uma série de critérios classificatórios, como os sonhos *enupnia* de estado e os *oneiros* de acontecimento, autoriza o onirocrítico a interpretar com relativa convicção se os sonhos expressam um acontecimento futuro favorável ou desfavorável, bom ou mau, de vitória ou de infortúnio. Mais do que isso, ao figurar o ato sexual e o sonhador do sonho “[...] do lado do “significante”, e quase nunca do lado do “significado”<sup>70</sup>, imagens e não sentido, representação e não acontecimento representado” (Foucault, 2005, p. 33), Artemidoro estabelece uma analogia “natural” entre o sonho sexual e o *status* social, que configura a “pedra de toque” da prática onirocrítica proposta por ele. A título de comparação, essa analogia é diferente da “onirocrítica” que se desenvolveu no século XX, embora a “soberania” do significante se mantenha na ordem do dia quando se pretende interpretar um sonho, na contemporaneidade, é o fenômeno social que é metáfora da prática sexual, e não o contrário.

*Grosso modo*, os discursos sobre sonhos na Antiguidade, descritos e interpretados nesta pesquisa, materializam pelo menos quatro discursos. O primeiro aponta para um discurso que pode ser visto como dominante, sobretudo no período homérico e arcaico, no qual os sonhos exercem a função de oráculo, ou seja, eles seriam mensagens acerca do futuro enviadas pelos Deuses ao sonhador. Um relativo deslocamento articulou a mensagem oracular enunciada nos sonhos “pelos Deuses” a um conjunto de comportamentos, como a incubação, e isto evidencia as condições de emergência de discursos que sustentam práticas. Com efeito, o segundo discurso sobre os sonhos relaciona essas práticas com a cura de alguma enfermidade. Dessa forma, a partir de Hipócrates, os discursos sobre o fenômeno onírico passam também a manifestar o estado fisiológico do sujeito e a ser considerado, na prática médica, como um índice importante à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento das doenças. O terceiro discurso é concebido a partir das inflexões de Aristóteles. O filósofo, mesmo considerando o valor diagnóstico dos sonhos, uma vez que as excitações fisiológicas durante o sono podem ser rapidamente percebidas, rompe com os discursos sobre sonhos de seu tempo ao não considerar razoável a origem divina desse fenômeno e ao reconhecer que não é absurdo o fato de a maioria dos sonhos não se realizar. Não obstante, o fato de haver, pelo menos desde Homero, sonhos significativos e não-significativos, denota um traço constitutivo desses discursos que é frequentado pela ambiguidade, pela dúvida e pela suspeita. Este traço constitutivo se mantém na longa duração e atravessa todos os discursos discutidos até aqui,

---

<sup>70</sup> “[...] Um sujeito sonhou que tinha uma genitália de ferro. Nasceu-lhe um filho, pelo qual ele foi morto. Efetivamente, o ferro é destruído pela ferrugem que dele nasce” (Artemidoro apud Ferreira, 2014, p. 75). A imagem da “genitália de ferro”, e não o seu sentido, bem como o significante “ferro”, cujo significado remete a algo que é destruído a partir do que nasce dele próprio, anunciam o acontecimento futuro nesse sonho interpretado por Artemidoro.

além de fundamentar a razão de ser da teoria, do método e da prática onirocrítica. O quarto discurso está relacionado, justamente, à onirocrítica, ou, mais precisamente, às asserções de Artemidoro. Objetivando aprimorar o método de interpretação dos sonhos que era avizinado por alguns estigmas pejorativos no início da era cristã, o imaginário de Artemidoro sobre os sonhos estabelece uma série de critérios classificatórios, tais como a distinção entre os sonhos de estado *enupnia* e os sonhos de acontecimento *oneiros*; entre os sonhos conforme à lei, contrários à lei e contrários à natureza. Artemidoro também valoriza a analogia na técnica da interpretação, atribui uma atenção especial aos sonhos com atos sexuais e enfatiza sobremaneira o *status social* do sonhador para determinar se o sonho anuncia algo favorável ou desfavorável. Enfim, a partir do século IV, quando o cristianismo passa a ser a religião e a ideologia dominantes no Ocidente, os sonhos e sua interpretação representam um dos fenômenos culturais que essa religião terá que administrar. Assim, “como todo conjunto cultural novo, o cristianismo recolheu herança e em primeiro lugar a da cultura pagã greco-romana” (Le Goff, 2006, p. 511), de modo que muitos aspectos dos discursos sobre sonhos que se materializaram na Antiguidade, apesar das transformações, atualizações, inflexões e rupturas, são conservados na Idade Média.

## 2.2 SONHOS MEDIEVAIS

Discursos sobre sonhos na Idade Média, ao menos no Ocidente, são fundamentalmente marcados pelo cristianismo que, no século IV, primeiro, conquistou o direito à existência como religião autorizada, depois, se tornou a religião oficial<sup>71</sup> e, por fim, no século V, sobreviveu à queda do próprio Império Romano<sup>72</sup> e assumiu, em comunhão com os povos “bárbaros” cristianizados, muitas funções do Estado. Dentre as heranças deixadas pela Antiguidade, conforme apontado acima, discursos sobre sonhos constituem um fenômeno que esta nova ordem ideológica terá que administrar, haja vista o crédito que os “pagãos” atribuíam às visões noturnas. Não obstante, a frequência dos sonhos no Antigo Testamento e sua relativa raridade no Novo também contribuíram para que a atitude do cristianismo em relação ao fenômeno onírico, sobretudo nos primeiros séculos desta era que circunscreve a

---

<sup>71</sup> Com a promulgação do Édito de Tessalônica pelo Imperador Teodósio I, em fevereiro de 380, o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano (Del Roio, 1997).

<sup>72</sup> A historiografia tradicional considera que a longa agonia que envolveu as últimas décadas do Império Romano chegou ao “fim” quando, no ano 476, o Imperador Rômulo Augusto foi obrigado a abdicar da sua posição em favor de Odoacro, chefe militar de origem germânica (Le Goff, 1990).

transição da Antiguidade Tardia para a Alta Idade Média, fosse de interesse, ato contínuo de inquietação e finalmente de desconfiança<sup>73</sup>.

O Antigo Testamento tem quarenta e três sonhos mencionados, enquanto o Novo Testamento conta com nove relatos. O livro de Gênesis concentra a maior ocorrência deste gênero, por encerrar onze registros de sonhos<sup>74</sup>. No Novo Testamento, cinco sonhos são narrados no Evangelho de Mateus, sendo que quatro deles estão relacionados ao nascimento de Cristo e um é atribuído à mulher de Pilatos. Os outros quatro sonhos se encontram nos Atos dos Apóstolos e são associados a São Paulo — que vivia no mundo grego e era habituado à prática da onirocrítica. De forma concisa, o que se diz sobre os sonhos bíblicos é que eles são enviados por Deus para um grupo privilegiado de sonhadores, ou seja, para os eleitos, no caso os hebreus, e para os pagãos em posição social elevada. Geralmente os sonhos enunciam uma ordem ou um aviso, sendo que os Patriarcas e Moisés são destinatários de sonhos e/ou “visões” em que Deus fala claramente; já os reis e os profetas recebem sonhos mais ou menos enigmáticos e as mensagens oníricas que chegam, por sua vez, aos reis pagãos são obscuras. Os sonhos raramente são mudos, pois eles mobilizam os sentidos, de modo que a imagem e a palavra afetam a visão e o ouvido. Embora o mundo dos mortos não se manifeste, ou seja, ainda que não exista nos sonhos bíblicos nenhuma alusão às pessoas mortas, há sonhos assustadores, acompanhados de manifestações psíquicas e motoras, de angústias e tremores, assim como há sonhos verdadeiros, enviados por Deus, e sonhos falsos, enviados por espúrios profetas<sup>75</sup>.

Esses discursos sobre sonhos materializados nas Sagradas Escrituras expressam algumas afinidades com os discursos sobre sonhos que circulavam na Antiguidade. A noção de que os sonhos seriam enviados pelos Deuses, espécie de condição necessária, sobretudo nos primeiros tempos, para sua constituição na Antiguidade, é conservada na Idade Média, como na mensagem enviada por Javé a Jacó<sup>76</sup>. A distinção entre os sonhos verdadeiros, entre os quais o sonho de Jacó é instrutivo, por ser uma mensagem direta de Deus, e os sonhos falsos, que repercutem no Livro de Jeremias<sup>77</sup>, está presente em Homero<sup>78</sup> que, como vimos,

---

<sup>73</sup> Cf. Le Goff (1994).

<sup>74</sup> Levítico 1; Números 2; Deuteronômio 2; Juízes 1; I Samuel 2; I Reis 1; II Crônicas 1; Ester 2; II Macabeus 1; Jó 4; Salmos 1; Eclesiastes 1; Sabedoria 1; Eclesiástico 2; Isaías 1; Jeremias 4; Daniel 2; Joel 1, Zacarias 2.

<sup>75</sup> Cf. Le Goff (1994, 2006).

<sup>76</sup> “O anjo de Deus me disse em sonho: Jacó. E eu respondi: Sim. Ele disse: Ergue os olhos e vê: todos os bodes que cobrem as cabras são listados, malhados ou mosqueados, pois eu vi tudo o que te fez Labão (Bíblia, 2023, Gênesis 31, 11-12, p. 74).

<sup>77</sup> “Eis que estou contra os profetas que profetizam sonhos mentirosos — oráculo de Iahweh —, que os contam e seduzem o meu povo com suas mentiras e com seus enganos. Mas não os envie, não lhes dei ordens, e não são de nenhuma utilidade para este povo, oráculo de Iahweh” (Bíblia, 2023, Jeremias 23, 32, p. 1407).

<sup>78</sup> Homero (2018).

relacionou os sonhos que se realizam aos portões de chifre polido e os sonhos que não se cumprem aos portões de marfim talhado. Os sonhos claros, que foram nomeados por Artemidoro (2009) de teomáticos, e os sonhos enigmáticos, identificados como alegóricos, também favorecem a interseção desses discursos, haja vista que não existem discursos fechados em si mesmo. Contudo, há certas singularidades que se manifestam nos sonhos bíblicos, como a presença de sonhos assustadores legitimando a associação entre sonho e medo e que o “[...] psicanalista Ernst Jones, discípulo e biógrafo de Freud, batizará *nightmare*, ‘pesadelo’, sonho ruim inventado pela Idade Média” (Le Goff, 2006, p. 514). Jó, descrito como um homem íntegro, reto, que temia a Deus e fugia do mal, diante dos acontecimentos que lhe causaram grande aflição, queixa-se de sonhos aterradores que lhe perturbam as noites de sono<sup>79</sup>. Em síntese, é possível observar mais proximidade e aliança do que distância e divergência entre os discursos pagão e religioso acerca dos sonhos, ainda que “[...] quando na Bíblia há sonhos com significado são sonhos que unem mais a terra ao céu que — como na oniromancia pagã — o presente ao futuro” (Le Goff, 1994, p. 287).

Essa intersecção entre discursos sobre sonhos, sobretudo nos primeiros séculos da era cristã, ou seja, durante a longa duração que envolve a transição da Antiguidade Tardia para a Alta Idade Média, legitima o interesse do cristianismo por esse fenômeno. Este interesse também ocorre devido à efervescência da onirocrítica, que associa as estruturas sociais, econômicas e políticas à interpretação dos sonhos. Dessa forma, discursos sobre sonhos ocupam um lugar de certo destaque na “[...] *renovação filosófica* do século III, em especial nos meios *neoplatônicos*, em Alexandria e em Roma — encruzilhadas de religiões, de filosofias e de culturas” (Le Goff, 1994, p. 293). Alguns representantes do neoplatonismo, como Plotino, que meditava sobre a transcendência do “Uno”, uma noção que pressupõe um princípio unitário do qual tudo se origina<sup>80</sup>, defendia que o sonho poderia colocar alguns sujeitos em relação direta com Deus, algo que não é estranho às Sagradas Escrituras, visto que Deus ou anjos, conforme já abordado, emitem ordens ou avisos por meio da manifestação onírica. Contudo, uma vez que Deus envia suas mensagens diretamente a alguns sujeitos por meio desse “canal de comunicação”, o cristianismo passa a atribuir aos sonhos a conversão de muitos pagãos à sua doutrina religiosa.

---

<sup>79</sup> “Se eu disser: Consolar-me-á o meu leito, e a minha cama me aliviará, tu me aterrorarás com sonhos, e me horrorizarás com visões” (Bíblia, 2023, Jó 7, 13-14, p. 518).

<sup>80</sup> Castro (2019); Nicola (2005).

Conforme Le Goff (1994), o tratado de Tertuliano, *De Anima*<sup>81</sup>, escrito no início do século III e tido como a primeira proposição cristã coerente sobre as visões noturnas, reitera esse discurso ao afirmar que o sonho funciona para alguns cristãos como “[...] uma via de acesso a Deus, uma oportunidade de estar em contato direto com ele” (Le Goff, 1994, p. 299). *De anima* também apresenta uma teoria cristianizada quanto à origem dos sonhos, segundo a qual eles poderiam ser enviados por Deus, por demônios e pela *Alma* do próprio homem. Deus estaria na origem dos sonhos verdadeiros. Já aqueles enviados por demônios, a despeito do dualismo maniqueísta, poderiam ser proveitosos ou nocivos, bons ou maus, verdadeiros ou falsos, enquanto a alma enviaria sonhos para o próprio homem.

Além disso, o tratado de Tertuliano avalia que a visão noturna seria um fenômeno humano universal e que, portanto, poderia se sonhar em qualquer lugar, sendo desnecessária a prática da incubação, amplamente difundida na Antiguidade nos templos dedicados a Asclépio-Esculápio e que havia se deslocado para os sepulcros dos Santos, onde as pessoas buscavam receitas curativa enviadas por Deus por meio dos sonhos. Em razão de Tertuliano conhecer certos discursos, tanto “pagãos” quanto “sagrados”, sobre sonhos, observa-se, por um lado, que o seu tratado reproduz a ambiguidade constitutiva deles, porquanto identifica sonhos verdadeiros e sonhos falsos, embora não indique como distingui-los. Por outro, *De Anima* marca a sua diferença em relação aos discursos supracitados, quando algumas de suas proposições, como a origem tripartite acerca da origem dos sonhos, a suspeita de que todos os seres humanos sonham — conquanto o valor atribuído ao fenômeno onírico esteja relacionado à posição social de quem sonha — e a recusa à prática da incubação, concorrem para uma relativa generalização dos fenômenos oníricos.

Essas noções, em alguma medida, contribuíram para a formulação de uma teoria e para uma prática cristianizada sobre os sonhos, sobretudo no período entre os séculos IV e VII, que marcam a ascensão do “Império” cristão na terra. Mesmo que não haja uma visão de conjunto e que as práticas sejam progressivamente afastadas pela desconfiança da Igreja, as citações soltas e os fragmentos de fontes primárias, cuidadosamente reunidos e transformados em textos por Jacques Le Goff, textos estes essenciais à escrita desta parte da tese, permitem tanto compreender a atitude geral do cristianismo perante os sonhos quanto indicar os contornos da onirotologia cristã.

---

<sup>81</sup> Da Alma.

Assim, a despeito da tipologia sobre os sonhos elaborada por Macróbio que, no seu *Comentário sobre o sonho de Cipião de Cícero*, dividiu-os em cinco classes<sup>82</sup>, Deus, demônios e homens permaneceram na origem deles, mas não sem variações. O homem poderia ser a causa dos sonhos que se manifestavam por meio da Alma, influenciada pela memória, pela pureza e pela impureza, ou ainda pelo “corpo”, afetado pelo hábito alimentar, pela fisiologia e pela doença. Os sonhos verdadeiros que procedem de Deus são relacionados ao “bom” e os sonhos provenientes dos demônios, que antes poderiam ser bons ou maus, agora são exclusivamente vinculados ao “mau”. Como argumenta Le Goff (1994, p. 310):

os demônios do paganismo eram diversos: bons e maus. Mas na Antiguidade Tardia estavam já separados em demônios bons ou demônios maus. E o cristianismo instalou definitivamente esta divisão fazendo *anjos* dos demônios bons e reservando o nome de *demônios* para os espíritos maus. A unificação destas duas hostes constituiu uma segunda fase capital do processo. Enquanto que os anjos se tornavam a milícia de Deus e recuperavam as funções de mensageiros divinos — nas quais se incluíam as de mensageiros de sonhos “verdadeiros” —, os demônios unificaram-se sob o comando de um general que era, sem dúvida, inferior a Deus mas capaz, com a permissão deste, de enganar radicalmente o homem pecador: Satanás, o Diabo.

A entrada em cena do Diabo no campo onírico se deve, sob certos aspectos, à penetração do princípio do Uno no mundo sobrenatural, de modo que os demônios “maus” se unificaram na figura do Diabo e os demônios “bons” se transformaram em anjos. Essa transformação, que intensificou o sentimento de desconfiança que existia em relação aos sonhos, haja vista a falta de critérios objetivos que autorizassem a distinção inequívoca dos sonhos provenientes de Deus (bom), do Diabo (mau) e do homem (bom e mau), permite imaginar a forma como o encontro entre a língua e a história, um traço constitutivo do discurso, materializa a ideologia cristã que ascende à posição de religião oficial do Império Romano no século IV. Isso porque, à medida que as condições de produção se modificam, as palavras, que não possuem um sentido em si mesmas, antes, na esteira de Michel Pêcheux (2014a, p. 146-147), “[...] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que

---

<sup>82</sup> Esta tipologia, ainda que lateralmente, foi aceita no mundo cristão medieval e se manteve por muitos séculos. As duas “primeiras” categorias de sonhos são irrelevantes para o futuro, enquanto as três restantes expressam sonhos proféticos: i. *Visum* (*phantasma* em grego) seria o sonho sem significado profético que ocorre na passagem entre a vigília e o sono; ii. *Insomnium* (*enhypnion* em grego), também sem significado profético e que poderia ter três origens (o corpo, a alma e o acaso), foi associado ao pesadelo por manifestar o reflexo de problemas emocionais ou físicos; iii. *Oraculum* (*chrematismo* em grego) correspondia ao sonho em que um parente, pessoas “santas” (especialmente sacerdotes) ou a própria divindade mostra claramente o acontecimento futuro; iv. *Visio* (*horama* em grego) revelaria uma imagem do futuro a se realizar tal qual a vemos; v. *Somnium* (*oneiros* em grego) equivaleria aos sonhos simbólicos que anunciam o futuro de forma velada e que necessitam da intervenção de um intérprete (Freud, 2022; Le Goff, 2006; Ribeiro, 2019).

as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...]”, atualizam-se, como as noções de “bom” e “mau” que aparentemente foram absorvidas por uma nova moral<sup>83</sup> e passaram a se antagonizar em dimensões opostas.

Outras motivações convergiram para o aumento da desconfiança em relação aos sonhos e a sua interpretação. A partir do momento em que o Diabo e o homem foram identificados com a “origem” das visões noturnas, multiplicou-se os sonhos tentadores (Diabo) e os sonhos luxuriosos carnais humanos, de tal forma que “[...] o sonho e a sexualidade conjugavam-se para fazer de quem dormia presa de sonhos indecentes. O sonho tornou-se [...] o veículo privilegiado das tentações oníricas [...]” (Le Goff, 1994, p. 311). O sonho com ato sexual, que na Antiguidade Tardia era determinante para o onirocrítico interpretar o valor prognóstico desse fenômeno, visto como algo que carrega uma verdade, ou mesmo uma mensagem dos Deuses, ao ser associado ao Diabo, que poderia agir por meio deles durante a noite, e ao homem, concupiscente, deriva seu sentido para a tentação e o pecado, para o medo e a culpa.

Santo Agostinho, por exemplo, passou a desconfiar dos sonhos com o tempo, embora a revelação antecipada da sua conversão, um dos acontecimentos mais importantes da sua vida, esteja relacionada a um pensamento onírico de sua mãe, Mônica. Serva fiel e temente ao Deus cristão, Mônica sonhou com “um jovem airoso e alegre [que] veio ao seu encontro a sorrir-lhe, enquanto ela se conservava triste e amargurada [...]” (Agostinho, 1973, p. 67), e a anunciar-lhe que seu filho — o próprio Agostinho — não só se curaria da grave enfermidade que lhe afligia, mas também espiritualmente. Santo Agostinho se converteu, de fato, nove anos depois do sonho de sua mãe, em agosto de 386, com a “visão” que teve no horto de Milão<sup>84</sup>. Ele reconheceu que toda a esperança está em Deus e se absteve, a partir de então —

---

<sup>83</sup> A complexidade que envolve a questão da moral, ou seja, a relação entre o Bem e o Mal (o Bom e o Mau), pode ser melhor examinada em Nietzsche (2013), visto que este é um tema que precocemente lhe inquietou e cuja “origem” ele buscou compreender. “Por um escrúpulo de pensamento, que me repugna confessar – refere-se ele, pois, à moral e a tudo que até hoje foi consagrado como moral –, nesse escrúpulo que surgiu na minha vida, tão precoce, tão espontâneo e tão impetuosamente, tão em contradição ao ambiente, à idade, ao escrúpulo e a origem, fatos esses que quase me dariam a razão de chamá-los de meu *a priori*, a minha ansiedade assim como a minha suspeita estancaram ante a pergunta, que origem teriam propriamente os conceitos de bem e mal?” (Nietzsche, 2013, p. 25).

<sup>84</sup> Conforme as *Confissões* (Agostinho, 1973), em meio a uma crise de lágrimas (angústia) e de uma conversa com seu amigo Alypius, Agostinho interroga Deus sobre o tempo que as suas torpezas ainda vão durar. Então, ele se deita debaixo de uma figueira e houve uma voz que lhe diz: “Tolle, lege” (Pega, lê); ele abre o texto dos Evangelhos na passagem da Epístola de Paulo aos Romanos (13, 13-14): “Como de dia, andemos decentemente; não em orgias e bebedeiras, nem em devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes. Mas vesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne” (Bíblia, 2023, Epístola de São Paulo ao Romanos 13, 13-14, p. 1988). Após a leitura, a sua alma resplandeceu e todas as dúvidas desapareceram. Ainda, segundo Le

ou antes —, da concupiscência da carne e dos olhos, das relações luxuriosas e da ambição do mundo. Entretanto, em sua memória, conforme as suas *Confissões* a respeito da tríplice tentação, vivem as imagens obscenas que lá se fixaram. Diz ele: “[...] Quando, acordado, me vêm à mente, não têm força. Porém, durante o sono, não só me arrastam ao deleite, mas até à aparência do consentimento e da ação [...]” (Agostinho, 1973, p. 215). Diante da “aparente impossibilidade de não consentir à ação”, este discurso que se materializa nas suas *Confissões* ao eleger uma categoria perigosa e avassaladora de sonhos, a saber, aqueles com atos sexuais e/ou com imagens de obscenidades, contribui com a perspectiva moralista cristã que, conforme mencionado acima, deriva o sentido do sonho “para a tentação e o pecado, para o medo e a culpa”.

Com efeito, as interpretações “desviantes” sobre a vinda de Cristo à terra, pela hipertrofia que geralmente conferiam aos sonhos, entre outras razões, não demoraram para serem identificadas como heresias. Santo Agostinho não deixou de observar (e isso denota um motivo a mais para as suas reticências em relação aos sonhos) o valor que os Donatitas<sup>85</sup> atribuíam às visões noturnas. Santo Irineu descreveu Simão, O Mágico, tido como o primeiro herege depois de Judas, como “lançador de sonhos”; e Santo Hipólito também condenou a observação dos sonhos, visto que a “verdade” deve ser buscada nas escrituras sagradas. Além disso, o fato do gnosticismo, considerado um fenômeno espiritual sincrético e esotérico que se desenvolveu à margem do cristianismo, outorgar aos sonhos um papel importante no contato com Deus e na revelação do futuro possivelmente contribuiu para que a Igreja Cristã “oficial” afirmasse, no cânone XXIII do I Concílio de Latrão (314), que o costume pagão relativo à interpretação dos sonhos deveria ser banido da vida do cristão (Le Goff, 1994).

Uma vez que o pensamento religioso “[...] administra os sentidos [que] são dados por Deus, através da Revelação, a sujeitos autorizados (papa, clero, etc.) que devem representar fielmente a palavra divina” (Rodrigues apud Orlandi, 2006, p. 135), dar “sentido”, ou prever o futuro, ou buscar a verdade, ou entrar em contato “direto” com Deus por meio dos sonhos, na Alta Idade Média, passa a ser considerado heresia. Assim, a fim de administrar seus “poderes e perigos”, seu “acontecimento aleatório” e sua “materialidade”, a Igreja oficial aumenta a vigilância sobre os discursos e as práticas relativas aos sonhos, amplia o domínio sobre a sua interpretação, desautoriza a relação imediata com Deus através desse fenômeno e dissemina a ideia de que o futuro a Deus pertence e a noção de que a verdade está nas escrituras.

---

Goff (1994, p. 314), “[...] a conversão de Agostinho enquadra-se, assim, no quadro das conversões do cristianismo antigo, realizadas por intermédio de um sonho [...]”.

<sup>85</sup> “Termo pelo qual foram designados os adeptos de um movimento contra a Igreja Católica no norte da África durante o século IV, sob a liderança de Donato, bispo da cidade de Cartago (Azevedo, 1999, p. 102).

Em vista disso, processa-se um certo empobrecimento e uma cristalização, acompanhados de um relativo “enclausuramento” na discussão a respeito do sonho. Conforme destaca Le Goff (1994, 2006), os doutores da Igreja, como Gregório Magno e Isidoro de Sevilha, que, de certa forma, atualizam, a partir da perspectiva cristã, os discursos preexistentes sobre os sonhos, além de expandirem o controle da autoridade eclesiástica sobre eles, estabeleceram uma nova divisão social dos sonhos e dos sonhadores ao privilegiar os pensamentos oníricos dos santos e dos reis.

O sonho régio, que contribuiu para o triunfo do cristianismo na terra, é retomado, a partir do sonho de Constantino, e autorizado pela Igreja a ponto de se tornar abundante nas canções de gesta, particularmente na *Canção de Rolando*, na qual “[...] Carlos Magno tem sonhos proféticos em quatro momentos cruciais do entrecho” (Le Goff, 1994, p. 319). Ao lado dos reis, os santos se somam à classe privilegiada de sonhadores, haja vista que eles seriam os únicos capazes de distinguir com exatidão os sonhos verdadeiros (enviados por Deus) dos falsos (enviados pelo Diabo). A permanência da ambiguidade quanto à origem do fenômeno onírico nos discursos faz com que, no início do século VII, Isidoro de Sevilha, no livro chamado *De tentamentis somniorum*<sup>86</sup>, defendesse que era preciso ser extremamente prudente e desconfiado em relação aos sonhos, de tal modo que era preciso desprezá-los “mesmo quando eles parecem realizar-se, por receio de que eles provenham da ilusão, dos demônios, que são capazes de misturar o verdadeiro com o falso para melhor nos enganarem” (Le Goff, 1994, p. 326).

Ademais, o círculo monástico também se torna um lugar privilegiado de sonhadores e intérpretes dos sonhos. O discurso sobre eles se multiplica e se amplifica, sobretudo a partir do século VII, época em que a Igreja Cristã já havia alçado o lugar de aparelho ideológico de Estado dominante<sup>87</sup>. Mas esses discursos são vigiados e enclausurados pela Igreja oficial e pelas ordens monásticas que controlam as condições de seu funcionamento e impõem uma série de regras aos monges. Assim, essa dimensão do discurso se torna impenetrável para a maioria dos sujeitos não “qualificados” para entrar na “ordem do discurso”.

No século XII<sup>88</sup>, aproximadamente, a renovação urbana, a afirmação da superioridade papal sobre os demais poderes, ou seja, a reforma gregoriana, a lenta transformação das ordens monásticas e o aparecimento das ordens mendicantes, contribuíram para que discursos

---

<sup>86</sup> As tentações dos sonhos.

<sup>87</sup> Cf. Althusser (1996).

<sup>88</sup> Existe uma lacuna nos textos analisados para a redação deste subcapítulo da tese acerca dos discursos sobre os sonhos “vigiados e enclausurados” que se materializaram nas ordens monásticas entre os séculos VIII a XI. Por esta razão, este parágrafo toma como referência o século XII para continuar a descrição-intepretação dos enunciados.

sobre sonhos voltassem a “circular” na Idade Média. Discursos sobre pensamentos oníricos tornaram a frequentar o domínio político e a impactar a esfera cultural, como as artes e a filosofia. Le Goff (2006) menciona que os textos, as declarações e as discussões em torno dos sonhos, disseminados no ocidente cristão medieval a partir do século XII pelos bizantinos, judeus e árabes, que acrescentaram neles suas próprias ideias acerca desse fenômeno, são profundamente marcados pela onirocrítica praticada na Antiguidade.

No campo político, o sonho do Papa Inocêncio III, que enxergou São Francisco sustentando a Basílica de São João de Latrão, abalada pelos hereges, marca a continuidade dos sonhos verdadeiros (proféticos) enviados por Deus, do mesmo modo que o sonho do próprio São Francisco<sup>89</sup>, a exemplo do que acontecia nos primeiros tempos do cristianismo, está relacionado à sua conversão. A antiga tradição dos sonhos régios também não foi abandonada. Os príncipes, como um todo, na sua lenta ascensão ao poder que se processa na Baixa Idade Média, não negligenciavam “os avisos” que poderiam receber por meio dos sonhos. Henrique I da Inglaterra, por exemplo, viu-se, quando adormecido, atacado pelas três ordens que constituíam o imaginário do feudalismo, ou seja, por um grupo de camponeses, com suas ferramentas agrícolas, depois por um bando de cavaleiros, com suas lanças e espadas, hastes e flechas, e ainda por uma profusão de arcebispos, bispos e abades, com seus bastões pastorais (Lobato, 2014). Nas artes, para além da influência nas produções literárias, como nas canções de gesta, os discursos sobre sonhos materializam-se nas artes plásticas, especialmente nas telas, as quais passaram a expressar um *topos* gestual onírico que lembra a prática da incubação, para simbolizar o sonhador que aparece, “[...] na grande maioria dos casos, representado deitado de lado, com os olhos fechados e a cabeça sustentada pela mão” (Le Goff, 2006, p. 524). Enfim, os escolásticos, como Tomás de Aquino, cujo problema fundamental consistia em compreender a verdade revelada mediante a filosofia aristotélica, depararam-se com discursos sobre sonhos e refletiram a seu respeito. Na sua *Suma Teológica*, na qual a palavra “sonho” aparece setenta e três vezes, ele argumenta:

[...] é irracional negar o que é de experiência humana universal. Ora, todos sabem por experiência que os sonhos revelam certas causas futuras. Logo, é vão negar que se possa adivinhar por meio deles; e portanto é lícito recorrer a eles. [...] Portanto, devemos distinguir o que há de verdade a respeito do conhecimento do futuro, que podemos haurir nos sonhos. Ora, às vezes os sonhos são a causa dos acontecimentos futuros; por exemplo, quando alguém, com o espírito influenciado pelo que viu em sonhos, é levado a

---

<sup>89</sup> “Francisco, que queria ter estatuto de cavaleiro e não de filho de mercador, preso em Perugia depois de ter lutado em Companhia de jovens nobres, vê em sonho uma casa cheia de armas e de armaduras. Mas o sonho não é premonitório de seu futuro, e sim de sua conversão, que o fará renunciar à nobreza e às atividades guerreiras” (Le Goff, 2006, p. 527).

praticar ou não certo ato. [...] Outras vezes, porém, por obra dos demônios certas fantasias aparecem àqueles que dormem, e aos que mantêm com eles pactos ilícitos revelam certos acontecimentos futuros. (Aquino<sup>90</sup> apud Ribeiro, 2019, p. 77-78)

A suspeita exposta por Tertuliano no século III sobre o fato de o sonho ser um fenômeno universal aparece no discurso escolástico, particularmente na reflexão de Tomás de Aquino, mas enquanto a incerteza frequente o *De anima*, na *Suma Teológica*, uma afirmação assevera que o sonho se manifesta em todos os sujeitos, ou seja, “é irracional negar o que é de experiência humana universal”. A memória de discursos sobre sonhos que relacionam a sua ocorrência aos acontecimentos futuros também se materializa no raciocínio de Aquino, visto que, às vezes, o sujeito é levado “a praticar ou não certo ato” em função de um sonho<sup>91</sup>. Contudo, o problema acerca da origem dos sonhos permanece, haja vista que eles podem ser, “naturalmente”, obra de Deus, mas também obra dos demônios. Há aqui, no entanto, um relativo deslocamento em relação aos discursos que articulam os sonhos falsos aos demônios, pois, a despeito do efeito ambíguo que o pronome indefinido “certas”, seguido pelo substantivo “fantasias”, imprime ao excerto, os acontecimentos futuros também podem provir dessa origem.

Os tipos de sonhos discernidos por Macróbio no século IV e os discursos que os associam ao estado fisiológico do sujeito também são retomados e atualizados. Assim, a categoria de sonho “*somnium*” (*oneiros em grego*), relacionada aos sonhos simbólicos que poderiam prever o futuro de forma velada, desloca-se de toda e qualquer relação que pudesse reinscrevê-la no domínio de Deus — responsável pelos sonhos verdadeiros — e se atualiza ao ter o seu sentido vinculado às características do sujeito sonhador. Como depreende Le Goff (2006, p. 522):

se podemos e devemos buscar seu significado oculto, revelador, premonitório ou simbólico, este significado deve ser obtido na qualidade de “veículo” de sentido, a partir das características dos indivíduos, todos igualmente objetos de sonhos a interpretar. [...] De especial importância para a natureza e o tratamento dos sonhos é o tipo de humor dominante no sonhador: sanguíneo, colérico, fleumático, melancólico. Sonho e compleição também estão intimamente ligados no tratado *Sobre o prognóstico dos sonhos* de Guilherme de Aragão.

Ainda que a relação entre o sonho “*somnium*” (*oneiros em grego*) e as características do sujeito, se se considerar a distinção efetuada por Artemidoro entre os sonhos *enupnia* e

<sup>90</sup> AQUINO, Tomás de (Santo Tomás de Aquino). **The summa theologica**. Encyclopedia Britannica, 1990.

<sup>91</sup> Henrique I da Inglaterra, mencionado há pouco como exemplo, após o sonho aterrorizante no qual se viu atacado pelas três ordens que constituíam o imaginário no feudalismo, teria sido aconselhado a ser menos sovina e a dar esmolas para se redimir dos seus pecados (Lobato, 2014).

*oneiros*<sup>92</sup>, evidencie uma contradição, visto que a categoria *enupnia* se aproxima mais do sujeito, enquanto a categoria *oneiros* “vincula-se” ao acontecimento futuro, na Alta Idade Média, as idiossincrasias dos sonhadores concorriam para estabelecer os sentidos das visões noturnas. Nesse processo de “dessacralização” dos discursos sobre sonhos, ou seja, nessa retomada de discursos sobre sonhos da Antiguidade, o tipo de “humor dominante no sonhador”, tal qual estabelecido por Galeno no século II d. C., também interferiria na sua interpretação e, por extensão, uma vez que essa noção está intimamente ligada à história da medicina, recrudesceria o elo existente desde Hipócrates entre o sonho e o diagnóstico das doenças.

Cumprir registrar que os quatro humores ou temperamentos descritos por Galeno se relacionam com o tratado de Hipócrates que, por sua vez, está associado às partes e/ou aos fluxos do corpo, aos elementos da natureza, às estações do ano e às fases da vida. Dessa forma, o tipo sanguíneo se relaciona com o sangue, com o ar, a primavera (úmido e quente) e a infância; o tipo colérico se relaciona, por sua vez, com a bile amarela, com o fogo, o verão (quente e seco) e a adolescência; já o tipo melancólico se relaciona com a bile negra, com a terra, o outono (seco e frio) e a maturidade; por fim, o tipo fleumático se relaciona com a fleuma, a água, o inverno (frio e úmido) e a velhice (Rezende, 2009; Roudinesco; Plon, 1998). Por essa razão, a antiga ligação entre o sonho e a medicina é reafirmada e o sujeito que pretendesse estabelecer o seu sentido deveria, pois, se esforçar para discernir a multiplicidade de sentidos possíveis “[...] dos sonhos e sua ambiguidade situando bem os símbolos oníricos em seus laços precisos com os temperamentos e os climas, com as condições históricas e o estatuto social do sonhador” (Le Goff, 2006, p. 523).

Aos poucos, a intersecção entre cultura letrada e cultura popular, que se justapõem e passam a circular nos núcleos urbanos ascendentes, concorreram para a disseminação e a vulgarização de discursos sobre sonhos. Dante Alighieri, por exemplo, dá lugar ao sonho na *Divina Comédia* ao alegar que os sonhos proféticos seriam os matinais (Ribeiro, 2019). Já Petrarca e Boccaccio refletem, respectivamente, sobre a relação entre o sonho e a visão e como o fenômeno onírico reflete os acontecimentos da existência humana (Le Goff, 2006). Além disso, tem-se a teoria dos humores de Galeno que atravessa o final da Idade Média e se introduz nos séculos XV e XVI, ou seja, avança sobre o Renascimento — período que marca a passagem lenta e gradual da Idade Média para a Idade Moderna. Assim, estes discursos se mantêm no pensamento e na cultura humanista que, a partir do interesse pela cultura greco-

---

<sup>92</sup> Ver o subcapítulo “Sonhos Antigos”, páginas 41 e 42.

romana, uma época na qual a espécie humana teria supostamente alcançado suas melhores realizações, “liberta” alguns homens do jugo religioso e os reabilita para a produção do saber.

Discursos sobre sonhos ainda foram afetados pela reanimação da prática do “saltério onírico”<sup>93</sup>, cada vez mais consumada, e passaram a incluir, no século XIV, a astrologia em sua interpretação, ao destacar o papel das estrelas benignas e malignas, as fases da lua e a posição dos planetas. Ambas as “inovações” na maneira de se conceber os sonhos possivelmente se encontram na origem dos muitos manuais de interpretação desse fenômeno que proliferaram na Idade Moderna.

Seja como for, devido à presença de relatos sobre sonhos na Bíblia e/ou ao valor atribuído às visões noturnas na Antiguidade, os discursos acerca dos sonhos na Idade Média foram tratados com interesse, sobretudo nos primeiros tempos da era cristã. Todavia, à medida que a Igreja se tornava a religião oficial e ascendia ao poder, os discursos passavam a materializar certas incertezas e determinadas desconfianças. Concorreram para essa mudança de atitude a falta de critérios que permitissem reconhecer e separar os sonhos verdadeiros dos sonhos falsos, a impossibilidade, com exceção dos homens Santos, de se discernir exatamente a sua origem, a entrada em cena do Diabo e as tentações por ele enviadas aos sonhadores, bem como a hipertrofia conferida aos sonhos pelos “hereges”. A propósito, essas incertezas e desconfianças contribuíram para a formação do par histórico sonho e medo, cuja gênese e crescimento são muito remotos: “pela sua diabolização, o sonho passou a enquadrar-se naquela síndrome do *contemptus mundi*, da “recusa do mundo” que o *monaquismo* da Alta Idade Média construiu infatigavelmente” (Le Goff, 1994, p. 329). Logo, a censura e o controle sobre os discursos se ampliam, de tal forma que a sua circulação é interdita — ou enclausurada — e a sua interpretação se restringe à posição da autoridade eclesiástica, que enfaticamente afirma que o futuro a Deus pertence, que a verdade está nas Escrituras e que o contato direto com Deus não pode mais acontecer.

Com o tempo, em virtude do desenvolvimento das cidades e das transformações no interior das ordens monásticas, discursos sobre sonhos voltam a frequentar o domínio político, artístico e filosófico, entre outros. A antiga onirocrítica e o elo entre o sonho e o estado fisiológico do sujeito são retomadas, assim como a intersecção entre a cultura erudita e a popular contribuíram com a dessacralização e a vulgarização desse fenômeno no início da chamada Idade Moderna.

---

<sup>93</sup> “[...] um sonhador leva seu sonho a um padre que abre ao acaso um saltério, e uma frase da página onde (misteriosamente, providencialmente?) o livro se abriu fornece, por intermédio do padre, o sentido do sonho” (Le Goff, 2006, p. 524).

### 2.3 SONHOS MODERNOS

Na parte introdutória desta tese, comentamos que certos discursos, ao se referirem à experiência onírica e às práticas ligadas a ela na Época Moderna, indicam como a importância, o valor e a função atribuídos aos sonhos em outros tempos, lugares e culturas entram em declínio. Freud, conquanto não explique o que causou essa ruptura, se filia a esse discurso. Conforme suas palavras:

Como foi que a arte da interpretação dos sonhos entrou em decadência, e o próprio sonho caiu em descrédito, não sei dizer aos senhores. Nisso, o Iluminismo não há de ter desempenhado grande papel, uma vez que a obscura Idade Média preservou fielmente coisas muito mais absurdas que a interpretação dos sonhos dos antigos. O fato é que o interesse no sonho degenerou pouco a pouco em superstição, firmando-se apenas entre os incultos. (Freud, 2014, p. 93)

Nessa passagem, observamos em Freud um discurso que reconhece a depreciação “relativa” do fenômeno onírico na Época Moderna, na medida em que distintos grupos sociais não teriam sido persuadidos de modo igual quanto à irrelevância das manifestações oníricas. Considerando os fatos em sua formulação mais simples, por um lado, podemos dizer que a apropriação de um discurso que rebaixa a arte da interpretação dos sonhos e o próprio sonho se deu entre as classes “superiores” e “letradas”. Por outro, entre os “incultos” do período, isto é, entre os sujeitos das classes inferiores e iletradas, a experiência onírica teria preservado seus atributos de outrora.

Diga-se de passagem, essa distinção entre as classes, os grupos e os sujeitos quanto à apropriação de um discurso atualizado sobre o fenômeno onírico por uma camada da sociedade, enquanto outras teriam se mantido ligadas a certas práticas arcaicas, tende a ser retomada por outros autores. Ribeiro (2019) alega que a invenção da imprensa teria criado as condições de possibilidade para a multiplicação de tratados de explicação onírica que, funcionando como uma espécie de dispositivo de interpretação preestabelecido de sonhos, similar aos saltérios oníricos, passaram a circular entre as camadas populares na modernidade. Citando caso parecido, Corbin constata a foça e a continuidade relativa dessa prática que teria vida longa, na medida em que, mais tarde, “durante todo o século [XIX], as *Clésdes songes* (Chaves dos sonhos), difundidas por mascates entre o público popular, atesta, a propósito, o escalonamento de comportamentos e a manutenção das crenças arcaicas” (Corbin, 1999, p. 471).

Koselleck (2017, p. 167) mais ou menos subscreve esse discurso ao lembrar que, “[...] em vez de interpretar os sonhos, os esclarecidos da Idade Moderna adotaram o hábito de explicá-los psicologicamente, menosprezando-os como fantasias irrelevantes”. No entanto, ao contrário de Freud, que não teria encontrado as causas para a diminuição do interesse nos sonhos, Koselleck pondera que um dos primeiros sinais de que o fenômeno onírico começou a perder seu poder de atração entre os “esclarecidos” pode ser encontrado na redução das cenas de visão noturna a um estímulo físico ligado a fatores naturais. De fato, com o passar do tempo, é possível observar a emergência de um discurso propenso às explicações científicas sobre os mecanismos oníricos ligados à cenestesia que, necessariamente, “conduz a privilegiar o papel das mensagens orgânicas, viscerais ou cerebrais e simultaneamente a valorizar a influência das preocupações da véspera e dos resíduos das sensações diurnas” (Corbin, 1999, p. 471).

Ainda conforme esse discurso, retomado por Koselleck (2017), no interior da tradição cristã, sonhos tidos como sobrenaturais, enviados por Deus ou pelos anjos, foram historicizados e racionalizados teologicamente, de modo que suas ocorrências ficaram restritas ao passado, aos tempos dos dois testamentos. Com efeito, como lembra Corbin (1999, p. 471), “o futuro deixa de polarizar a atividade onírica, ou seja, no domínio laicizado, os sonhos nessa época teriam deixado de ser um canal por meio do qual os Deuses poderiam transmitir suas mensagens acerca de acontecimentos futuros”. Em suma, “[...] quando a técnica racionalista de redução menosprezou todos os sonhos, ficou também para trás, como uma questão aberta, a necessidade de interpretá-los” (Koselleck, 2017, p. 168). Por conseguinte, a relevância dos sonhos para as decisões políticas e religiosas teria diminuído com o avançar da Época Moderna em função de uma forma de pensamento que privilegia a razão como meio de conhecimento e explicação da realidade.

Esse discurso ainda se materializa em *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. Nessa obra, Ribeiro (2019) argumenta que a formação dos Estados Nacionais e o início do mercantilismo na Época Moderna concorreram para afastar a experiência onírica da esfera pública. O discurso cristão, como vimos acima, acompanharia essa tendência, pois, “no século XVI a cristandade já tinha a revelação onírica como fonte de blasfêmia e danação — na pior das hipóteses — ou irrelevância — na melhor delas” (Ribeiro, 2019, p. 80). Ademais, o descrédito dos sonhos, conforme esse discurso, teria se aprofundado nos séculos subsequentes com o racionalismo que marca a origem do pensamento científico.

No século XVII, por exemplo, o filósofo e matemático René Descartes, que interpretou com entusiasmo alguns sonhos que lhe ocorreram na juventude, sonhos estes que

teriam lhe indicado um caminho a seguir na vida, expressou tardiamente uma grande desconfiança quanto à proficuidade dos pensamentos oníricos. Como constata Ribeiro (2019, p. 81):

a despeito das importantes revelações oníricas que relatou ter experimentado na juventude, sonhos poderosos à margem do Danúbio que segundo ele próprio inspiraram a geometria analítica e o método da dúvida sistemática, em sua maturidade Descartes definiu o sonho como mero estado de ilusão derivado das impressões da vigília.

A partir dessa passagem, podemos observar como esse discurso identifica o recrudescimento da razão como uma forma privilegiada de apreensão da realidade e investigação científica, ao mesmo tempo em que aponta para o rebaixamento onírico na Época Moderna.

Um entendimento próximo a esse foi observado por Foucault em sua *História da loucura*, ao evidenciar que “no caminho da dúvida, Descartes encontra a loucura ao lado do sonho e de todas as formas de erro” (Foucault, 2019, p. 45). No entanto, em suas densas análises sobre o gesto institucional, que pretende enclausurar a loucura, e sobre o projeto teórico cartesiano defendido por Descartes, que busca excluir qualquer referência recíproca entre razão e insensatez, Foucault destaca uma certa diferenciação no tratamento dispensado aos sonhos e às ilusões. Conforme ele pontua:

na economia da dúvida, há um desequilíbrio fundamental entre a loucura, de um lado, e o sonho e o erro, de outro. A situação deles é diferente com relação à verdade e àquele que a procura; sonhos ou ilusões são superados na própria estrutura da verdade, mas a loucura é excluída pelo sujeito que duvida. (Foucault, 2019, p. 46)

Mesmo que o destino das manifestações oníricas, aparentemente, seja menos inflexível do que o prescrito à loucura, ambas as experiências no decorrer da Época Moderna, em função da predominância racionalista, deixam de ser portadoras de uma verdade e são, ainda que de formas distintas, afastadas, silenciadas e banidas dos homens que se encontram ao abrigo da razão. Não passará muito tempo para que ambas as experiências se encontrem patologizadas pelo discurso psiquiátrico (Corbin, 1999).

Ao que parece, esses discursos relativos à experiência onírica na Época Moderna transcendem esse período e encontram-se bem conservados em nossos dias, haja vista a correlação entre os enunciados destacados acima. Ademais, vemos como esses discursos não se limitam a um único campo do saber, uma vez que são reativados, atualizados e transformados em domínios psicanalíticos, históricos e neurocientíficos.

Contudo, há outros discursos que materializam uma divergência, senão uma visão outra desse entendimento, que, guardadas as devidas variações, foram descritos e interpretados até aqui. Assim, conforme sustenta Burke (2000), na Época Moderna certas práticas e dizeres articulados aos fenômenos oníricos, independentemente de classes, grupos e sujeitos, teriam preservado a valorização desses fenômenos, tal qual observado em outras épocas. De acordo com o autor (Burke, 2000, p. 49):

na Europa, nos séculos XVI e XVII, como na Antiguidade e na Idade Média, os sonhos eram levados a sério pelo que revelavam sobre o futuro. Proliferavam os manuais de interpretação de sonhos, e existiam práticas equivalentes à incubação, em particular dormir em cemitérios ou com a Bíblia debaixo do travesseiro.

Ao invés de uma ruptura, vemos nessa passagem a construção de uma “continuidade” de discursos e práticas relacionadas aos sonhos existentes na Antiguidade e na Idade Média, pois também nessa época os sonhos não teriam perdido seu poder de atração, decaído para um estado de superstição e se afirmado somente entre os estratos sociais tidos como não esclarecidos, inferiores e populares. Em que pese a menção à disseminação de manuais de interpretação de sonhos, provas de que os fenômenos oníricos mantiveram seu aspecto grave seriam a conservação de um discurso antiquíssimo acerca da capacidade dos sonhos de prever o futuro e, além disso, a reanimação de práticas congêneres à técnica da incubação observada nos templos dedicados a Asclépios na Antiguidade, como “dormir em cemitérios ou com a Bíblia debaixo do travesseiro” para, quiçá, receber algum presságio enviado pelos Deuses.

Não é sem razão que “a 11 de novembro de 1689, a *Gazette* de Paris ofereceu um prêmio de 20.000 luíses para a interpretação de um sonho de Luís XIV” (Burke, 2000, p. 49). Contudo, o simples fato de o “Rei Sol” aparentemente não ter um intérprete oficial de sonhos em sua corte, sendo necessário recorrer a esse expediente, demonstra como esse discurso se transformou ao longo dos séculos e, em parte, pode ser um indicador de que, na Época Moderna, os sonhos poderiam não ser levados tão a sério quanto se supõe.

Em resumo, por um lado, há uma série de discursos articulados que apontam para uma tendência à insignificância dos sonhos na Época Moderna, os quais se encontram bem conservados e, não raro, são restituídos por diferentes campos do saber em nossos dias. O descrédito pelos fenômenos oníricos teria sido relativo, visto que os chamados incultos, não esclarecidos e populares, ao não se apropriarem desses discursos, mantiveram-se de alguma forma ligados às antigas práticas. A Igreja Cristã teria seguido a propensão desse período, posto que também tratou de desconsiderar as manifestações oníricas, seja por meio de uma

historicização teológica, relegando ao passado as revelações divinas, seja mediante uma recusa acachapante. Já o advento do racionalismo teria, por um lado, selado a ruptura com as tradições seculares de interpretação dos sonhos. Por outro, vemos um discurso que considera que os sonhos, tal como na Antiguidade e na Idade Média, não perderam seu poder de atração, visto que, nessa época, foram registrados tanto sua capacidade de antever um acontecimento futuro, quanto um conjunto de práticas ligadas a esse objetivo — guardadas as devidas derivações. Enfim, no limiar contemporâneo, quando lentamente se observa o recuo do sonho para o passado individual e para a valorização das experiências vividas na infância, transformações influenciadas pelo romantismo (Corbin, 1999), eis que germina a emergência da psicanálise.

## 2.4 SONHOS CONTEMPORÂNEOS

Na contemporaneidade, ou mais precisamente, desde o limiar do século XX, o discurso psicanalítico<sup>94</sup> sobre os sonhos inaugura uma forma inédita de interpretação desse objeto. Conforme dissemos de passagem na *Introdução* desta tese, o livro *A interpretação dos sonhos*, lançado no final de 1889, com a data alterada em seu frontispício para 1900, pois já se acreditava que essa obra poderia figurar como uma das mais importantes do século, mais ou menos retoma as práticas de interpretação de sonhos vigentes na Antiguidade para, em seguida, delas se afastar.

Nesse livro, ao analisar de modo pormenorizado, ou de uma maneira menos detida, um total de 223 sonhos, 47 seus e 176 oriundos de pacientes ou de pessoas próximas, Freud, que assume simultaneamente as posições de autor, de sonhador, de intérprete e de teórico, elaborou um minucioso tratado a respeito das imagens oníricas que, passados mais de cem anos desde a sua primeira edição, continuam atuais. Sua extemporaneidade, conservação e retomada por diferentes campos do saber se deve ao fato de esse discurso recusar certas noções, como aquelas que ganharam força na modernidade, as quais tendem a reduzir os sonhos aos estímulos físicos e/ou cinestésicos, a não considerar essa experiência subjetiva do sonhador sonhando como um ato mental superior, avaliando-o como uma simples ilusão, um fenômeno absurdo e sem sentido. Mais do que isso, a atualidade desse discurso está

---

<sup>94</sup> Sabemos que, na contemporaneidade, processam-se algumas inflexões no interior do discurso freudiano, bem como, no decorrer dessa época, vislumbramos a formação de outros discursos sobre os fenômenos oníricos. Contudo, optamos nesta seção por comentar o discurso freudiano materializado em sua obra *A interpretação dos sonhos*, visto que tanto as “inflexões” quanto “os discursos outros”, ou já foram comentados na *Introdução* desta tese, ou serão discutidos nos próximos capítulos.

provavelmente relacionada ao empenho de Freud em mostrar sua originalidade e produzir, a partir da investigação do objeto sonho, da construção de um método de interpretação desse objeto e da elaboração de uma teoria que remete a ele, uma nova forma de compreensão do funcionamento da psique humana.

A despeito dessas observações não serem novas, o discurso materializado ao longo dos sete capítulos<sup>95</sup> que compõem a obra *A interpretação dos sonhos* pode ser discernido em três partes (Roudinesco; Plon, 1998). O capítulo exordial, que não integrava o texto original e teria sido escrito a contragosto por Freud no mesmo ano do lançamento, encerra a primeira parte. O método de interpretação dos sonhos, a sua principal função, a teoria da formação-deformação do sonho e o trabalho do sonho compreendem a segunda parte. Esses temas são minuciosamente desenvolvidos nos cinco capítulos seguintes, isto é, entre os capítulos dois e seis, Freud apresenta o essencial do seu discurso, diversas vezes revisitado, modificado e reformulado, a respeito da interpretação dos sonhos. Já a terceira parte é formada pelo capítulo VII, no qual Freud explica sua primeira tópica, ou seja, o funcionamento do aparelho psíquico a partir das noções de inconsciente, pré-consciente e consciente.

No início, vemos uma espécie de revisão bibliográfica acerca do que se disse sobre os sonhos na história, enfatizando-se, sobretudo, certas noções e ideias sobre esse fenômeno desenvolvidas no decorrer do século XIX, embora não falem referências à forma como os antigos examinavam as manifestações oníricas. Segundo Freud (2022), ainda que muita coisa interessante tenha sido dita e escrita sobre os sonhos, esse fenômeno ainda permanecia com muitos de seus enigmas a serem solucionados, quiçá, pelo seu discurso.

Com uma análise detalhada do afamado “sonho da injeção de Irma”, ao que tudo indica, sonhado por Freud na noite de 23/24 de julho de 1895, seu método de interpretação dos sonhos é apresentado. Para sermos breves, o discurso freudiano mais ou menos transpõe o método interpretativo aplicado na análise de certas formações psicopatológicas (fobias, histerias, ideias obsessivas etc.) aos sonhos, visto que a experiência onírica poderia estar concatenada psiquicamente a uma ideia patológica que, por sua vez, seria rastreável pela memória. Dessa forma, argumenta Freud (2022, p. 132), “o passo seguinte foi tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar a ele o método de interpretação desenvolvido para os sintomas”.

---

<sup>95</sup> Na edição por nós utilizada, os sete capítulos do livro *A interpretação dos sonhos* foram traduzidos com os seguintes subtítulos: I. A literatura científica sobre os problemas do sonho; II. O método de interpretação dos sonhos: análise de uma amostra de sonho; III. O sonho é a realização de um desejo; IV. A deformação onírica; V. O material e as fontes do sonho; VI. O trabalho do sonho; VII. Psicologia dos processos oníricos.

Esse método pressupõe necessariamente três momentos. No primeiro, há o relato preliminar antes da narrativa do sonho, ou seja, há a apresentação mais ou menos esmiuçada de acontecimentos da véspera ou antigos, dos locais e das pessoas a que o sonho faz referência. O relato do sonho propriamente dito marca o segundo momento. Por último, a interpretação do fenômeno onírico, fundamentada em associações livres, proferidas pelo sonhador para cada um dos objetos representados no sonho, e pautada por observações teóricas e metodológicas por parte do psicanalista. Além disso, a aplicabilidade desse método está condicionada a pelo menos duas atitudes que deveriam ser assumidas pelos sonhadores, quais sejam: um acréscimo de atenção às percepções psíquicas e uma diminuição da crítica com que eles selecionam as palavras que lhes serviriam para a expressão dos pensamentos que lhes surgem. Essas atitudes seriam condição *sine qua non* para que a interpretação conseguisse reconhecer certos conflitos “latentes” e apontar um sentido para o sonho.

A propósito, Freud foi enfático ao afirmar que os sonhos são portadores de sentidos. Conforme suas palavras:

o sonho não pode ser comparado ao ressoar irregular de um instrumento musical que, em vez de ser tocado pela mão de um músico, é golpeado por uma força externa; ele não é despido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte de nosso acervo de representações esteja dormindo, enquanto outra parte começa a despertar. Trata-se de um fenômeno psíquico de pleno valor, é a realização de um desejo; deve ser inserido no contexto dos atos psíquicos compreensíveis da vigília; foi construído por uma atividade mental altamente complexa. (Freud, 2022, p. 155)

A afirmação de que os sonhos são providos de sentidos, enunciada por Freud, não deixa de ser uma atualização de determinados discursos produzidos na Antiguidade, ou ainda, em concordância com o que já indicamos, uma forma de se ligar ao pensamento mais arcaico. Todavia, segundo o pai da psicanálise, os sonhos não provêm de uma força externa, como a dos deuses, por exemplo, e não olham para o futuro. Antes, são uma obra produzida estritamente pelo sujeito e refletem de modo significativo o passado. Também vemos nesse trecho como Freud reafirma a ruptura com certos discursos sobre os sonhos reconhecidos como válidos em seu tempo, na medida em que os considera um “fenômeno psíquico”, não sendo, portanto, meras reações a estímulos somáticos — embora possam ser motivados por eles. Além disso, nessa passagem, está explicitamente materializada aquela que seguramente é uma das ideias centrais defendidas no livro *A interpretação dos sonhos*, qual seja: a razão de ser dos pensamentos oníricos seria a realização de um desejo “inconsciente”.

Decerto, na interpretação-modelo que Freud faz do “sonho da injeção de Irma”, ao dar livre curso às suas associações, ele sustenta a ideia de que uma das principais funções dos pensamentos oníricos seria a realização de um desejo. Lembremos que Irma era uma jovem senhora, integrante do círculo íntimo de Freud e de sua família, submetida ao tratamento psicanalítico no verão de 1895. Esse tratamento teria chegado ao fim com um sucesso parcial, pois a paciente se recuperou de sua angústia histórica, mas não se livrou de todos os sintomas somáticos. Freud comenta que havia proposto uma solução ao caso que pareceu inaceitável a Irma. Por isso, mesmo reconhecendo que não comunicou tudo o que lhe ocorreu durante o trabalho de interpretação, Freud observa que esse sonho o exime da responsabilidade quanto ao estado de saúde debilitado de Irma e, ao mesmo tempo, o vinga de seu amigo Otto que, ao visitar a paciente e lhe comunicar que ela estava melhor, mas não completamente bem, havia insinuado a sua culpa nesse caso. Assim, o psicanalista conclui que esse “[...] sonho representa determinado estado de coisas da forma como eu desejo; *seu conteúdo é, portanto, uma realização de desejo; sua motivação é um desejo*” (Freud, 2022, p. 151-52). Todavia, consoante ao que veremos adiante, é significativo depreender que a realização de um desejo atribuído ao fenômeno onírico pelo discurso freudiano é alucinatória, logo, não tem necessariamente correspondência com a realidade material.

Previendo certas indagações quanto à noção de que o sonho não é senão a realização de um desejo, o discurso freudiano introduz a distinção entre o conteúdo manifesto e o pensamento latente. Nesse caso, o primeiro seria a representação do segundo, representação essa transfigurada pelo “trabalho do sonho”, ou seja, “o conteúdo manifesto é uma deformação do conteúdo latente, o que equivale a dizer que o conteúdo latente dissimula-se por trás do conteúdo manifesto” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 394). Essa deformação seria o sinal de uma defesa contra o desejo transmitido pelo sonho. Para acessar esse conteúdo latente, que remonta ao sentido do sonho, isto é, ao desejo inconsciente, seria preciso ter em mente que essas dimensões se apresentam em duas linguagens diferentes. O sonho funcionaria como uma espécie de rébus, no qual a forma pictográfica do conteúdo manifesto, por meio da associação livre, é substituída por uma palavra que, de alguma forma, remeta à imagem. Assim, um sonho de angústia, por exemplo, seria a realização de um desejo irreconhecível, em razão do processo que transforma o pensamento latente em sonho manifesto. A partir disso, Freud pôde aprimorar seu discurso quanto à essência do sonho, asseverando que “*o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido, reprimido)*” (Freud, 2022, p. 195).

Os processos responsáveis por essa deformação do pensamento latente em conteúdo manifesto são apresentados na seção dedicada ao trabalho do sonho. Nesse ponto, o discurso freudiano destaca as noções de condensação, de deslocamento, de figuração por imagens e de elaboração secundária. No entanto, como aponta o próprio Freud (2022, p. 350), “o *deslocamento e a condensação do sonho* são os dois mestres artesãos a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a forma do sonho”, ou seja, a ênfase recai sobre esses dois mecanismos, posto que ambos são inerentes ao funcionamento do próprio inconsciente e se encontram em outras formações, como no ato falho, no chiste e no sintoma.

Em relação à condensação, a primeira realização do trabalho do sonho, Freud (2014, p. 188) argumenta que ela se dá na medida em que:

1. certos elementos latentes são excluídos; 2. apenas um fragmento dos vários complexos do sonho latente figuram no manifesto; 3. elementos latentes que possuem algo em comum apresentam-se reunidos no sonho manifesto, ou seja, fundem-se em uma única unidade.

Freud teria percebido o processo de condensação ao comparar a escassez do conteúdo manifesto de certos sonhos com a abundância do pensamento latente dos mesmos sonhos quando interpretados. Um dos principais mecanismos formulados pelo discurso freudiano para explicar a forma, muitas vezes absurda, incongruente e incompreensível como o sonho se apresenta, a condensação é, especialmente, responsável pelo agrupamento de uma série de imagens, temas, objetos, pessoas, ideias, entre outros, que se formam no inconsciente e aparecem representadas por um único elemento no sonho manifesto. Ademais, embora esse processo possa ser visto como um efeito da censura<sup>96</sup>, também é uma forma de escapar dela e, por meio de associações, evidenciar o pensamento latente que a originou.

No caso do deslocamento, identificado como um segundo mecanismo na formação-deformação do sonho, Freud (2022) expõe que ele é responsável pelo processo que efetua a substituição de elementos de alto valor psíquico do pensamento onírico latente por outros elementos de menor intensidade que assumem o seu lugar no conteúdo onírico manifesto. Esse processo ocorre, principalmente, de duas maneiras:

na primeira, um elemento latente não é substituído por um seu componente próprio, e sim por algo mais distante, isto é, por uma alusão; na segunda, a ênfase psíquica passa de um elemento importante para outro irrelevante, fazendo com que o sonho tenha outro centro e, assim, pareça estranho. (Freud, 2014, p. 191)

---

<sup>96</sup> O termo “censura”, no discurso freudiano, designa uma forma de proteção do aparelho psíquico que tende a interditar aos desejos inconscientes o acesso aos sistemas pré-consciente e consciente (Laplanche; Pontalis, 2001).

Inteiramente vinculado à censura e considerado como mais um recurso utilizado por Freud para explicar o processo de deformação do sonho, o deslocamento ainda exerce um importante papel quando se busca compreender a valência dos afetos presentes nos fenômenos oníricos. Portanto, de acordo com o discurso freudiano materializado em *A interpretação dos sonhos*, as manifestações afetivas no sonho não podem ser depreciadas, como usualmente se faz com o conteúdo do sonho, na medida em que os afetos vivenciados em sonho não são nada inferiores às emoções sentidas em vigília. Dito de outro modo, na maioria das vezes, os afetos intrínsecos aos pensamentos latentes dos sonhos são preservados, ou seja, geralmente não sofrem o crivo do deslocamento, enquanto as representações que irrompem no conteúdo manifesto são deformadas, substituídas e alteradas. Sendo assim, dirá Freud (2022, p. 506) que “quando tenho medo de ladrões no sonho, os ladrões são imaginários, mas o medo é real, e o mesmo acontece quando me alegro no sonho”. Por obra do deslocamento, às vezes, o contrário também ocorre, isto é, afetos intensos de terror, medo e angústia podem surgir de representações pouco significativas, como em um sonho lépido, jovial e aprazível, no qual um sujeito, ao despertar, pode se surpreender com a inscrição dessas emoções.

O trabalho do sonho ainda realiza a conversão de pensamentos em imagens visuais. Porém, nem todos os pensamentos oníricos sofreriam essa transformação, uma vez que pensamentos, desejos e afetos “latentes” podem se apresentar no sonho manifesto de forma original. Já a chamada elaboração secundária seria responsável por produzir um relato do fenômeno onírico mais ou menos sem lacunas, completo e coerente, a partir dos resultados imediatos do trabalho do sonho. “Com frequência, ela organiza o material de acordo com um sentido inteiramente equivocado, e realiza inserções onde lhe parece necessário” (Freud, 2014, p. 199), pois esse processo é intermediado por um modo de pensar consciente que potencialmente pode fornecer ao sonho outros elementos.

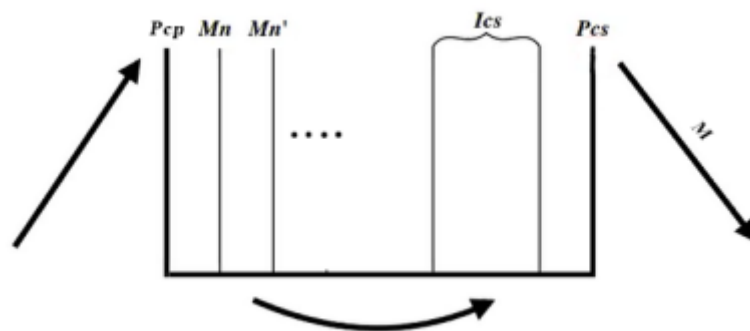
Enfim, o capítulo VII, conforme uma modalidade de leitura da obra *A interpretação dos sonhos* apontada por nós no início desta seção, encerra a terceira e última parte desse discurso. Freud estabelece nesse capítulo sua primeira concepção do aparelho psíquico, cujo alcance evoca obras destinadas à reformulação de partes desse discurso na década de 1920. Assim, para o autor:

toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Então, atribuímos ao aparelho uma extremidade sensível e uma extremidade motora; na extremidade sensível se encontra um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro que abre as

comportas da motilidade. Em geral, o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva para a extremidade motora. (Freud, 2022, p. 587)

Em conformidade com essa noção do aparelho psíquico enunciada por Freud, esse sistema se constitui por meio do processo reflexo, em que um estímulo perceptivo (*Pcp*) interno ou externo provoca, por exemplo, a motilidade (*M*). Entretanto, uma vez que os estímulos que provocam a excitação não conservam nenhuma memória, Freud acrescenta entre a extremidade perceptiva e a extremidade motora os traços mnêmicos (*Mn*) responsáveis pelas associações, sendo que os traços mnêmicos que são mais significativos e fortes nos sujeitos vinculam-se às experiências da primeira infância, experiências essas que dificilmente se tornam conscientes. Por conseguinte, Freud inclui nesse entremeio as instâncias denominadas pré-consciente (*Pcs*) e inconsciente (*Ics*), para minimamente indicar a forma como os processos de excitação que ocorrem dentro do aparelho psíquico podem acessar à consciência (*Cs*). O autor expõe que o pré-consciente, além de ser um instrumento que critica e que mantém relações mais próximas com a consciência, é a parte do sistema que controla a motilidade voluntária: “o sistema por trás deste chamamos *o inconsciente*, pois não tem acesso à consciência *senão pelo pré-consciente*; ao passar por este, seu processo de excitação tem de se submeter a modificações” (Freud, 2022, p. 591-592). Diante disso, a aparência desse sistema seria a seguinte:

**Figura 1:** Representação do primeiro sistema psíquico elaborado por Freud em *A Interpretação dos sonhos*



**Fonte:** Freud (2022, p. 591).

Uma vez formulada essa primeira representação do aparelho psíquico, Freud explica que o ímpeto para a formação do sonho ocorre justamente no inconsciente, dado que essa instância psíquica não pode oferecer outra coisa que não seja um impulso à realização do desejo durante o sono. Isso porque o aparelho psíquico, em um primeiro momento, tendia a se

livrar de tantos estímulos quanto fosse possível. Dessa forma, ele se caracterizou por ser um aparelho reflexo, ou seja, conseguia descarregar de imediato qualquer excitação sensível que o atingisse de fora. Mas isso não é tudo, haja vista que as grandes necessidades internas, que podem ser chamadas de “expressão da emoção”, igualmente exigiram uma elaboração por parte desse sistema mediante uma vivência de satisfação. Nesse sentido, conforme postulado por Freud (2022, p. 617):

a criança faminta grita ou se agita desamparada. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação que parte de uma necessidade interna não corresponde a uma força que impele de maneira momentaneamente, mas que age de forma contínua. Uma mudança só pode ocorrer quando, de algum modo, por meio de uma ajuda vinda de fora, a criança tem a *vivência de satisfação*, que anula o estímulo interior.

Segundo essa passagem, ao eliminar um estímulo interno, no caso a fome, a criança experimenta uma *vivência de satisfação*, a qual, por sua vez, cria uma percepção, ou uma espécie de signo, cuja imagem mnêmica fica associada ao traço mnêmico da excitação gerado pela necessidade. Quando essa excitação reaparece (interna-fome), graças à ligação estabelecida, há um investimento psíquico que busca reviver novamente a imagem mnêmica da *vivência de satisfação*. Assim, o discurso psicanalítico estabelece que um impulso dessa natureza é o que convém chamar de desejo, ao passo que o ressurgimento da percepção é a realização do desejo: “nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho tenha sido realmente percorrido, em que desejar tenha resultado numa alucinação” (Freud, 2022, p. 618).

No entanto, na medida em que a alucinação se mostra ineficaz, desenvolve-se outra instância psíquica, secundária, que tem por objetivo deter a regressão completa à percepção mnêmica da *vivência de satisfação*, ou seja, a instância secundária do aparelho psíquico visa a se relacionar com o mundo exterior e a se afastar do signo que se constrói numa primeira experiência de satisfação do bebê. Contudo, no caso do sonho, por ser uma “força” que provém do inconsciente, conserva a característica da atividade primária, isto é, busca realizar o desejo pelo caminho mais curto e regressivo por meio da alucinação, sem se importar com a realidade. Por isso, Freud enfatiza o fato de o sonho representar a realização disfarçada de um desejo inconsciente: “aceitamos o esclarecimento de que o sonho é sempre uma realização de desejos porque é um produto do sistema *Ics*, cujo trabalho não tem outro objetivo senão a realização de desejos e que não dispõe de outras forças senão as dos impulsos de desejos” (Freud, 2022, p. 620). Enfim, tendo em vista que o impulso necessário para a produção de um sonho advém do inconsciente, uma instância inerente ao processo primário do aparelho

psíquico, que busca a reprodução alucinatória da *vivência de satisfação*, compreendemos que o sonho, tal qual apresentado em *A interpretação dos sonhos*, representa a realização de um desejo.

*Grosso modo*, esse discurso freudiano estabelece que os sonhos têm um sentido, ou sentidos, e podem ser interpretados. Freud apresenta o método de interpretação proposto pela psicanálise que, se colocado em prática, provavelmente revelará não só o sentido do sonho, mas os verdadeiros interesses e desejos, enfim, a subjetividade de quem sonhou. Além disso, ao articular as noções de inconsciente, pré-consciente e consciente, esse discurso produz a primeira teoria do aparelho psíquico. Em que pese o fato de esses discursos não terem despertado o interesse, a admiração e o entusiasmo entre os círculos especializados quando de sua emergência, e ainda a despeito das inúmeras reformulações, atualizações e retificações que *A interpretação dos sonhos* sofreu, esse livro, devido à abordagem inédita construída por Freud sobre o fenômeno onírico, é considerado um dos mais importantes textos psicanalíticos. Por isso, na contemporaneidade, ou melhor, depois da emergência desses enunciados, independentemente do campo do saber, da filiação institucional ou da posição ocupada pelo sujeito enunciadador, dificilmente uma discussão sobre os sonhos apaga, silencia ou contorna o discurso freudiano acerca desse fenômeno. Ainda que seja para melhor criticar, refutar e contestar, ou subscrever, atualizar e transformar, em concordância com as análises que veremos nos capítulos seguintes desta tese, praticamente todas as investigações relativas aos sonhos, desde então, em algum momento, passam pelas ideias e noções materializadas nesse discurso.

### 3 DISCURSOS SOBRE SONHOS NO BRASIL PANDÊMICO

Neste terceiro capítulo, consoante ao nosso objetivo, que, como dissemos, visa a compreender os processos discursivos de enunciados sobre sonhos materializados durante o surto de coronavírus de modo a verificar se eles reproduzem, reformulam (de vários modos: acréscimos, supressões, inflexões etc.) ou apagam discursos sobre os fenômenos oníricos produzidos em condições históricas e sociais de trauma, pretendemos efetivamente começar a análise do conjunto de textos que compõe o *corpus*. Desta forma, aqui estão previstas análises de enunciados de textos publicados nos *sites* das revistas Pesquisa Fapesp, Cult, Elle e Veja. Também serão analisados alguns enunciados de textos que circularam nos portais de notícias UOL, Gshow, G1, BBC e CNN, bem como nos *sites* dos jornais Folha de São Paulo, Estadão, O Globo, A Gazeta, entre outros. Ademais, como já referenciamos anteriormente, dada a importância das pesquisas *Sonhos confinados em tempos de pandemia* e *Inventário de sonhos*, eventualmente teceremos alguns comentários acerca dos enunciados produzidos pelos pesquisadores envolvidos nesses projetos.

Dividimos esta parte da tese em quatro seções: acontecimento discursivo; “sismógrafo da realidade: sonhos e traumas”; silenciamentos “ou quem sonha em tempos pandêmicos”; fenômeno onírico e dimensão política. Na primeira, independentemente de já termos abordado a noção de “acontecimento discursivo” na *Introdução*, retomamos a discussão a seu respeito para reiterar que a emergência dos enunciados acerca de manifestações oníricas não se processa sem relação com o acontecimento da pandemia de coronavírus. Além disso, nossas análises discursivas apontarão uma relativa continuidade da antiga tradição de intérpretes de sonhos, uma inflexão no “valor” do pensamento onírico em tempos excepcionais, a relação entre sonhos e saúde mental e a instrumentalização deste fenômeno para fins de diagnóstico. Em “Sismógrafo da realidade: sonhos e traumas”, está prevista uma análise dos enunciados que evidenciam a forma como uma realidade traumática invade a vida onírica dos sujeitos e faz com que as narrativas de sonhos, por mais idiossincráticas que possam ser, apresentem elementos mais ou menos regulares. Na terceira seção, Silenciamentos “ou quem sonha em tempos pandêmicos”, propomos identificar quais sujeitos ou grupos aparecem nos textos como sonhadores e quais sujeitos ou grupos não são mencionados. Nela, também objetivamos abordar como certas interdições declaradas, percebidas ou sentidas na cena onírica podem ter ligação com governos autoritários. Por último, em “Fenômeno onírico e dimensão política”, desejamos discorrer a respeito dos enunciados que materializam a aparição de personalidades

públicas e as suas implicações em relatos de sonhos que foram registrados ante a conjunção de um acontecimento traumático e de um governo de extrema-direita.

### 3.1 ACONTECIMENTO DISCURSIVO

A noção de acontecimento, que foi abordada rapidamente na *Introdução*, está presente em Émile Benveniste e em Oswald Ducrot, os quais a relacionam à enunciação, vista como algo irrepitível e oposta, desta maneira, ao enunciado, cuja tendência é a da repetição (Possenti, 2021). Embora essa noção não tenha sido privilegiada pela Análise do discurso durante algum tempo, Pêcheux (2012) opera uma importante inflexão ao inscrevê-la em sua interpretação do enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”], que relativamente envolveu a França no dia 10 de maio de 1981. Concebido como uma espécie de ponto de encontro entre uma atualidade, no caso a eleição de François Mitterrand, e uma memória, que retoma as disputas da esquerda, suas derrotas e vitórias na história, o enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] se aproxima de proposições que parecem logicamente estáveis, mas que, na verdade, são formulações irremediavelmente equívocas. Assim, Pêcheux reconhece algo que se dá no mundo e reclama sentido por meio da estrutura da linguagem e do vínculo irreprímível com a história.

Por sua vez, Foucault, que de alguma forma teria influenciado o próprio Pêcheux nessa sua análise, desenvolve uma ideia de acontecimento discursivo que se tornou importante para o desenvolvimento de pesquisas em Análise do discurso (Possenti, 2021; Revel, 2005). Sem ignorar o fato de que essa noção tem vários sentidos em sua obra<sup>97</sup>, Foucault argumenta, por exemplo, que antes de se subordinar a um texto, a uma obra ou a um autor, ou, então, antes de se recorrer a alguma teoria hermenêutica capaz de revelar algo escondido — onde não há palavra —, é preciso se ater a uma descrição dos acontecimentos discursivos e analisar o “[...] conjunto de todos os enunciados efetivos (quer tenham sido falados ou escritos), em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um” (Foucault, 2008, p. 29-30).

Em vista disso, relacionada à história, a noção de acontecimento pode ser interessante para se compreender a especificidade do enunciado, determinar suas condições de existência e

---

<sup>97</sup> Como aponta Castro (2024, p. 10), “O termo ‘acontecimento’ tem vários sentidos em sua obra: acontecimento arqueológico, acontecimento discursivo, acontecimento como relações de força, como atividade de ‘acontecimentalizar’, como sentido da *Aufklärung* europeia, como forma de subjetivação na prática da *parresia*. Todos esses sentidos, apesar de sua diversidade, estão conectados e suas relações permitem descrever em linhas gerais o percurso filosófico de Foucault”.

estabelecer seus limites e correlações. Ainda segundo Foucault (2008), um enunciado é sempre um acontecimento discursivo complexo que nem a língua nem o sentido podem esgotar completamente, estando unido a uma prática de escrita e/ou a uma palavra e sendo vinculado a uma memória material. Ele é único como todo acontecimento, mesmo que esteja aberto a repetições, a transformações e a reativações. Além disso, o enunciado está ligado às situações de emergência que o provocaram, às consequências por *ele* produzidas e às relações estabelecidas com outros enunciados antecedentes, coexistentes e seguintes.

A noção de acontecimento, desde que concebida sua complexidade e a pluralidade de fatores e dimensões que ela compreende, ainda pode permitir a distinção de extratos de acontecimentos que, independentemente de serem habituais ou insólitos, de longa, média ou curta duração, extensivos ou exíguos, não são plenamente conhecidos. Outrossim, a noção plural de acontecimento possibilita a compreensão dos elementos que, “[...] em um discurso, escapam de fato aos sujeitos e àqueles dos quais eles têm conhecimento, conforme pertençam a uma ou a outra camada ou duração [...]” (Possenti, 2021, p. 44).

À vista disso, a pandemia de Covid-19, reconhecida, pelo menos até o momento, como a maior Crise Sanitária Mundial do século XXI, é considerada neste trabalho como uma irrupção singular na história, ou seja, como fenômeno investigado enquanto acontecimento discursivo de curta duração, responsável pela emergência de uma série de enunciados dispersos sobre sonhos. Como bem observou Birman (2022), a pandemia de coronavírus poder ser compreendida como o acontecimento que inaugura o século XXI:

[...] é preciso colocar em devido destaque que a atual pandemia do Coronavírus é o ato *inaugural* do século XXI, na medida em que não se considera a *emergência* de um novo século pela marca restrita da cronologia, mas pela emergência de um *acontecimento* crucial, que provoca, assim, uma *inflexão* decisiva e uma descontinuidade fundamentais no curso da *história* e do *discurso*, da mesma forma como a Primeira Guerra Mundial foi o ato inaugural do século XX, pela descontinuidade que promoveu entre o *antes* e o *depois*, pela emergência do conceito da *guerra total* que introduziu no Ocidente, que diferenciava a dita guerra de todas as demais guerras anteriores. (BIRMAN, 2022, p. 192-193)

A visão de Birman, que “considera a emergência de um acontecimento” e não somente o tempo cronológico para dimensionar o início e o fim de um século, vai ao encontro, citando caso análogo, da ideia defendida pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (2007), na medida em que ambos identificam a Primeira Guerra Mundial como o ato inaugural do século XX. Entretanto, para Hobsbawm, o ato que encerra o século XX, logo, inaugura o século XXI, é

localizado na corrosão da URSS<sup>98</sup> em 1991, ao passo que Birman avalia que o século XXI só se iniciou “agora”, em virtude da pandemia de Covid-19. A despeito da divergência entre os autores quanto ao ato inaugural do século XXI<sup>99</sup>, ao enxergar a pandemia de Covid-19 como um acontecimento fundamental que provoca uma inflexão “no curso da história e do discurso”, este excerto de Birman corrobora a ideia aqui defendida de que a Crise Sanitária Mundial é um acontecimento discursivo.

A partir das determinações da OMS, sabemos que o início da pandemia de Covid-19 foi reconhecido “oficialmente” em 11 de março de 2020, e que o seu fim foi decretado no dia 5 de maio de 2023. Este espaço de tempo, por sinal, *corresponde* ao período de produção dos textos que materializaram discursos sobre sonhos tomados como objeto de análise nesta tese. Contudo, a exemplo do que fora exposto acima, considerar exclusivamente a dimensão cronológica do tempo para demarcar este acontecimento (ainda que seja pertinente se se considerar a delimitação temporal na organização de um *corpus* de pesquisa como o que se propõe aqui) está longe de ser o ideal. Isso porque os efeitos deletérios decorrentes da Crise Sanitária Mundial ainda não são plenamente conhecidos, isto é, ainda estão sendo atualizados e produzindo efeitos.

Desde o princípio, como vimos, pôde-se observar o acréscimo ao vocabulário de novas palavras, a variação na forma de se mediar o processo de ensino e aprendizagem, o aumento significativo da histórica desigualdade social entre os sujeitos e a fragilidade da vida humana ante a presença não dissimulada da morte. No caso específico do Brasil, para além do desvario negacionista da extrema-direita, que questionou a própria existência do vírus e a eficácia da vacina, que disseminou notícias falsas e atacou preferencialmente as profissionais de imprensa, além de tensionar a relação com alguns ministros do Supremo Tribunal Federal e com governadores de certos Estados, pesquisas mostram que a violência contra as mulheres se agravou com as medidas de isolamento social (Queiroz, 2020). A expectativa de vida dos brasileiros que, para as pessoas nascidas em 2019 era de 76,2 anos, devido a um conjunto

---

<sup>98</sup> A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, ou simplesmente União Soviética, embrionada no curso da Primeira Guerra Mundial com a Revolução Bolchevique em 1917, em virtude, entre outros aspectos, das reformas — *perestroika e glasnost* — colocadas em prática por Mikhail Gorbachev, colapsou em 1991 (Hobsbawm, 2007).

<sup>99</sup> Courtine (2020) considera os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, responsáveis pela globalização dos medos, como o ato que verdadeiramente inaugurou o século XXI. Foucault (2008) também observa que a cronologia não é nem regular e nem homogênea. O texto escrito por Lacan em 1945, “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, apesar de não tratar manifestamente do tempo histórico, critica a imposição do tempo cronológico em favor do tempo lógico (Lacan, 1998). Ademais, a cronologia pode ser vista como uma noção que estabelece uma “[...] relação necessária com um ‘começo’ que não é *nada*, ou que não tem outro papel senão o de ser um limite” (Certeau, 1982, p. 97).

complexo de fatores<sup>100</sup>, dentre os quais o aumento de mortes provocadas pelo coronavírus, caiu para 75,2 em 2022. A própria Pós-Graduação, que cresceu continuamente durante três décadas no país, em função da pandemia de Covid-19, depara-se com um cenário de arrefecimento no número de candidatos. Ainda que seja prudente considerar cada Área do Conhecimento em particular, assim como outras razões associadas, a exemplo do efeito do discurso negacionista, da queda nos investimentos, das mudanças no mercado de trabalho e da duração mais ou menos longa da formação *stricto sensu*, o fato é que, no período posterior imediato à pandemia de Covid-19, há menos interesse pela Pós-Graduação no país (Marques, 2024; Nunes, 2024). Por isso, o VII Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG), aprovado pelo Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), prevê algumas mudanças estruturais que deverão ser implementadas pelos Programas de Pós-Graduação no Brasil durante o período de 2025 a 2029. Enfim, com o crescimento dos transtornos mentais e da injeção do trauma psicológico, este acontecimento deu lugar a uma epidemia lateral que ainda hoje compromete a vida de milhões de brasileiros (Birman, 2020).

Este cenário catastrófico, descrito de forma breve nos parágrafos antecedentes, tornou-se um terreno fértil para a proliferação dos sonhos e também de discursos sobre eles. Dessa forma, a partir dos critérios estipulados para a organização do conjunto de textos que compõe o *corpus*<sup>101</sup>, é possível observar que estes discursos circularam por distintos espaços na *web* — espaços que, como sabemos, nunca são neutros. Só para se ter uma ideia, discursos sobre sonhos se materializaram em revista de moda marcadamente direcionada à classe média, em revista de divulgação científica subordinada à agência de fomento que supomos ser a mais acessada por pesquisadores, professores e estudantes; em revista que se propõe a debater literatura e cinema, filosofia e psicanálise e, enfim, em *sites* e portais de notícias dos mais variados. Por isso, acreditamos que estes textos possivelmente tenham alcançado grupos diversificados da sociedade. Todavia, para além da suposta diversidade dos sujeitos leitores, diretamente relacionada à sua identificação com os tipos predominantes de matérias veiculadas, ao posicionamento ideológico dos lugares nos quais discursos sobre sonhos se materializaram, à classe social e ao nível educacional de cada sujeito, a marca que a princípio pretendemos ressaltar é a emergência da “fala de especialistas”.

---

<sup>100</sup> A queda na expectativa de vida se deve também ao envelhecimento da população e à dificuldade no acesso a serviços de saúde pública, principalmente no período da pandemia, como os atrasos no atendimento médico a casos de câncer e a outras doenças graves (Capomaccio, 2024).

<sup>101</sup> Ver páginas 14 e 15.

Isso porque os enunciados analisados, sem exceção, são formulados integralmente — ou entrecortados — por meio da fala de psicanalistas, neurocientistas, professores, médicos e psicólogos que discutem os sonhos pandêmicos. As sequências discursivas transcritas a seguir, ou seja, os fragmentos retirados dos textos que constituem nosso objeto de descrição- interpretação, mostram ser esta uma característica que atravessa os discursos analisados:

(1) Por mais ilógicos que pareçam, os sonhos ajudam a processar um sentido para o sem-sentido da vida acordada, explica Gilson Iannini, professor do Departamento de Psicologia da UFMG e editor da coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, da editora Autêntica. Elaborar os acontecimentos atuais é um trabalho psíquico necessário, uma vez que a pandemia provoca também uma crise de saúde mental, como lembra Iannini. Daí o valor inestimável de nossas produções durante o sono. (Revista Elle, 14/04/2021)

(2) Nessa situação de pandemia, eles são o mecanismo para a metabolização de traumas das pessoas em casa. Eu queria entender do ponto de vista de ciência básica qual é a função dos sonhos e como isso trabalha nossa saúde mental, mas também usar essa informação durante a pandemia para dar uma devolutiva à sociedade, mesmo que apenas uma inspiração para as pessoas que já vivenciavam um aumento da atividade onírica. (Pesquisa Fapesp, 09/07/2020)

(3) “Uma das coisas que estão acontecendo hoje é que as pessoas estão sonhando muito”, afirma Paulo Endo, psicanalista e professor livre-docente da Universidade de São Paulo – USP. (Folha de São Paulo, 22/04/2020)

(4) O psicanalista Christian Dunker [...], afirma que “os sonhos estão nítidos, às vezes hipernítidos, e mais extensos. Têm temas de violência, de perseguição, de intrusão, refletindo um pouco a nossa situação de confinamento social e quarentena”. (G1, 15/05/2020)

(5) “Meus pacientes me dizem que têm sonhos vívidos, lembram-se de detalhes, têm pesadelos”, conta Raj Dasgupta, especialista em sono e professor assistente de medicina clínica na Escola de Medicina Keck na Universidade do Sul da Califórnia (CNN Brasil, 22/03/2021)<sup>102</sup>.

A partir dos fragmentos apresentados e conforme constatamos acima, reiteramos que os veículos de mídia, para falar sobre sonhos durante o período pandêmico, recorreram respectivamente ao professor da UFMG e psicanalista Gilson Iannini; à professora vinculada à UFRJ, psiquiatra e neurocientista Natália Mota; ao professor livre-docente da USP e

---

<sup>102</sup> Excertos extraídos, na devida ordem, dos seguintes veículos: (1) Revista Elle, 14/04/2021; (2) Pesquisa Fapesp, 09/07/2020; (3) Folha de São Paulo, 22/04/2000; (4) G1, 15/05/2020; (5) CNN Brasil, 22/03/2021. Os links e demais informações sobre estes trechos podem ser consultados nas referências.

psicanalista Paulo Endo; ao professor da USP e psicanalista Christian Dunker; ao professor e médico especialista em sono Raj Dasgupa da Universidade do Sul da Califórnia. Sabemos o quanto as coisas ditas importam “mais” ou “menos” a partir do lugar e da posição de quem as enuncia, ou, em outras palavras, as posições não são neutras e se relacionam com o poder, de modo que importa se falamos do lugar de professor ou de estudante, de mãe ou de pai, de patrão ou de empregado, etc. Como nos lembra Orlandi (2006, p. 15), “cada um desses lugares tem sua força na relação de interlocução e isto se representa nas posições sujeito. Por isso essas posições não são neutras e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força”.

Assim, chama a atenção o fato de pesquisadores serem os “intérpretes contemporâneos” privilegiados de discursos sobre sonhos pandêmicos, sobretudo se considerarmos uma época histórica como a nossa, na qual a ciência é decididamente atacada, desacreditada e menosprezada<sup>103</sup> por certos segmentos da sociedade. Além disso, a razão da presença conjunta de especialistas/cientistas falando privilegiadamente e de negacionismo científico se deve a uma intersecção de temporalidades (longa, média e curta duração), à segmentação social (não há negacionismo igualmente presente em todas as classes e grupos sociais e esferas da sociedade) e a posições ideológicas diversas.

Por conseguinte, entendemos que a antiga tradição de intérpretes privilegiados deste fenômeno se mantém na atualidade, mesmo que seja necessário considerar, em função das distintas condições de produção, uma série de atualizações e um certo deslocamento para o espaço institucionalizado das universidades<sup>104</sup>. Além do mais, esta dominância do discurso “científico”<sup>105</sup>, cujo efeito é manifestamente o de afiançar credibilidade e passar confiança ao leitor, provavelmente também tem a ver com o controle e o funcionamento dos discursos que autorizam alguns sujeitos, desde que atendam a determinadas exigências e sejam plenamente qualificados, a entrar na “ordem do discurso” e a falar sobre sonhos. Daí porque, a despeito da inegociável defesa da produção do conhecimento científico, posição por nós assumida, notamos que o poder da mídia perpetua a divisão social do trabalho da interpretação ao

---

<sup>103</sup> Segundo um estudo encomendado pela organização britânica Wellcome Trust, realizado em 144 países, cerca de 73% dos brasileiros desconfiam da ciência e 23% consideram que ela pouco contribuiu para o desenvolvimento social e econômico do país. Em nações desenvolvidas, como no Japão e na França, 77% dos entrevistados responderam que desconfiam da ciência (Andrade, 2019).

<sup>104</sup> Todos os pesquisadores mencionados, independentemente da sua formação específica, são professores universitários.

<sup>105</sup> Sabemos da polêmica que envolve uma certa visão canônica de ciência e o discurso psicanalítico. Todavia, não nos cabe desenvolver tal discussão neste trabalho.

convocar um número reduzido de detentores de certos domínios do saber para a “prática discursiva”<sup>106</sup> e potencialmente silencia outros “intérpretes”.

Feita esta ponderação, passaremos a delinear os discursos materializados nos trechos destacados acima. No primeiro excerto, observamos que há uma “explicação” acerca do que os sonhos afiguram ser, mas não são: “Por mais ilógicos que pareçam, os sonhos ajudam a processar um sentido para o sem-sentido da vida acordada”. Ao iniciar o período com uma oração subordinada adjetiva e reconhecer que os sonhos parecem “mais ilógicos”, esta passagem poderia sugerir uma certa prudência do enunciador ao abordar este fenômeno e, deste modo, inscrevê-lo num discurso de longa duração que reconhece a ambiguidade constitutiva manifestamente presente em discursos sobre sonhos. Porém, não é necessariamente isso que observamos, na medida em que a oração principal “afirma” que o sonho é capaz de ajudar a elaborar um sentido para o “sem-sentido” da vida em vigília. Todavia, sejam quais forem as eras pré-contemporâneas nas quais se materializaram discursos sobre sonhos, parece haver uma relativa determinação para se lembrar sempre, ou na maioria das vezes, que, apesar do aspecto absurdo, caótico e ilógico dos sonhos, eles constituem uma manifestação psíquica de grande “valor”.

O mesmo enunciador, isto é, a *Revista Elle*, que, como dissemos, se vale da fala de especialistas — particularmente da fala do professor e psicanalista Gilson Iannini —, aponta para a ligação entre o acontecimento da pandemia de coronavírus, o fenômeno onírico e a “saúde mental” dos sonhadores: “elaborar os acontecimentos atuais é um trabalho psíquico necessário, uma vez que a pandemia provoca também uma crise de saúde mental, como lembra Iannini”. A saúde mental, uma terminologia proveniente do discurso médico, é compreendida pela OMS como “um estado de bem-estar em que o indivíduo realiza suas capacidades, supera o estresse normal da vida, trabalha de forma produtiva e frutífera e contribui de alguma forma para sua comunidade” (OPAS/OMS, 2022a). Desse modo, a saúde mental não está relacionada apenas à ausência de alguma patologia psíquica, porquanto envolve a saúde física, a aptidão para o trabalho, as condições materiais de vida e as relações sociais. No entanto, em decorrência do estresse amplo e irrestrito ocasionado pelo conjunto de mazelas associado à pandemia de coronavírus, a saúde mental teria se agravado e prejudicado a capacidade dos sujeitos de processar as transformações em curso naquele momento. “Daí o *valor* inestimável de nossas produções durante o sono”, ou seja, — conforme a formulação

---

<sup>106</sup> Em Foucault (2008, p. 133), a prática discursiva “é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”.

que reproduzimos no primeiro excerto —, “os sonhos ajudam a processar um sentido para o sem-sentido da vida acordada” e, por esta razão, eles são um importante aliado para a manutenção da saúde mental.

A *Revista Elle* ainda argumenta, em outra passagem materializada no mesmo texto, que, ante à ausência de um repertório de “símbolos, imagens e narrativas” capazes de facilitar a elaboração de uma realidade transformada pela pandemia de Covid-19, os sonhos constituíram uma forma de se processar o que estava acontecendo:

(6) A gente não tinha um repertório de símbolos, imagens e narrativas que permitissem entender o que estava acontecendo, e o sonho é uma forma de tentar processar esse material novo (Revista Elle, 14/04/2021).

Aqui, uma vez mais, a noção sustentada pelo enunciador é a de que os sonhos podem auxiliar os sujeitos a melhor entenderem a realidade social em períodos de maior instabilidade, sobretudo quando não há linguagem para descrever o fenômeno e inscrevê-lo na rede simbólica. Em outros termos, os discursos sobre sonhos articulados por este enunciador assumem uma posição da qual deriva a ideia de que os fenômenos oníricos ajudam a dar um sentido para a vida e que eles também são importantes para o cuidado de nossa saúde mental. Resta dizer que, no início da pandemia, o vírus era pouco conhecido e se apresentava de forma invisível para o sujeito, ou seja, em função das condições de dizibilidade restritas, ele não pôde ser plenamente enunciado, de modo que o aparelho psíquico como um todo, e particularmente os sonhos, buscavam justamente tornar dizível o que era indizível<sup>107</sup>.

A articulação entre o momento pandêmico, os sonhos e a saúde mental ainda aparece no *segundo fragmento* que compõe o *corpus*, ou seja, no texto veiculado pela Revista Fapesp, quando o enunciador diz em primeira pessoa: “Eu queria entender do ponto de vista de ciência básica qual é a função dos sonhos e como isso trabalha nossa saúde mental”. Aqui, o sujeito da enunciação, vale dizer, outro especialista reportado pela revista em questão, embora se posicione manifestamente a partir do discurso científico, também expressa afinidades com o discurso psicanalítico, uma vez que, para compreender “a função dos sonhos” e como essa função afeta “nossa saúde mental”, a formulação construída pode ser interpretada como uma espécie de paráfrase do que acabamos de destacar acima. Assim, os sonhos, diz a Revista Fapesp (fragmento 2), “são o mecanismo para a metabolização de traumas”, ou seja, são o

---

<sup>107</sup> Sabemos que, na psicanálise, a nomeação do sintoma e/ou do trauma é um passo determinante para a sua elaboração (Birman, 2022).

meio pelo qual os sujeitos nomeiam-elaboram a Crise Sanitária Mundial. Além disso, “nessa situação de pandemia”, conforme o mesmo enunciador, a função dos sonhos abrange a sua instrumentalização para fins de diagnósticos.

Neste ínterim, é oportuno observar outro fragmento:

(7) A metodologia já estava pronta para ser aplicada a fim de dar um panorama geral e entender o que a mudança no padrão de sonhos tem a ver com a saúde mental das pessoas e orientar como essa ferramenta fisiológica gratuita, interessante e inspiradora poderia ajudar. (Pesquisa Fapesp, 09/07/2020)

Sabemos que a metodologia<sup>108</sup> em questão diz respeito ao desenvolvimento de algoritmos computacionais para avaliação de aspectos da saúde mental — principalmente as psicoses — relacionados “à mudança no padrão de sonhos”. Dessa forma, sem desconsiderar as condições de produção específicas desse discurso e o domínio do saber no qual ele se inscreve, constatamos a retomada, a força e a regularidade de discursos sobre sonhos que estabelecem uma ligação entre “essa ferramenta fisiológica gratuita, interessante e inspiradora” e a identificação de certas doenças. Muitos outros aceitaram o fato de sonhos identificarem o início de alguma doença e, por este motivo, os empregaram para se chegar ao diagnóstico de certas enfermidades. Conforme demonstramos, o efeito amplificador que o sonho tem sobre os estímulos “fracos” que ocorrem durante o dia e não são percebidos foram destacados por Aristóteles que, no que lhe diz respeito, considerou razoável que uma enfermidade em fase inicial se revelasse primeiramente em sonhos. Freud, mais “recentemente”, argumentou que a ligação do sonho com os distúrbios mentais se tornou a teoria preferida dos autores médicos, por apresentarem muitas coincidências em suas manifestações, como “[...] na gênese das psicoses, [nas] alterações cenestéticas e [nos] estímulos oriundos dos órgãos internos” (Freud, 2022, p. 61-62). Portanto, a administração do sonho no reconhecimento da “nossa saúde mental”, ou seja, o fato de discursos sobre sonhos apontarem que este fenômeno proporciona a elaboração de um diagnóstico, faz funcionar uma memória de longa duração que atualiza a capacidade dos fenômenos oníricos de preverem algumas doenças em estágio inicial.

É preciso destacar também, a partir do que se materializa nos trechos destacados nesta seção, que se repetiu à exaustão “que as pessoas estão sonhando muito”, isto é, que houve “um aumento da atividade onírica” durante a pandemia de Covid-19, e que este

---

<sup>108</sup> Mais informações sobre a metodologia construída e os resultados alcançados podem ser obtidos na própria matéria da Pesquisa Fapesp, assim como em Ribeiro (2019), capítulo 8, págs. 152-165.

acontecimento tornou os “sonhos vívidos” e “nítidos”, “às vezes hipernítidos, mais extensos” e repletos de “detalhes”, sendo os sonhos negativos com temas de “violência, de perseguição e de intrusão” mais recorrentes. Conforme outra sequência discursiva colocada em circulação pela revista *Cult*:

(8) as pessoas estavam falando que, com o confinamento social, estavam sonhando mais, que os sonhos estavam mais vívidos e que lembravam mais dessas imagens ao acordar. (Revista *Cult*, 2021, p. 13)

Tanto este aspecto quantitativo, ligado à experiência do sonhar, quanto o traço qualitativo, vinculado à narrativa do sonho, para além das imagens manifestas, dos sujeitos que sonham e das emoções que acompanham esses relatos<sup>109</sup>, demonstram o quanto as condições históricas de produção determinaram a frequência e a especificidade de sonhos e, por extensão, de discursos sobre eles. Além disso, certos excertos que aparecem no *corpus* revelam a heterogeneidade na homogeneidade, na medida em que, com termos e formulações relativamente parecidos, secunda-se que se sonhou mais durante a pandemia de coronavírus e que os relatos desses sonhos foram mais pungentes.

Em razão disso, diante da dispersão de enunciados materializados, constatamos uma certa regularidade que, em concordância com o que já dissemos nesta seção, privilegia a fala de especialistas alçados à posição de “intérpretes contemporâneos” de sonhos. Uma vez que suas investigações sobre fenômenos oníricos na pandemia são mencionadas na maioria dos textos que compõem o *corpus*, observamos também que os distintos espaços de circulação acabaram estabelecendo uma relação de interdependência com as pesquisas em desenvolvimento e reproduzindo os discursos desses enunciadoreis. Estes discursos, por sua vez, tratam tanto do valor e da função dos sonhos em tempos pandêmicos, quanto examinam o aumento da ocorrência e da vivacidade dessas manifestações. Sob esta perspectiva, estes discursos assumem uma posição que defende a ideia de que o “valor” dos sonhos está relacionado à sua capacidade de elaboração de acontecimentos excepcionais e ao desenvolvimento adequado de habilidades biopsicossociais, ou seja, à manutenção da saúde mental. Mais do que isso, estes discursos atestam que os sonhos podem ter uma “função”, isto é, que eles são capazes de diagnosticar precocemente algumas doenças, sendo que neste, em

---

<sup>109</sup> As imagens recorrentes, os sujeitos que sonham e as emoções correlatas que manifestamente se materializaram nos discursos sobre sonhos na pandemia serão abordadas em outras seções.

particular, percebemos a atualização e o funcionamento de uma memória discursiva de longa duração.

Para terminar, a emergência do fenômeno onírico, acompanhada de uma certa elevação na sua intensidade e a predominância de narrativas adversas, não é algo específico e surpreendente que estaria relacionado apenas à pandemia de Covid-19, haja vista que em outras situações traumáticas discursos sobre sonhos apontaram na mesma direção.

### 3.2 “SISMÓGRAFO DA REALIDADE: SONHOS E TRAUMAS”

Uma série de enunciados distinguidos no *corpus* desta pesquisa materializaram que, tanto na pandemia de coronavírus, quanto em outros eventos traumáticos, os sonhos foram capazes de “ler” uma conjuntura histórica, política e social. Em outras palavras, frente a um acontecimento traumático de grandes proporções, o fenômeno onírico teria funcionado como uma espécie de *sismógrafo da realidade*.

A produção de um desses enunciados pode ser observada na reportagem veiculada pelo jornal *Folha de São Paulo* no dia 22 de abril de 2020. Lembremos que, nesse período, o Brasil já se deparava com os efeitos germinais, impactantes e, digamos, até então inimagináveis que a pandemia de Covid-19 legaria ao mundo. Essa reportagem, pelo que pudemos apreender com a análise do fragmento 3, segue uma lógica que se repete e se coaduna com os textos e com as perspectivas das sequências discursivas analisadas na seção anterior, uma vez que também nele a *Folha de São Paulo* recorre aos dizeres de alguns especialistas para compor sua matéria sobre sonhos em tempos pandêmicos. Dessa forma, reproduzimos abaixo o enunciado extraído do referido jornal e, em seguida, procederemos a uma sua análise, na qual priorizaremos outros aspectos.

(9) O inventário se inspira em outros trabalhos feitos em períodos traumáticos, como o Apartheid Project, que recolheu testemunhos relativos a experiências vividas durante o apartheid, na África do Sul, e “O Terceiro Reich dos Sonhos”, livro da pesquisadora Charlotte Beradt que reúne sonhos da época do holocausto. “Neste último, a autora afirma que os sonhos são os sismógrafos do tempo presente”. (Folha de São Paulo, 22/04/2020)

Esse fragmento extraído da *Folha de São Paulo*, tendo iniciado o período com um artigo definido, de modo a especificar e individualizar o substantivo, no caso, “O inventário”, nos remete imediatamente à pesquisa desenvolvida pelo pesquisador, psicanalista e professor

livre-docente da Universidade de São Paulo, Paulo Endo. Sabemos que o estudo “Inventário de Sonhos” começou sua coleta de relatos oníricos no ano de 2018, por ocasião do segundo turno das eleições para a Presidência da República no Brasil, que acabou alçando ao poder um político de extrema-direita. A ideia inicial era utilizar os relatos coletados para se constituir um arquivo que serviria de fonte para futuras investigações. Contudo, com o advento da pandemia de Covid-19, “O inventário” foi estendido, tendo em vista a existência de “outros trabalhos feitos em períodos traumáticos, como o “Apartheid Project” e o “Terceiro Reich dos sonhos”, este último, livro da pesquisadora Charlotte Beradt que reúne sonhos da época do holocausto (Veríssimo; Endo, 2020).

Observamos que a referência a esses acontecimentos traumáticos e aos discursos sobre sonhos por eles produzidos no enunciado da *Folha de São Paulo*, em alguma medida, busca associar, justificar e explicar a coleta de sonhos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, uma vez que essas iniciativas funcionariam como exemplos a serem seguidos e seus respectivos discursos poderiam ser reativados, atualizados e transformados. Também percebemos que, no caso do “Apartheid Project”, a formulação se limita a informar que “testemunhos relativos a experiências vividas durante o Apartheid, na África do Sul” foram recolhidos. Embora saibamos que se trata de um regime de segregação racial que vigorou na República da África do Sul entre 1948 e 1994<sup>110</sup>, e que tais “testemunhos” provavelmente dizem respeito a relatos de sonhos, cumpre destacar que não há um autor ou um título de livro vinculado a este projeto que sejam manifestamente apresentados. Essas ausências, que não são repetidas quando o enunciador fala de sonhos coletados durante a ascensão do nazismo na Alemanha, tendem a produzir um efeito que confere ênfase, destaque e importância à pesquisa relacionada à produção onírica decorrente de situações excepcionais e ao acontecimento traumático ocasionado pela chegada de Hitler ao poder. Esse efeito se dá porque, ao aludir o registro de sonhos no Terceiro Reich dessa forma e não de outra, o enunciador traz, justamente, o título de uma obra e o nome próprio de quem a escreveu.

A relevância do discurso produzido por Beradt em relação ao registro de sonhos durante a pandemia de Covid-19 também é abordada em uma reportagem veiculada pelo portal de notícias *GI* no editorial Bem-Estar, de 15 de maio de 2020. Além disso, a obra de Beradt ainda se inscreve no texto da *Revista Elle*, datada de 14 de abril de 2021, texto este

---

<sup>110</sup> O Apartheid foi uma organização centenária de separação social rígida e opressão na África do Sul. “Embora os negros formassem a maioria esmagadora da população, negava-se a eles os direitos políticos e civis, eram separados dos brancos em virtualmente todos os aspectos da vida social e viviam sob um regime de exploração econômica” (Johnson, 1997, p. 18).

cujos fragmentos, ou melhor dizendo, alguns fragmentos, já foram objeto de nossas considerações.

(10) O projeto “Oniropolítica em tempos de pandemia”, das três universidades brasileiras, tem inspiração no ensaio “Sonhos no Terceiro Reich”, de Charlotte Beradt. (G1, 15/05/2020)

(11) ele [sonho] acaba funcionando como uma espécie de sismógrafo capaz de perceber, de uma maneira mais clara, aquilo que os nossos preconceitos ideológicos, políticos e morais não conseguem. (Revista Elle, 14/05/2021)

É axiomática, evidente e manifestamente explícita a correlação entre os fragmentos do *corpus* por nós analisados e uma memória discursiva, pois, para além da materialização literal do título da obra, “Sonhos no Terceiro Reich”, e a despeito das diferenças de tradução, tanto no trecho 9, quanto no 10, os projetos “Inventário de sonhos” e “Oniropolítica em tempos de pandemia” mencionam, respectivamente, que “se inspiram” e “têm inspiração” no discurso sobre sonhos produzido por Beradt. Ademais, a fala atribuída à autora Charlotte Beradt no fragmento 9, segundo a qual “os sonhos são os *sismógrafos* do tempo presente”, bem como a ideia de que o sonho “acaba funcionando como uma espécie de *sismógrafo*”, constante no trecho 11, materializam uma afirmação acerca do que os sonhos são e como eles funcionam, cujos ecos, por assim dizer, reverberam nesses e em outros textos produzidos no contexto da pandemia de coronavírus.

Sismógrafo é um aparelho que detecta, amplia e registra as vibrações da terra, sejam elas provocadas naturalmente, como no caso dos terremotos, sejam elas provocadas pelo homem, como, por exemplo, em seus deploráveis “exercícios” militares. Esse termo foi empregado, conforme apontamos na *Introdução*, por Charlotte Beradt para evidenciar os impactos da experiência política totalitária nos sonhos de sujeitos durante a ascensão nazista na Alemanha. Naquele período, segundo nos informa a autora, as produções oníricas teriam registrado, no interior de cada sujeito, os efeitos de acontecimentos políticos externos, de tal forma que os sonhos de que trata esse livro não são sonhos que expressam conflitos no âmbito privado dos sonhadores, muito menos expressam questões relacionadas ao passado. Nesse discurso sobre sonhos, uma vez que o conteúdo do fenômeno onírico está fortemente ligado ao momento político de uma época, quase não há a necessidade de interpretação, dado que os mecanismos inconscientes descritos por Freud (2014, 2022), como condensação,

deslocamento e figuralidade, responsáveis pela deformação do pensamento latente, perdem força e/ou atuam de forma discreta.

Assim, os relatos de sonhos coletados por Beradt constituem uma fonte primária, ou seja, um arquivo sobre a disposição psíquica do povo alemão no momento histórico que condiciona a chegada de Hitler ao poder. Mais do que isso, o discurso sobre sonhos produzido por Beradt demonstra que, ante a emergência de uma situação traumática, as fronteiras que em tese separariam as experiências entre o singular e o coletivo, o particular e o universal, o privado e o público, se esvaem, posto que os acontecimentos históricos, políticos e sociais “invadem” as produções oníricas (Beradt, 2017). Nesse sentido, a experiência do trauma se constitui entre os registros do corpo e da ordem coletiva, isto é, a partir da experiência traumática que pressupõe necessariamente a conjunção íntima entre os registros do interior e do exterior (Birman, 2022). Por essa razão, a aparente repetição aleatória da palavra “sismógrafo” reforça as correlações, os limites e as formas de reativação desse discurso que é atualizado, transformado e reconstituído nas pesquisas atuais. Resta dizer que a inscrição desse termo nos fragmentos analisados concorre para a produção de um efeito de sentido de que certos sonhos são capazes de antever, de apreender e de registrar os acontecimentos de uma época impactada por uma catástrofe, seja ela política e/ou sanitária, de “uma maneira mais clara, aquilo que os nossos preconceitos ideológicos, políticos e morais não conseguem” — antever, apreender e registrar em estado de vigília.

A relação entre acontecimento traumático e sonhos, mais precisamente um tipo deles, qual seja, o perturbador ou pesadelo, é abordada em outro texto, produzido pela *CNN Brasil* em 22 de março de 2021. Antes de reproduzirmos o fragmento e procedermos com sua análise, é oportuno lembrar que, naquele período, a segunda onda do novo coronavírus (SARS-CoV-2), com suas variantes muito mais transmissíveis, tais como a Gama e a Delta<sup>111</sup>, foram responsáveis por colapsar o sistema de saúde em várias regiões do país. A título de exemplo, em Manaus, capital do Estado do Amazonas, a crise no abastecimento de oxigênio, responsável pela morte de centenas de pessoas por asfíxia, somada à prescrição de medicamentos sem eficácia comprovada, como a cloroquina, a ivermectina e a azitromicina, propiciaram a irrupção de um cenário que, como dissemos, se assemelha à ficção, à distopia, à loucura, ao absurdo e ao caos, cenário esse em que as pessoas sequer tinham o direito básico de sepultar seus mortos.

---

<sup>111</sup> A variante Ômicron foi relatada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 24 de novembro de 2021 (Brasil, 2021).

Ainda que essa nova fase da Crise Sanitária Mundial tenha impactado a maioria dos países (obviamente que não da mesma forma e nem ao mesmo tempo), e que esse impacto tenha eventualmente intensificado ainda mais a vida onírica, nossas pretensões com essa rápida digressão visam apenas descrever e melhor contextualizar as situações de emergência que provocaram a materialização de enunciados como esse que transcrevemos abaixo:

(12) Sonhos perturbadores em tempos de estresse geral não são novos. Pesadelos sempre foram uma questão fundamental para veteranos militares que sofrem de transtorno de stress pós-traumático, ou TSPT. (CNN Brasil, 22/03/2021)

Nesse fragmento, o enunciador, ao afirmar que “sonhos perturbadores em tempos traumáticos” — uma outra formulação possível para esse enunciado — “não são novos”, cria um efeito, sobretudo devido ao encaixe do advérbio de negação “não”, relativizante dos “pesadelos” que estariam ocorrendo aos sujeitos durante a pandemia de Covid-19. A produção desse efeito também está mais ou menos materializada no trecho 9, uma vez que o enunciado da *Folha de São Paulo* alude ao fato de que, diante de acontecimentos traumáticos que ocorreram no século XX em diferentes partes do mundo, o testemunho, isto é, o relato de sonhos concernentes ao Apartheid e ao Nazismo, foram coletados. Desse modo, a sequência discursiva (12), ao mencionar esse tipo específico de sonho, como destacamos no capítulo 2, seção 2.2, mobiliza um discurso sobre sonhos cujo limiar pode ser encontrado na Idade Média. Isso porque sonhos aterradores relatados no conjunto de textos da Bíblia, como no livro de Jó, teriam justificado a associação entre sonho e medo. Esse tipo específico de experiência onírica, séculos depois, isto é, na contemporaneidade, seria transformado em *nightmare* (pesadelo) pelo psicanalista e biógrafo oficial de Freud, Alfred Ernest Jones.

Se, no limiar desse discurso, sonhos perturbadores foram registrados com mais frequência pelas personagens cujas histórias são narradas na Sagrada Escritura, na contemporaneidade, os “veteranos militares que sofrem de transtorno de stress pós-traumático<sup>112</sup>” constituem, em concordância com que está materializado no fragmento 12, um grupo mais suscetível de ter esse tipo de sonho, visto que “pesadelos” tendem a ser uma questão fundamental para eles. Nesse sentido, como enuncia Ribeiro (2019, p. 18), “na vida do sobrevivente de guerra, o sonho é um tobogã de afetos em tons gritantes de vida e morte, prazer e dor nos extremos desejantes”.

---

<sup>112</sup> Um dos sintomas intrusivos desse transtorno é justamente “sonhos angustiantes recorrentes nos quais o conteúdo e/ou a emoção do sonho estão relacionados ao evento traumático” (DSM-5, 2014, p. 273).

Essa questão, que envolve acontecimento traumático, sonhos e “veteranos militares”, foi confrontada por Freud (2010) no texto *Além do princípio do prazer*. Nessa obra, publicada em 1920, a despeito de importantes reflexões metapsicológicas contidas em suas páginas, cumpre destacar o fato de que o autor passa a questionar ou a advertir que a teoria do princípio do prazer<sup>113</sup> tem seus limites. *Grosso modo*, o princípio do prazer já era limitado pelo princípio de realidade e pelo recalque de algumas pulsões, porém, as reações psíquicas a algumas formas de perigo externo levaram Freud a repensar essa questão, considerando como perigo externo as catástrofes naturais, os acidentes graves e os atos de guerra. De nossa parte, acrescentamos as epidemias. Essas circunstâncias poderiam promover neuroses traumáticas e, por extensão, afetar os sonhos de sujeitos que, obstinadamente, seriam remetidos a essas eventualidades. Por isso, Freud, ao se dedicar ao estudo das neuroses traumáticas de ex-soldados da Primeira Guerra Mundial, reavaliou a asserção segundo a qual o sonho representaria a realização de um desejo. Conforme suas palavras:

Se os sonhos dos neuróticos que sofreram acidentes fazem os doentes voltarem regularmente à situação do acidente, então eles não se acham a serviço da realização de desejos, cuja satisfação alucinatória tornou-se, sob o domínio do princípio do prazer, função dos sonhos. Mas podemos supor que desse modo eles contribuem para outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio do prazer possa começar seu domínio. Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se a causa da neurose traumática. (Freud, 2010, p. 144)

A perspectiva psicanalítica acerca da “função” do sonho que, como dissemos, estaria ligada à realização alucinatória de desejos, é colocada em questão com o surgimento das experiências clínicas no tratamento de neuróticos de guerra a partir de 1920. Esse discurso aponta que os sonhos estariam a serviço do desenvolvimento de um estímulo “omisso” de sinal de angústia que, ao funcionar como uma espécie de preparação e proteção do aparelho psíquico, evitaria, ao menos em tese, a repetição do “choque” disruptivo responsável por desencadear uma neurose traumática. Essa outra função para o sonho admitida pelo discurso freudiano, por assim dizer, talvez, como nos lembra Endo, possa ser vislumbrada justamente “[...] quando a própria sobrevivência é colocada em xeque, nos sonhos traumáticos. O sofrimento se repete, se reproduz, revive-se o horror” (Endo; Gomes, 2019, p. 78). Daí a

---

<sup>113</sup> “Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução” (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 364). O funcionamento mental, progressivamente, também passa a ser regido pelo princípio de realidade, a partir do momento em que a dinâmica entre prazer e desprazer considera as condições impostas pelo mundo exterior.

insistência com a qual alguns sujeitos seriam reiteradamente reconduzidos à situação lancinante. Dentre esses sujeitos, conforme o excerto 12 e a passagem do texto de Ribeiro por nós reproduzida, os mais propensos a reviver o acontecimento traumático em seus sonhos seriam veteranos militares e sobreviventes de guerra. Contudo, é apropriado não os confundir, dado que os primeiros, ainda que possam ser vistos como “vítimas”, ou seja, como indivíduos interpelados em sujeitos por um discurso hegemônico, oficial e opressor que preza pela defesa de algum Estado, são por excelência ex-combatentes de qualquer conflito armado, ao passo que os segundos estão mais relacionados às vítimas civis de guerras, como os sobreviventes do holocausto na Segunda Guerra Mundial. Aliás, testemunhos de sobreviventes do holocausto, que, em alguns casos, podem funcionar como uma espécie de condição à continuidade da própria existência, como o do químico e escritor italiano Primo Levi, são paradigmáticos no que diz respeito à relação entre acontecimento traumático e pesadelos. Na obra *É isto um homem?*, ele oferece ao leitor o relato, entre outros, de um desses sonhos:

O sonho de Tântalo e o sonho da narração inserem-se num contexto de imagens mais confusas: o sofrimento do dia, feito de fome, pancadas, frio, cansaço, medo e promiscuidade, transformam-se, à noite, em pesadelos disformes de inaudita violência, como, na vida livre, só acontecem nas noites de febre. (Levi, 1988, p. 88)

Assim, embora possamos supor que, em geral, sonhos perturbadores, caracterizados por situações que envolvem algum perigo e desencadeiam angústia, medo e terror, sentimentos que não conseguimos controlar ou evitar, possam ocorrer a qualquer sujeito e em qualquer época e lugar, parece-nos que ante as catástrofes naturais, a acidentes graves, a atos de guerra e as epidemias, a regularidade de sonhos desse tipo e, por extensão, de discursos a seu respeito, tende a se intensificar.

Particularmente, nos valem dessa discussão, entre outras razões, porque ela está intimamente relacionada à pandemia de Covid-19, na medida em que discursos sobre fenômenos oníricos que se processaram no íterim desse acontecimento traumático ilustram que “[...] os sonhos retomam a geração de angústia típica das neuroses traumáticas” (Iannini et al., 2021, p. 47). Significa dizer que o surto de coronavírus, seja por não ter sido antecipado por um sinal de angústia, seja por não ter encontrado recursos simbólicos para ser suficientemente elaborado, seja ainda pela coocorrência de ambos os fatores, tende a se inscrever e a se repetir com mais frequência em nossos sonhos, assumindo, em muitos casos, a forma de pesadelos.

Dessa forma, se, por um lado, especialmente a partir da análise do fragmento 12, podemos identificar um discurso que atualiza uma memória discursiva cujo limiar pode ser encontrado na Idade Média, referindo-se a sonhos perturbadores e pesadelos, tipo de sonho esse intensificado durante a pandemia de coronavírus, por outro, os excertos 9, 10 e 11, resguardadas suas diferenças, ao recorrerem aos discursos sobre sonhos produzidos em outras situações extremas, produzem um efeito que associa, justifica e explica, ao mesmo tempo em que relativiza, as pesquisas sobre sonhos desenvolvidas no Brasil durante a Crise Sanitária Mundial.

Ainda no que diz respeito aos sonhos perturbadores, recorreremos aos escritos de Freud para melhor apreender a relação entre acontecimento traumático e pesadelos, pois, como vimos, de acordo com o psicanalista, ante perigos externos, a função dos sonhos é a de produzir um sinal de angústia que evite a “repetição do choque disruptivo responsável por desencadear uma neurose traumática”. Além disso, também observamos que, dada a frequência com que a palavra *sismógrafo* é empregada nos fragmentos do *corpus* por nós extraídos, ela contribui para manter bem conservado um discurso sobre os sonhos que foi produzido durante a ascensão do Nazismo na Alemanha, tal como evidenciado por Charlotte Beradt.

Em resumo, ao longo dessa seção, descrevemos e interpretamos a relação existente entre as sequências discursivas aqui analisadas, bem como a relação delas com textos outros que foram retomados, atualizados e transformados, e também alguns efeitos que a formulação nos permitiu apreender. Assim, a maioria dos discursos por nós identificados apontam para uma direção, vale dizer, que identifica e relaciona a função do sonho em épocas traumáticas como uma espécie de sismógrafo do tempo presente, capaz de apreender a realidade histórica, política e social. É preciso ainda lembrar que certos sujeitos, a saber, veteranos e sobreviventes de guerra, foram lembrados como pertencentes a um grupo “privilegiado” de sonhadores. No entanto, conforme veremos no próximo subcapítulo, intitulado “Silenciamentos ou Quem sonha em tempos pandêmicos”, eles não são os únicos a serem lembrados pelos discursos sobre sonhos produzidos em circunstâncias extremas.

### 3.3 SILENCIAMENTOS OU “QUEM SONHA EM TEMPOS PANDÊMICOS”

Na contemporaneidade, diferentes discursos produzidos no interior de certas disciplinas, como a psicanálise, a neurociência, a psicologia e a psiquiatria, materializam o fato de que a experiência do sonhar é comum a todos os sujeitos, ou seja, todos os seres

humanos, independentemente de classe social, gênero, raça, nacionalidade, idade, opções política e religiosa, ainda que não se deem ao trabalho de lembrar, relatar e interpretar seus sonhos, necessariamente passariam por essa experiência durante as noites de sono. Seja dito de passagem que a suspeita relativa à universalidade desse fenômeno talvez não fosse estranha ao pensamento Antigo, porquanto, conforme certos discursos por nós identificados, descritos e interpretados, muitos sujeitos que viviam nesse longo período histórico deixavam-se guiar pelos seus sonhos.

Contudo, alguns discursos produzidos na Antiguidade Tardia e posteriormente na Idade Média foram mais contundentes acerca dessa questão. Tertuliano, por exemplo, ao afirmar que se poderia sonhar em qualquer lugar e condenar a prática da incubação, “[...] insiste no caráter universal dos sonhos: no último capítulo de seu pequeno tratado, ele estende a experiência do sonho a toda a humanidade” (Le Goff, 2006, p. 516). Essa tendência à universalidade do fenômeno onírico foi reforçada por Sinésio. Filósofo neoplatônico que se converteria ao cristianismo no fim da vida, ele traduziu um ponto de vista bastante conhecido ao lembrar que nossos sonhos constituem um oráculo que “mora conosco”, um conselheiro infatigável, silencioso e sempre de prontidão. Com efeito, como observa Foucault (2005, p. 15), Sinésio recomenda “[...] que devemos *todos*, portanto, aplicar-nos em interpretar nossos sonhos quem quer que sejamos, homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres [...]”. O discurso escolástico, pelo que dissemos acerca da posição assumida por Tomás de Aquino, não diverge quanto ao entendimento de que todos os sujeitos sonham e, ao que tudo indica, o funcionamento desses discursos, ao menos no que diz respeito a esse ponto, não teria se alterado na Idade Moderna.

Todavia, se a maioria dos discursos sobre sonhos produz uma ideia quanto ao fato de que todos os sujeitos inevitavelmente experimentam as alucinações e as ilusões provocadas pelo pensamento onírico durante o sono, em especial, durante o sono REM<sup>114</sup>, os mesmos discursos mostram que nem todos eles tiveram seus sonhos registrados, interpretados e preservados na longa duração histórica. Em outras palavras, ainda que isso não seja algo surpreendente, em todas as formações sociais, logo, épocas, lugares e culturas, há um silenciamento recorrente, abrangente e generalizante que apaga a maioria dos sujeitos e seus respectivos sonhos. Esse silenciamento, que, como sabemos por meio do funcionamento do arquivo, limita as coisas ditas, quem pode dizê-las, de quem se pode falar, suas conservações diversas no tempo, seus distintos alcances no espaço, é parte integrante do próprio discurso e

---

<sup>114</sup> Ver nota 5.

precisa ser analisado em sua multiplicidade. Nesse sentido, de acordo com Foucault (1999a, p. 30):

não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos.

Há várias formas de não dizer. Há discursos autorizados e discursos não autorizados, há discursos autorizados a uns e não a outros e há “os que podem e os que não podem falar” sobre seus “sonhos”. Em suma, diferentes formas de silêncios são constitutivas de todo e qualquer discurso. Esses muitos silêncios, em alguma medida, puderam ser observados em certos discursos produzidos durante a pandemia de Covid-19. Para bem situar essa questão, consideraremos os textos divulgados pela Revista Elle e pelo portal de notícias BBC News Brasil.

(13) Elas representaram 80% dos relatos de sonhos enviados e uma das coisas que chamam atenção é justamente a centralidade da palavra “mãe”. (Revista Elle, 14/04/2021)

(14) Deirdre Barrett, psicóloga da Harvard Medical School, nos Estados Unidos, coletou cerca de 15 mil sonhos em uma pesquisa online. Até agora, cerca de dois terços dos entrevistados são mulheres e um terço, homens. (BBC News Brasil, 02/10/2022)

Já tivemos oportunidade de analisar diferentes sequências discursivas da Revista Elle. Mais especificamente, os fragmentos 1, 6 e 11 foram extraídos desse periódico que, *mutatis mutandis*, nos possibilitou constatar a constituição de certos discursos a partir da fala de sujeitos autorizados. Vimos ainda que, ao atualizarem discursos antecedentes de pesquisas sobre sonhos desenvolvidas em função de acontecimentos traumáticos no século XX, tais discursos atribuem um valor inestimável às manifestações oníricas, devido à sua suscetibilidade aos eventos históricos, políticos e sociais.

Ademais, a partir do enunciado (13), dadas as evidências presentes no texto, sabemos que há aí também uma questão de gênero: “Elas representaram 80% dos relatos de sonhos enviados”, questão essa igualmente expressa no trecho 14, em que se afirma que “cerca de dois terços dos entrevistados são *mulheres*”, ou seja, *Elas/mulheres* foram as que mais aderiram às pesquisas relacionadas à coleta de sonhos durante o surto de coronavírus, o que

não significa dizer que *Elas/mulheres* foram as que mais sonharam durante esse período, ainda que isso possa ser uma verdade.

O fragmento 13, ao informar que 80% dos relatos de sonhos coletados pelos responsáveis pelo projeto *Sonhos confinados em tempos de pandemia*<sup>115</sup> foram enviados por *Elas* e, por conseguinte, ao não fazer nenhuma menção aos 20% restantes, silencia os demais sonhadores que provavelmente também se empenharam em escrever seus sonhos e remetê-los aos pesquisadores. Essa falta de informação complementar sobre a totalidade dos sujeitos que relataram seus sonhos pode ser vista como uma forma de não-dito, o qual necessariamente apaga, evita e exclui outros sentidos possíveis que poderiam se instalar nessa formulação. Assim, toda a atenção, a visibilidade e o destaque do enunciado se concentram nos efetivos 80% de relatos de sonhos enviados por *Elas* e por mais “ninguém”. Caso semelhante se observa no fragmento 14, ao menos no que diz respeito à prevalência das mulheres enquanto participantes de uma pesquisa desenvolvida nos Estados Unidos que coletou cerca de 15 mil relatos de sonhos nos primeiros meses da pandemia de Covid-19. Entretanto, ao não silenciar o fato de que um terço dos sujeitos entrevistados são homens, o referido excerto marca sua diferença em relação ao enunciado antecedente.

Nas formulações supracitadas, o emprego do pronome pessoal do caso reto na terceira pessoa do plural *Elas* e do substantivo comum flexionado no plural *mulheres* concorrem para produzir um efeito de sentido cujos principais atributos nos parecem ser a imprecisão, a indistinção e a indeterminação. Sabemos que sujeitos do gênero feminino não só sonharam durante a Crise Sanitária Mundial, mas também foram os que mais se interessaram em contar seus pensamentos oníricos durante esse acontecimento traumático. Apesar disso, nada é dito nesses discursos sobre quem realmente são *Elas/mulheres*, isto é, se são pobres ou ricas, se são pretas, pardas, brancas, amarelas ou indígenas, se possuem a mesma nacionalidade, se são jovens ou velhas, se manifestam preferências políticas e religiosas ou se possuem alguma profissão. Não temos como saber — ao menos por enquanto.

Importa ainda destacar que, de modo geral, *Elas/mulheres* foram lembradas e esquecidas, legitimadas e deslegitimadas como sonhadoras em certos discursos sobre sonhos produzidos na longa duração histórica. Como referenciamos em outras seções deste trabalho, na Antiguidade, as obras de Homero e Ésquilo, por exemplo, representam Penélope e Clitemnestra como sonhadoras privilegiadas, porque, além de sonharem, elas questionam o sentido de seus sonhos. A primeira, após sonhar com uma águia que despedaçou os vinte

---

<sup>115</sup> Ver nota 18.

gansos que se alojavam em seu palácio, por meio da célebre passagem dos portões de chifre polido e marfim talhado, mobiliza um discurso incontornável à época sobre sonhos verdadeiros que se cumprem e sonhos falsos que enganam. A segunda, apesar de acordar “transtornada”, aos “gritos”, devido a um sonho enviado por Agamêmnon<sup>116</sup> do mundo dos mortos, em que ela dera à luz a uma víbora, assume uma posição cética ante as visões da mente adormecida. Naturalmente, essas personagens, ainda que sejam muito significativas, por se tratarem de duas rainhas, mostram que *Elas/mulheres* são lembradas e legitimadas como sonhadoras em alguns discursos, desde que pertençam ao grupo social dominante.

Na obra de Artemidoro, como ressalta Foucault (2005), *Elas/mulheres* são silenciadas ou, quando muito, evocadas de forma adjacente. Apesar de o sonho de Mônica, mãe de Santo Agostinho, ter influenciado a conversão à religião Cristã deste que é considerado um dos primeiros Doutores da Igreja, discursos sobre sonhos produzidos na Alta Idade Média, ao se filiarem a uma antiga tradição que tendia a superestimar os sonhos de imperadores, reis e mártires-Santos, deram pouca ou nenhuma visibilidade aos fenômenos oníricos experimentados por *Elas/mulheres*. Le Goff<sup>117</sup> declara que as mulheres (*Elas/mulheres*) tiveram seus sonhos particularizados por alguns discursos produzidos no interior de movimentos místicos dos séculos XIII ao XV. No entanto, essa menção ao gênero feminino enquanto sonhadoras na Baixa Idade Média se resume a isso, ou seja, não é mais bem desenvolvida ou examinada em detalhes pelo eminente historiador. Na Idade Moderna, pelo que constatamos, *Elas/mulheres* também não se sobressaem enquanto sonhadoras em discursos sobre pensamentos oníricos. Uma inflexão, por sua vez, se dá na contemporaneidade, a partir do discurso psicanalítico, em especial, com as análises de sonhos empreendidas por Freud que, além de colocar à prova seus próprios pensamentos oníricos, se vale de inúmeros sonhos relatados por suas pacientes (*Elas/mulheres*) para desenvolver sua teoria e método de interpretação.

Ao voltarmos novamente nossa atenção para os fragmentos 13 e 14, observamos que esse protagonismo conferido pelo discurso psicanalítico ao feminino continua atual, na medida em que *Elas/mulheres*, pelo que enfatizamos acima, ocupam um lugar de destaque enquanto sonhadoras. Esse maior interesse pelo fenômeno onírico pode estar correlacionado

---

<sup>116</sup> “Anos mais tarde a alma de Agamêmnon, cheia de rancor, mandou um sonho para alarmar Clitemnestra. Pareceu à rainha em sua visão noturna que ela dera à luz uma víbora, e esta amamentava-se no seio dela como se fosse um recém-nascido; ao leite materno juntava-se sangue em abundância. Clitemnestra despertou transtornada, aos gritos. Consultado por ela, um adivinho do palácio interpretou o sonho como um sinal de ressentimento das divindades infernais” (Ésquilo, 2003, p. 10).

<sup>117</sup> “Outros sonhos intervêm em outros movimentos da renovação religiosa dos séculos XIII ao XV. São os dos místicos, em particular os das mulheres, que têm nisso um lugar de destaque” (Le Goff, 2006, p. 527).

ao fato de alguns discursos apontarem que *Elas/mulheres*, historicamente, se cuidam mais, ou, em outras palavras, que, devido a uma sobrecarga de atribuições, entre outras razões, acabam procurando mais os serviços de atenção à saúde. Não obstante, sabemos que, na sociedade brasileira, em razão de um discurso bem conservado e atuante, impera uma desigualdade de gênero que, em muitos casos, reserva a *Elas/mulheres* uma posição subalterna em relação aos homens. Também temos notícias de que os casos de violência doméstica contra *Elas/mulheres* dispararam com as medidas de isolamento social. Por isso, “pesquisas recentes têm evidenciado maior prevalência de sintomatologia para estresse, ansiedade e depressão na população feminina durante a pandemia da COVID-19” (Souza; Souza; Praciano, 2020, p. 663). Diante dessa injunção a uma posição inferior, somada ao excesso de afazeres, à exposição à violência e sob o domínio de sintomas patológicos, não é de se admirar que *Elas/mulheres* majoritariamente atendessem aos chamados dos pesquisadores que, ao ofertarem uma escuta ao relato de seus sonhos, em última instância<sup>118</sup>, também criavam as condições de possibilidade para um maior entendimento da sua vivência, isto é, da sua situação enquanto mulher, dos perigos advindos do confinamento, das mudanças provocadas pela presença invisível do vírus e do transbordamento de afetos negativos.

Sem grandes “manobras” interpretativas, estamos repetindo que discursos sobre sonhos produzidos durante a pandemia de coronavírus apontam que *Elas/mulheres* são os sujeitos que em tese mais sonharam. No entanto, até aqui, haja vista determinados silenciamentos por nós discernidos, não conseguimos especificar quem são as pessoas que poderiam ser associadas a *Elas/mulheres*. Passando à descrição-interpretação de outros enunciados, quiçá poderemos compreender melhor quem pode ser identificado nesse lugar.

(15) Nesse contexto, a pesquisa *Sonhos confinados em tempos de pandemia* convidou profissionais de saúde e professores para escrever e falar sobre seus sonhos. (Revista Cult, 2021, p. 33).

(16) A coleta dos depoimentos é feita por meio digital. Temos duas bases de dados: uma na UFMG, outra na UFRGS. A da UFMG trabalha a população em geral. A da UFRGS recebe os dados de trabalhadores da saúde e da educação, mas não apenas médicos ou professores. (A Gazeta, 29/05/2020)

Em princípio, salta à vista a força, a frequência e o funcionamento do discurso sobre sonhos resultante da pesquisa *Sonhos confinados em tempos de pandemia*. Ambos os fragmentos, ora extraídos do *corpus*, produziram suas matérias convocando saberes desse

---

<sup>118</sup> Especificamente no caso do fragmento 13, os pesquisadores, além de coletarem os relatos de sonhos, ouviram as interpretações feitas pelos sonhadores e ofereceram escuta para quem estivesse em sofrimento psíquico.

projeto que reiteradamente vem sendo aludido por nós. Quanto à questão relativa a quem sonha, ou, em alguma medida, quem pode ser associado a *Elas/mulheres*, reconhecemos imediatamente que “profissionais de saúde e professores”, “a população em geral” e “trabalhadores da saúde e da educação” foram convidados a relatar seus pensamentos oníricos. Ainda que os discursos sejam raros e que a língua e a lógica permitam uma “infinitude” de formulações, é flagrante a articulação entre os enunciados materializados nos fragmentos 15 e 16. Mas isso não quer dizer que um e outro produzam os mesmos efeitos. Se isolarmos os termos profissionais e trabalhadores, por exemplo, observamos que o primeiro produz um efeito de “fechamento” ao apontar para sujeitos que exercem um ofício específico, enquanto o segundo produz um efeito de “abertura” ao indicar sem muita especificidade uma ocupação em algum mister. Tanto é assim que a etimologia de profissionais remonta à noção de *professor*, uma profissão reconhecida, ao passo que a derivação de trabalhadores concerne a *torturar* (Cunha, 2019), uma prática que inflige sofrimento a alguém. Temos ainda “a população em geral”, designada no fragmento 16, cujo efeito de “abertura”, para não dizer vago e impreciso, é ainda mais notório.

Para ser breve, sabemos se tratar de profissionais-trabalhadores que possuíam algum vínculo com as áreas da saúde e da educação, além de potencialmente todos os outros habitantes — a população em geral —, que relataram seus sonhos durante o surto de coronavírus no Brasil. A despeito de os professores estarem em evidência no fragmento 15, a frase adversativa manifesta na formulação 16, “mas não apenas médicos ou professores”, busca romper com um relativo imaginário que reconhece e valoriza quase que exclusivamente médicos e professores como os únicos profissionais-trabalhadores da saúde e da educação. Entretanto, por mais que esse discurso faça essa concessão e inclua outros sujeitos, um certo apagamento persiste, na medida em que só por meio da análise do não-dito somos capazes de interpretar que pedagogas e coordenadores, pacientes e estudantes, agentes de portaria e seguranças, cozinheiros e merendeiras, secretárias e auxiliares, enfermeiras e técnicos de diferentes especialidades, entre outros, provavelmente também expuseram os relatos de seus pensamentos oníricos.

Do mesmo modo, esses discursos silenciam um enorme contingente de sujeitos que, durante a pandemia de Covid-19, não possuía meios para acessar a internet-Web. A sequência discursiva 16 explica que “a coleta dos depoimentos é feita por meio digital”, enquanto o fragmento 14 informa que “coletou cerca de 15 mil sonhos em uma pesquisa online”. Praticamente onipresente em nossos dias, a internet, que surgiu no final dos anos 1960 como uma rede capaz de conectar múltiplos computadores entre si em nível mundial, e a *Web*, um

serviço da internet criado nos anos 1990 que permite o acesso a *sites* diversos (Paveau, 2021), foram instrumentos imprescindíveis para que *Elas/mulheres*, “profissionais de saúde e professores”, “a população em geral” e “trabalhadores da saúde e da educação” relatassem seus sonhos. Contudo, pelo que acabamos de mencionar e segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)<sup>119</sup>, só no Brasil, discursos produzidos a partir da coleta de relatos de sonhos no decurso da Crise Sanitária Mundial, ao optarem pelo meio digital, teriam distribuído quem poderia e quem não poderia narrar seus sonhos ao silenciar cerca de 39 milhões de sujeitos com 10 anos ou mais de idade que não tinham acesso à internet<sup>120</sup>. Em geral, a mesma PNAD Contínua mostra que sujeitos com menos escolaridade e longevos, provenientes de famílias mais vulneráveis e residentes nas regiões norte e nordeste, foram os que predominantemente não utilizaram a internet.

Notoriamente, a população mais pobre, menos instruída e idosa, sobretudo das regiões Norte e Nordeste, foram as mais afetadas por esse apagamento, manifesto, por um lado, devido às condições de produção que praticamente inviabilizaram a enunciação de narrativas de sonhos de forma presencial, em razão de discursos médicos e sanitários que, de alguma forma, nortearam as medidas de isolamento social. Por outro, conforme aludimos acima, esse apagamento também se processa em função de um princípio inerente a toda produção discursiva, qual seja uma característica do funcionamento do arquivo que estabelece diversas formas de não dizer e agencia os mecanismos que selecionam, distribuem e autorizam os que podem e os que não podem falar. Além do mais, não se pode menosprezar o fato de que milhões de sujeitos são afetados pela exclusão digital em nosso país devido às desigualdades socioeconômicas, às distâncias geográficas e ao próprio processo de introdução, oferta e disseminação do serviço de internet em território nacional.

Consideramos ainda, com um breve comentário, a produção do silêncio local<sup>121</sup> ou da censura materializada em discursos sobre sonhos produzidos ante a conjunção de um acontecimento traumático e um governo de extrema-direita. Fazemos referência ao texto *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*, para destacarmos

---

<sup>119</sup> IBGE, 2023.

<sup>120</sup> Uma análise interessante acerca do que é dito e do que é silenciado em tempos de pandemia, logo, uma análise que se aproxima de nossas proposições, foi realizada a partir do enunciado “Se puder, fique em casa” (Venturini; Petri, 2023).

<sup>121</sup> Lembremos que Eni Orlandi distingue as noções de Silêncio Fundador e Política do Silêncio, sendo que a Política do Silêncio ainda é subdividida entre o Silêncio Constitutivo e o Silêncio Local. Assim, como a autora elucida: “a) o silêncio fundador, [é] aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras); e b 2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura)” (Orlandi, 2007, p. 24).

como a censura, pensada discursivamente, ao caminhar ao lado da opressão, comparece em narrativas oníricas produzidas sob essas circunstâncias. Assim, passamos à observação de uma passagem, ou melhor, de uma interpretação realizada pelos autores da referida obra acerca de um sonho, em que a narradora relata o conflito que lhe sobreveio durante uma reunião, entre a vontade de interromper o então presidente Bolsonaro — pois era ele quem estava se pronunciando — e a necessidade de se manter em silêncio devido ao medo de ser morta.

Na primeira cena, de forma alegórica, está descrita a imagem do sofrimento, da doença e da fome representadas por uma criança, a quem a narradora carrega, um corpo frágil, carente, mutilado e adoecido. Na segunda cena, há o personagem político que discursa. Não há polêmica, apenas ele fala. A narradora não interage com ele, somente com sua própria mãe. Sabemos apenas que ela se manteve calada, todas as outras informações sobre a cena advêm de suas emoções e desejos: sua “*desfelicidade*”, “a vontade de interromper”, e sobre o seu medo de ser morta. Em suas associações sobre o sonho, ela contrapõe os elementos da cena: “a dor da quietude” e “a segurança e ou confiança da presença da mãe”. A atmosfera da cena é de intimidação, paira uma espécie de censura velada sobre os participantes da reunião, que apenas escutam. (Dunker et al., 2021b, p. 203)

A partir desse discurso, no qual os pesquisadores analisam um relato de sonho encaminhado por uma sonhadora, relato este em que há alusão a personagens da vida política, especificamente ao então presidente Bolsonaro (por ser justamente ele quem discursa<sup>122</sup>), percebemos que a sonhadora e os demais participantes que compõe a cena onírica apenas escutam. Dada a força com que conteúdos históricos, políticos e sociais penetram em seu sonho e em função da irrevogável censura que impera em regimes autoritários, todos se calam, “não há polêmica, apenas ele fala”. Sabemos que a censura, vista em sua materialidade linguística e histórica, produz efeitos enquanto política pública de fala e silêncio: “[...] proibem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos” (Orlandi, 2007, p. 76). Dessa forma, por mais que exista o desejo de interromper o presidente, ela não toma essa atitude, ou seja, ela não ousa romper com o silenciamento que lhe é imposto e dizer o que “pode e deve ser dito” devido ao “medo” de se inscrever em uma determinada formação discursiva e “ser morta”.

Outros discursos sobre sonhos materializados sob condições de produção semelhantes, isto é, a partir da coexistência de um acontecimento traumático e de um governo de extrema-

---

<sup>122</sup> Na chamada segunda cena desse pensamento onírico, a sonhadora literalmente narra: “Em sequência, acontecia uma reunião, e minha *desfelicidade* de participar, pois o Bolsonaro estava presente e discursava, lembro-me da vontade de interrompê-lo, mas minha mãe pedia para eu me calar, eu mantive-me quieta por medo de ser morta” (Dunker et al., 2021b, p. 203).

direita, evidenciam a constante presença de figuras públicas em relatos de sonhos. No próprio *corpus* por nós organizado, esses sujeitos são mais ou menos recorrentes. Por isso, a fim de melhor apreender essa questão, nos encaminhamos à próxima seção desta tese: “Fenômeno onírico e dimensão política”. Antes, porém, gostaríamos de destacar que, neste subcapítulo, descrevemos e interpretamos diferentes modos de não dizer e formas distintas de silenciar. Vimos que, embora certos discursos aceitem que a experiência do sonhar é universal, em todas as formações sociais, poucos são aqueles que têm seus relatos registrados, interpretados e preservados. Além disso, com base nos discursos por nós analisados, apontamos “quem sonha em tempos pandêmicos”, no caso, *Elas/mulheres*, profissionais de saúde e professores, a população em geral e trabalhadores da saúde e da educação. Por fim, identificamos que grupos sociais mais vulneráveis, com menos anos de estudo e com idade avançada, principalmente residentes nas regiões Norte e Nordeste, foram os sujeitos mais afetados pelo silêncio e pelo apagamento que, como sabemos, também são formas de constituição e formulação do discurso.

### 3.4 FENÔMENO ONÍRICO E DIMENSÃO POLÍTICA

Aludimos acima o fato de que certos discursos sobre sonhos produzidos ante a conjunção de um acontecimento traumático e um governo de extrema-direita assinalam a penetração de figuras públicas que se alojam em seu interior. Um discurso exemplar disso de que estamos tratando pode ser observado no texto de Beradt (2017) que, como sabemos, foi coligido durante a ascensão do Nazismo na Alemanha. Esse discurso mostra como uma determinada situação de emergência cria as condições necessárias para a articulação entre fenômeno onírico e dimensão política, ou seja, particulariza como uma conjuntura histórica, política e social se manifesta no íntimo de muitos sujeitos.

Além disso, esse discurso evidencia a intromissão de personagens da vida pública em relatos de sonhos. Em muitas passagens desse discurso, referências a Hitler e a Joseph Goebbels são frequentes. Há uma narrativa onírica, por exemplo, em que o Ministro da Propaganda e da Informação Pública da Alemanha Nazista, Joseph Goebbels, aparece de surpresa na fábrica de um senhor de 60 anos. Esse senhor, um social-democrata que empregava por quase vinte anos alguns correligionários, leva cerca de meia hora para levantar o braço direito e fazer a saudação a Hitler. Ao cabo desse esforço, Goebbels lhe diz: “Eu não desejo a sua saudação. Daí vira-se e vai na direção da porta de saída” (Beradt, 2017, p. 30).

Em outra passagem do texto de Beradt, ela descreve a forma como Hitler aparece no pensamento onírico de uma mulher de 30 anos. Na cena, essa mulher está bem arrumada, no camarote de um anfiteatro, e assiste “A flauta mágica”, de Wolfgang Amadeus Mozart, sua ópera predileta. Após uma parte dramática, durante a qual se canta o termo “Diabo”, um esquadrão entra marchando em sua direção e, com a ajuda de uma máquina, descobre que, no momento em que ela ouviu essa palavra, ou seja, o termo Diabo, ela havia pensado em Hitler. Ao tentar olhar para os lados e pedir ajuda, ela se depara com pessoas solenemente vestidas, mas mudas e inexpressivas, sem nenhum indício de solicitude ou compaixão. *Grosso modo*, tanto no primeiro, quanto no segundo caso, Beradt argumenta que, “assim como o dono da fábrica, essa mulher conhece a humilhação pública como recurso da política” (Beradt, 2017, p. 48). Além disso, essas narrativas não seriam de sonhos singulares, mas, antes, representam um relato típico face a implementação do Nazismo na Alemanha, “[...] uma parábola perfeita da fabricação do homem totalmente assujeitado” (Beradt, 2017, p. 31).

A partir da interpretação<sup>123</sup> desses relatos de sonhos materializada nesse discurso, podemos visualizar, uma vez mais, que a singularidade do sujeito tende a se esvaziar, ou mesmo a desaparecer, em consequência da emergência de uma conjunção de acontecimentos traumáticos que não se reduz à vida em vigília, mas, antes, concorre para também apoderar-se das produções oníricas. Por isso, a humilhação pública, enquanto prática de dominação executada pelo Nazismo, e a figuração de personagens políticas, enquanto manifestação do poder, seriam elementos comuns a todos aqueles e aquelas que, mesmo não estando inteiramente alinhados ao regime, eram intimidados para se tornarem sujeitos totalmente adeptos da ideologia dominante.

Aliás, esse discurso, produzido sob tais circunstâncias, isto é, sob o domínio de uma ascendente tendência política de extrema-direita, ao expor que o homem poderia ser “totalmente assujeitado”, defende não ser da ordem do impossível a realização do assujeitamento perfeito. Desse modo, em que pese o fato de essa articulação que propomos ser inconsistente, limitada e imprecisa, diferentemente da noção de que não há assujeitamento “sem falhas”, noção assumida inclusive por Pêcheux (2014b) depois que ele efetuou uma série de remanejamentos, retificações e atualizações acerca da discussão que concerne à interpelação do indivíduo em sujeito<sup>124</sup>, a partir desse discurso, compreendemos que talvez as

---

<sup>123</sup> Sabemos que, entre outras especificidades, a Análise do discurso busca distinguir certos gestos de interpretação que se encontram na base da produção de sentidos de um texto (Orlandi, 2001). Nesse caso, em particular, apreciamos brevemente a interpretação feita por Beradt (2017).

<sup>124</sup> Conforme Mالدیدیر (2003, p. 69), “[...] no *Semântica e Discurso*, o ‘sujeito funciona bem demais’, só encontramos interpelações bem sucedidas, assujeitamentos realizados: ‘nada falha aí’. Acreditando cercar o

perspectivas de resistência e revolta inscritas nas formações do inconsciente, especificamente em relatos de sonhos, estariam ausentes. Ademais, poderia ocorrer de não se observar nessas narrativas oníricas certas “[...] formas de aparição fugidias de alguma coisa ‘de uma outra ordem’, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio” (Pêcheux, 2014b, p. 278). Enfim, não é a primeira vez que nos deparamos com questões complexas que envolvem ideologia e inconsciente, interpelação e sonhos neste trabalho. Porém, na impossibilidade de adensar essa discussão, visto que necessariamente tal adensamento envolveria uma reflexão teórica sobre a relação da Análise do discurso com os conceitos marxistas, linguísticos e psicanalíticos, problemática que já expressamos não abranger nossos objetivos, limitamo-nos a mais esse comentário.

Ainda a respeito desse discurso sobre fenômenos oníricos produzido sob influência do Nazismo, gostaríamos de reiterar o quanto esse discurso é convocado pelos discursos sobre sonhos materializados no decorrer da pandemia de coronavírus que, conforme vimos em nossas análises discursivas das passagens 9 e 10, “se inspira” e “tem inspiração” nesses enunciados. Assim, ao nos remetermos ao nosso *corpus* e tomarmos certos excertos como objeto de análise, observamos que a aparição de figuras públicas, em especial de personagens políticas, não é algo raro. Nas reportagens colocadas em circulação pelo jornal *A Gazeta* e pela *Revista Cult*, é possível ver essas menções por meio das formulações transcritas abaixo:

(17) De toda maneira, a crise de saúde e a crise política se traduzem nos sonhos. Muita gente tem tido sonhos ruins com Bolsonaro, por exemplo, como os alemães sonhavam com Hitler, bem antes da catástrofe de 1939. (*A Gazeta*, 29/05/2020)

(18) Em nossa pesquisa, de março a junho de 2020, figuras políticas representam quase metade (47%) das personalidades públicas no sonho dos brasileiros. (*Revista Cult*, 2021, p. 29)

Na primeira oração do fragmento 17, a ação indicada pelo verbo “traduzir”, que aparece conjugado na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — traduzem —, estabelece uma relação entre esse enunciado e outros discursos antecedentes e coexistentes já

---

sujeito, Michel Pêcheux apreendeu só o eu imaginário; ele, de algum modo, re-produziu a ilusão do ‘eu-sujeito-pleno’, não clivado. Assim, conclui ele, se encontrou contornado, com toda obstinação filosófica possível, o fato de que o non-sens do inconsciente, em que a interpelação encontra como se engancha, nunca está inteiramente recoberto nem obturado pela evidência do sujeito-centro-sentido que é o seu produto”.

analisados e comentados por nós<sup>125</sup>, uma vez que o fenômeno onírico é visto como uma espécie de dispositivo capaz de interpretar, explicar e elucidar “a crise de saúde e a crise política” que se conjugaram no Brasil a partir de 2020. Em outras palavras, as transformações, os impactos e a pressão sobre as condições de vida da maioria da população, que se processou tanto em decorrência da catástrofe humanitária de enormes proporções ocasionada pela pandemia de coronavírus quanto da posição negacionista assumida pelo mandatário da ocasião e pela maioria de seus ministros, teriam restringido a capacidade de apreender a realidade de muitos sujeitos, de modo que os sonhos passaram a funcionar como uma espécie de “tradutor” dessa realidade.

A afinidade do discurso materializado no trecho 17 com discursos antecedentes, particularmente com o discurso sobre sonhos produzido a partir da experiência Nazista, é ainda mais flagrante com a constatação de que “muita gente tem tido sonhos ruins com Bolsonaro, por exemplo, como os alemães sonhavam com Hitler”. Nessa parte destacada do trecho 17, há um efeito que se produz por meio da equiparação entre as figuras públicas de Bolsonaro e Hitler que, enquanto personagens políticos, ao penetrarem nos pensamentos oníricos de certos sujeitos, necessariamente provocariam sonhos “ruins”. Com relação a esse tipo de pensamento onírico, isto é, com relação a sonhos “ruins” com esses líderes da extrema-direita, através dos comentários que realizamos acima a respeito de determinados discursos sobre sonhos produzidos quando essas figuras políticas se encontravam no “centro” do poder, podemos ter uma ideia de como esses sujeitos penetraram em visões noturnas de muitos sonhadores como representantes da censura, do medo, da morte, da humilhação e da intimidação. Importa ainda mencionar que essa equiparação entre Bolsonaro e Hitler, explícita no fragmento 17, guardadas as diferenças de tempo e de espaço, e independentemente de o primeiro ser considerado populista ou neofascista e o segundo fascista ou facínora, foi observada no plano da linguagem, no qual tanto um quanto outro, *grosso modo*, por intermédio de seus pronunciamentos, buscaram calar seus oponentes, transformando-os em inimigos, e incitaram a passagem ao ato, ou seja, incitaram o direito ao emprego da violência por parte de seus simpatizantes (Piovezani, 2021).

Por conseguinte, a articulação desse discurso com discursos coexistentes, como o reproduzido no fragmento 18, é inegável, na medida em que as “figuras políticas representam quase metade (47%) das personalidades públicas no sonho dos brasileiros”. Isso revela que

---

<sup>125</sup> Especificamente na seção 3.2, entre outras coisas, analisamos como determinados discursos sobre sonhos materializam uma ideia de que os fenômenos oníricos seriam capazes de apreender uma realidade histórica, política e social.

muitos brasileiros, que sonharam durante a conjunção das crises sanitária e política e tiveram meios de relatar seus sonhos a determinados grupos de pesquisa, sonharam com figuras públicas, sendo que uma boa parte dessas “figuras” eram pessoas do meio político. Além disso, a frequência com a qual esses personagens se materializam nesses enunciados sobre sonhos é uma marca, entre outras, de como as relações de poder, as lutas e os sistemas de dominação derivados de uma formação social afetam as produções oníricas. Em outro fragmento extraído do nosso *corpus* de análise, a apreensão dessas questões, que também podem ser entendidas como relações de força nas quais se simboliza o político (Orlandi, 2001), mostra a manifestação de certos conflitos ideológicos que se intensificaram em relatos de sonhos durante a Crise Sanitária Mundial:

(19) A atualidade da crise não significou uma restrição das menções ao presidente em exercício, mas foram mobilizados líderes anteriores, como Lula ou Dilma Rousseff, para traduzir a oposição entre obedecer e transgredir a norma de quarentena. A vida onírica da quarentena não se limitou aos problemas da ordem do dia da República. (Revista Cult, 2021, p. 30).

Em 2021, data da publicação desse artigo na *Revista Cult*, como sabemos, Bolsonaro era o “presidente em exercício” no Brasil. Luiz Inácio Lula da Silva, ou simplesmente “Lula”, havia governado o país por dois mandatos consecutivos, ou seja, de 2003 a 2010<sup>126</sup>. Já “Dilma Rousseff”, que durante os governos Lula havia ocupado os cargos de ministra do Ministério de Minas e Energia e da Casa Civil, venceu as eleições presidenciais em 2010 e 2014. Mas, enquanto seu primeiro mandato, de 2011 a 2014, foi respeitado pelos grupos políticos, o segundo, que deveria durar mais quatro anos, ou seja, de 2015 a 2018, foi interrompido por um golpe legislativo em 2016.

Supomos que esses fatos, por se tratarem de processos recentes da história brasileira, processos estes muito noticiados, ainda que deliberadamente sem a devida atenção às interpretações conflitantes, são amplamente conhecidos. Também acreditamos que não seja algo desconhecido o posicionamento ideológico divergente com o qual cada uma dessas figuras políticas se identifica, ainda que essa questão seja de longe mais complexa do que a sucessão presidencial brevemente descrita acima. Dessa forma, não causa surpresa o fato de constar, na formulação do fragmento 19, que esses líderes foram mobilizados “para traduzir a oposição entre obedecer e transgredir a norma de quarentena”. A propósito, observamos novamente o emprego do verbo “traduzir”, agora em sua forma infinitiva, indicando nesse

---

<sup>126</sup> No momento em que esta tese é escrita, Luiz Inácio Lula da Silva, encontra-se em seu terceiro mandato como presidente da República —2023-2026.

caso que as manifestações de figuras políticas em relatos de sonhos executam a ação de “interpretar, explicar e elucidar” as lutas entre grupos políticos opostos no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Em particular, esse discurso aponta para certas premissas, perspectivas e práticas contraditórias e mutuamente excludentes em torno do contrassenso entre “obedecer” e “transgredir” a “quarentena” na vida onírica.

O termo quarentena, devido à frequência com a qual passou a circular pelas mídias tradicionais e digitais depois que a OMS reconheceu que o surto do novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, foi rapidamente assimilado e incorporado ao vocabulário de muitos sujeitos que, de uma forma ou de outra, foram afetados pela pandemia. Esse termo, formado a partir do numeral cardinal quarenta, apesar de ter adquirido sentidos novos<sup>127</sup> e, não raro, ser empregado como sinônimo de “distanciamento físico” e “isolamento”<sup>128</sup>, remete a um período de restrição imposto a todos os sujeitos que não estejam doentes, mas que sejam suspeitos de terem estabelecido contato com pessoas infectadas por alguma doença infectocontagiosa, ou ainda, a todos que estiveram em áreas consideradas de risco à saúde. O tempo de isolamento exigido por uma quarentena é variável, ou seja, depende do período máximo de incubação e transmissibilidade de uma infecção. No caso da Covid-19, quatorze dias era o espaço de tempo estimado que o sujeito deveria permanecer distante do convívio social. O termo quarentena ainda pode exprimir um sentido de contenção total — *lockdown* —, quando é necessário intervir em comunidades, cidades, Estados, regiões ou países “[...] com o objetivo de restringir a interação entre as pessoas e interromper qualquer atividade por um curto período de tempo, com exceção de saídas para atividades básicas como comprar mantimentos ou remédios (Ufrgs, 2022).

Acreditamos que “a oposição entre obedecer e transgredir a norma de quarentena”, materializada no fragmento 19, esteja relacionada, sobretudo, às medidas de contenção total da população, uma vez que, no Brasil, pelo menos duas posições divergentes foram explicitamente manifestas em torno dessa questão. Uma dessas posições alude ao “presidente em exercício” e, por extensão, ao Ministério da Saúde, já que esse órgão, a despeito de não ter conseguido coordenar ações conjuntas de enfrentamento à pandemia de coronavírus e da grande volatilidade de seus ministros, pelo menos desde sua militarização<sup>129</sup>, tornou-se porta-

---

<sup>127</sup> Cf. Silva e Almeida, 2022.

<sup>128</sup> De acordo com as definições da plataforma TelessaúdeRS-UFRGS: “Distanciamento físico é a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus”; “Isolamento é uma medida que visa separar as pessoas doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados de infecção por coronavírus) das não doentes, para evitar a propagação do vírus” (Ufrgs, 2022).

<sup>129</sup> Desde o início da pandemia de Covid-19, em 11/03/2020, a gestão do então presidente Bolsonaro trocou por três vezes o responsável pelo Ministério da Saúde. Luiz Henrique Mandetta, médico ortopedista, que assumiu o

voz e instrumento operacional de um discurso “negacionista” vociferado por Bolsonaro. Lembremos, sem grandes pormenores, que esse discurso defendia o tratamento precoce contra a Covid-19 com o uso indiscriminado de cloroquina, associado aos antibióticos ivermectina e azitromicina, rejeitava a vacinação em massa da população e era contrário ao *lockdown*, logo, assumia uma posição a favor da “transgressão” à norma de quarentena orientada pela OMS e adotada por alguns Estados. Por sua vez, entendemos que “Lula e Dilma Rousseff” são associados a um discurso alinhado à ciência, ou seja, a um discurso que se posiciona a favor da “obediência” à norma de quarentena. Esse discurso, sumariamente, prevê o cuidado à saúde e o combate à pandemia por meio da prevenção, que poderia incluir graus variados de restrições sociais, higienização frequentemente das mãos com água e sabonete ou antisséptico em gel — a base de álcool 70% — e uso de máscaras de proteção individual. Além disso, faz parte desse discurso científico a defesa da vacinação de toda a população e do tratamento, caso haja, adequado e cientificamente comprovado, a todos os brasileiros.

Não é sem razão que Birman ressalta o fato de que, desde o início da pandemia de coronavírus, se estabeleceu uma questão entre duas posições opostas: “a que se pautava pelo *imperativo da vida* e a que se norteava pelo *imperativo da economia*” (Birman, 2020, p. 43). À vista disso, em que pese o cinismo do então “presidente em exercício”, não seria exagero de nossa parte lembrar que o resultado desse imbróglio em torno da gestão da pandemia em solo brasileiro produziu montanhas de cadáveres. Precisamente, mais de 700 mil vidas foram dizimadas em meio a uma realidade que, como vimos através de certos discursos por nós descritos e interpretados, ao conjugar a “crise de saúde e a crise política”, além da “oposição entre obedecer e transgredir a norma de quarentena”, precisou ser “traduzida” pelos fenômenos oníricos dada a sua complexidade.

Ao longo desta quarta parte, “Fenômeno onírico e dimensão política”, do nosso terceiro capítulo, “Discursos sobre sonhos no Brasil pandêmico”, observamos ainda que a frequência de figuras públicas, em especial de personagens políticas, em relatos de sonhos produzidos sob a conjunção de um acontecimento traumático e sob a ascensão de um governo

---

ministério em 01/01/2019, ficou no cargo até meados do mês de abril de 2020. Nelson Teich, médico oncologista, foi o ministro da saúde que menos tempo comandou a pasta na história, pois ocupou este lugar por menos de um mês, ou seja, de 16/04/2020 a 15/05/2020. Tanto o primeiro quanto o segundo deixaram o Ministério da Saúde por divergências com Bolsonaro em relação ao combate à Crise Sanitária Mundial. General Eduardo Pazuello, que não tem formação em medicina e que representou a militarização do órgão, chefiou a pasta até 15/03/2021. Foi sob sua gestão, a partir da emissão de um novo protocolo emitido pelo Ministério da Saúde, diga-se de passagem, com a anuência do Conselho Federal de Medicina, que a prescrição de cloroquina se disseminou nas redes públicas e privadas de saúde e, coincidentemente, o número de mortes por Covid-19 bateu recordes consecutivos, chegando a ultrapassar a marca de 4.000 mortes diárias. Por fim, Marcelo Queiroga, médico cardiologista, ficou à frente do Ministério da Saúde de 23/03/2021 até o fim do mandato do presidente Bolsonaro em 31/12/2022 (Motta, 2021; Vargas, 2020).

de extrema-direita, mostra que, em tempos excepcionais, determinados líderes podem penetrar em produções oníricas para representar a censura, a morte, a humilhação e a intimidação. Em outras palavras, vimos como as produções oníricas materializam as relações de poder, as lutas e os sistemas de dominação de certa formação social.

Fundamentalmente, a manifestação de figuras políticas como as de “Lula e Dilma Rousseff” em relatos oníricos durante a pandemia de Covid-19, conforme nossas breves análises, aponta para o discurso científico, para uma posição que preza pela “obediência” às normas de quarentena e opta pelo imperativo da vida. Já o surgimento do Bolsonaro aponta para o discurso negacionista, para uma posição que estimula a “transgressão” às normas de quarentena e escolhe o imperativo da economia — e da morte. Por último, destacamos que a presença de Bolsonaro em relatos de sonhos ainda foi relacionada por alguns discursos ao sentimento de “medo”, emoção essa que, entre outras coisas, evidencia o impacto da Crise Sanitária Mundial na vida psíquica da população brasileira. Assim, para melhor compreender discursivamente a relação entre afetos e sonhos, encaminhamo-nos para o quarto capítulo desta tese — “Discursos sobre sonhos e emoções”.

## 4 DISCURSOS SOBRE SONHOS E EMOÇÕES

Para concluirmos nossa “aposta” e, assim, alcançarmos nossos objetivos, que, neste capítulo, compreendem, *grosso modo*, “descrever e interpretar certos enunciados em suas relações com as emoções em discursos sobre sonhos materializados no Brasil no período pandêmico”, mostraremos como distintos afetos e sensibilidades se constituem ou são intensificados nestes discursos durante a pandemia de Covid-19. Para tanto, partiremos da soma dos textos que compõem o *corpus* e nos valeremos das discussões realizadas pela Análise do discurso em sua interlocução com a História das Sensibilidades, ou seja, consideraremos em nossas análises as articulações entre os discursos sobre sonhos e as sensações, sentimentos e sensibilidades no contexto da Crise Sanitária Mundial.

Considerando o trajeto percorrido até aqui, sabemos que certos discursos sobre sonhos, por serem afetados pelos acontecimentos do tempo presente, produzem diferentes emoções. Por esta razão, discorreremos neste capítulo a respeito de medo, depressão, desamparo e esperança. Como é de se supor, não são poucos os discursos por nós analisados que manifestam e reiteradamente mobilizam estes termos para falar do impacto da pandemia na vida psíquica. Só para se ter uma ideia, o sentimento de medo, seja do vírus seja da doença, do confinamento ou do desemprego, da morte ou do luto, do fascismo ou do futuro, foi uma das emoções que mais se destacou em discursos sobre sonhos. Em decorrência da inscrição recorrente do sentimento de medo nos discursos, que necessariamente nessa era está ligado à ansiedade, iniciaremos por esse afeto as respostas às nossas indagações que visam a apreender quais são as principais emoções e seus respectivos funcionamentos em discursos sobre sonhos no Brasil no decorrer do surto de coronavírus.

### 4.1 MEDO

Pontuamos na *Introdução* deste trabalho que não há discursos sem uma dimensão afetiva e que provavelmente essa dimensão esteve ainda mais presente e manifesta em discursos sobre sonhos produzidos durante a Crise Sanitária Mundial. Dissemos também, com base nos autores da *História das Emoções* (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020), que, apesar de os afetos sempre caminharem *pari passu* com a humanidade, eles não são atemporais. Assim, “[...] nossas emoções não são imutáveis nem universais, pois se formam, se intensificam, refluem e se modificam no cerne de processos históricos e de estruturas sociais” (Piovezani; Curcino; Sargentini, 2024, p. 25). Dada essa sua característica histórica e social, as emoções,

assim como seus sentidos, formas, matizes e intensidades, transformam-se no tempo e variam no espaço.

Contudo, ainda que essas noções possam parecer mais ou menos óbvias e que esteja estabelecido, desde tempos longínquos, que uma dimensão afetiva é indissociável e constitutiva das práticas de linguagem, nem sempre as ciências que se dedicam à investigação e à análise de fenômenos linguísticos, de modo geral, e a Análise do discurso, particularmente, dispensaram muita atenção a este aspecto. Em que pese a constatação feita por Aristóteles quando da sistematização de alguns princípios da retórica, entre os quais o de que os homens são seres de linguagem e de que não há discurso sem *phátos*, e, igualmente, a despeito dessa afirmação relativa à materialização da emoção no discurso (guardadas as profundas variações) ter encontrado solo fértil no pensamento de grandes retores romanos, como em Cícero e em Quintiliano, e ainda ser quase que frequentemente reiterada na longa duração histórica — chegando, inclusive, a ser lembrada por Freud<sup>130</sup> —, certos estudos discursivos, como ressaltam Piovezani, Curcino e Sargentini (2024), passaram a considerar as emoções em suas análises apenas recentemente.

As razões pelas quais determinados estudos discursivos tomaram as emoções como seu objeto de análise se devem, em parte, ao fato de a técnica retórica de persuasão envolver necessariamente o *éthos*, o *páthos* e o *lógos*<sup>131</sup>, o que fez com que alguns estudos discursivos passassem a reconsiderar, a valorizar e a se interessar cada vez mais pela noção, há muito tempo desenvolvida, de que jamais os discursos são completamente destituídos de afetos. A emergência de novas tendências e abordagens linguísticas que surgiram e/ou se intensificaram na segunda metade do século XX, ainda que as emoções não tenham sido consideradas em seus primeiros desenvolvimentos, na medida em que passaram a examinar os usos concretos da língua em suas investigações, como a fala, o texto e os enunciados, também contribuiu para a paulatina inserção dos afetos em estudos desenvolvidos no domínio da linguagem.

No que concerne à Análise do discurso, malgrado o fato de essa abordagem também não ter privilegiado as emoções em seus fundamentos, esse quadro começa a se alterar, visto que, a partir do momento em que abandonamos a noção de discurso como texto e passamos a nos inquietar em apreender “[...] a realidade de seus efeitos sobre aqueles que o produzem e

---

<sup>130</sup> Freud parece não ter descuidado da reflexão retórica quanto à dimensão afetiva das palavras, pois, segundo ele: “com palavras, uma pessoa é capaz de fazer outra feliz ou de levá-la ao desespero; [...] e é também por intermédio das palavras que o orador arrebatava a assembleia de ouvintes e influi sobre os juízos e as decisões de cada um deles. Palavras evocam afetos e constituem o meio universal de que se valem as pessoas para influenciar umas às outras” (Freud, 2014, p. 19).

<sup>131</sup> Resumidamente, o *Éthos* diz respeito ao caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório; O *Phátos* envolve o conjunto de paixões que o orador deve provocar no auditório com seu discurso. Enfim, o *Lógos* implica a argumentação racional (Reboul, 2004).

sobre aqueles que o recebem, a questão das emoções que a fala suscita se impõe, sem que possamos fazê-la calar-se” (Courtine, 2016a, p. 19). A relevância de uma visada discursiva dos afetos também se justifica por uma certa proximidade existente entre as paixões e os discursos ou, em outras palavras, devido ao “[...] caráter coletivo de muitas dessas emoções, o caráter histórico de todas elas, sua condição histórica, as modalidades discursivas e a dimensão inconsciente que são, enfim, absolutamente constitutivas de sua existência” (Courtine, 2016a, p. 20).

Outras razões ainda podem ser apontadas para que algumas pesquisas no campo discursivo tomem as emoções como seu objeto. Por certo, alguns trabalhos da abordagem argumentativa concorreram para esse novo enfoque. Apesar das reduções e distorções que se conservam nesses estudos da argumentação, eles indicaram a diferença entre os discursos emocionados e os discursos emocionantes, postularam que a “argumentação” puramente racional tende a ser insuficiente para provocar a adesão de um auditório e defenderam que razão e emoção “[...] são constituídas conjuntamente pelas mesmas unidades e recursos da linguagem” (Piovezani; Curcino; Sargentini, 2024, p. 23). Enfim, se há um relativo consenso quanto ao fato de o discurso constituir objetos, sujeitos e sentidos, cada vez mais se insiste que ele também exerce um papel semelhante na formação, nas gradações e nas transformações das sensações, dos sentimentos e das sensibilidades das classes, dos grupos e dos sujeitos de uma sociedade.

Decididamente, as considerações acima ensejam o encontro entre a Análise do discurso e a História das sensibilidades. Além disso, seja devido à ênfase no mundo sensível dessa corrente historiográfica, ou antes, seja porque Pêcheux e Foucault nos ensinam que não existe pesquisa discursiva sem história, o fato é que há entre os discursos e as emoções relações “fundamentais”, “irredutíveis” e “sobredeterminadas”. Como ressaltam Piovezani, Curcino e Sargentini (2024, p. 37-38):

De modo análogo ao que ocorre nas relações entre os campos do visível e do enunciável, como dimensões constitutivas do saber, intrinsecamente articulados, irredutíveis um ao outro e nos quais há o primado do segundo sobre o primeiro, entre as emoções e o discurso também existem relações fundamentais, irredutibilidades e sobredeterminações: os afetos são expressos, suscitados e reforçados ou abrandados pelos discursos, bem como são formados e transformados pelo que dizem os sujeitos de uma sociedade a seu respeito e a respeito de outros temas, por seus modos de dizer e pelas circulações diversas da coisa dita. O discurso é uma prática que constrói os objetos e os sujeitos, os sentidos e os sentimentos.

Como podemos observar, a articulação entre esses domínios do saber na contemporaneidade se apresenta como uma forma profícua e incontornável para aprofundarmos nosso entendimento das práticas de linguagem como manifestações constituídas por afetos. Assim, desse encontro, vemos surgir estudos que pautam suas análises na noção de que a materialização dos discursos necessariamente compreende as emoções como fenômeno intrínseco da constituição histórica de seus enunciados, dos modos como eles são formulados e dos espaços sociais em que circulam<sup>132</sup>.

Expostas essas concisas considerações, passamos ao exame do conjunto de textos que compõe o *corpus* por nós organizado nesta pesquisa. Aliás, como já tivemos oportunidade de pontuar, constatamos de imediato que a materialização recorrente do sentimento de medo se impôs como um imperativo nesses textos. Vejamos algumas ocorrências extraídas para análise:

(20) Uma variedade de sonhos é focada diretamente no medo de pegar o vírus, como a pessoa se ver sendo desmascarada em público, onde outros tosem nela. (CNN Brasil, 22/03/2021)

(21) Algumas pessoas sonham que saem desprotegidas, sem máscaras ou que afastam outras pessoas com receio do contato, ou que têm nojo de tocar em objetos com medo de serem contaminadas. (Gshow, 25/06/2020)

(22) Sonhos da pandemia refletem sofrimento mental e medo da doença, diz estudo. (UOL, 30/11/2020)

Nesses fragmentos de discursos sobre sonhos pandêmicos, a inscrição da palavra medo está particularmente associada ao vírus, à contaminação e à doença. Prontamente, observamos nesses “objetos” aos quais o medo aparece vinculado a determinação de fatores históricos, sociais e sanitários, posto que, dadas as condições de produção desses discursos, sonhos focados no “medo de pegar o vírus”, sonhos que representam algumas pessoas sentindo “medo de serem contaminadas” e sonhos que refletem “medo da doença”, não é algo isolado e tampouco exclusivo da vida onírica. Assim, esses discursos mostram como o sentimento de medo de entrar em contato com um agente patógeno diminuto, contrair uma infecção e desenvolver uma enfermidade durante a Crise Sanitária Mundial, emoção presumivelmente

---

<sup>132</sup> Alguns desses estudos podem ser encontrados, justamente, no livro lançado em 2024 pela Editora Parábola, “O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos”. Organizado por Carlos Piovezani, Luzmara Curcino e Vanice Sargentini, professores do programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, esta obra, a partir da interseção entre a Retórica, a Análise do discurso e a História das Sensibilidades, entre outros domínios do saber e abordagens teórico-metodológicas, reúne vários artigos acerca da dimensão afetiva da linguagem.

experimentada por muitas pessoas na vida em vigília, influenciou decisivamente na formação de boa parte dos sonhos.

Não foram raras as vezes neste trabalho em que destacamos essa evidência manifesta em discursos sobre sonhos. Em outros termos, já observamos o quanto certos discursos enfatizam a capacidade do fenômeno onírico de absorver, testemunhar e traduzir acontecimentos históricos, políticos e sociais de determinada época. Também notamos um desdobramento nesses mesmos discursos, os quais apontam que, apesar de nossos sonhos não se constituírem absolutamente de modo aleatório, ante a emergência de um acontecimento traumático que conjuga uma crise sanitária e a ascensão de um governo de extrema-direita, a variação onírica tende a diminuir. Agora, em que pese a existência de fatos empíricos aterrorizantes, trágicos e nefastos, observamos que o estado afetivo de “sonhos”, ou de “uma variedade de sonhos” de “algumas pessoas”, “focalizou” e “refletiu” a emoção do medo que, necessariamente, foi materializada pelos discursos produzidos nesse contexto sócio-histórico.

Sabemos que existe um discurso que tende a reconhecer o afeto do medo como intrínseco à condição humana, na medida em que, desde muito precocemente, nossos ascendentes tiveram que aprender a sobreviver em um ambiente hostil, com pouca oferta de alimentos, constante perigo de ataques e luta para encontrar parceiros sexuais. Esse discurso, que nitidamente nos remete aos imperativos darwinistas da evolução, ao tratar de problemas supostamente viscerais e inerentes a todos e quaisquer seres humanos que viveram no tempo recuado, em certa medida, criou as condições de possibilidade para a produção de um enunciado segundo o qual, há cerca de 200 milhões de anos, o primeiro sonho sonhado pelo ancestral comum a todos os mamíferos hoje existentes teria sido um sonho de medo (Ribeiro, 2019).

Há mais ainda. Certos enunciados apontam que a emoção do medo também teria sido dominante no relato onírico mais antigo registrado pelo homem, *O sonho do Rei Dumuzid*, cravado em caracteres cuneiformes na Suméria pré-dinástica, por volta de 5 mil anos (Ribeiro, 2019). Contudo, o par sonho e medo, propriamente, sendo o segundo mais ou menos admitido como uma espécie de emoção social que se manifesta no primeiro, teve lugar em um discurso sobre sonhos materializado na Idade Média, em função de relatos bíblicos de sonhos assustadores, por efeito da entrada do Diabo na cena onírica e pelo apreço que certas “heresias” conferiam aos pensamentos oníricos. Designado como pesadelo por Ernest Jones, um outro discurso indica que sonho e medo tendem a se manifestar com mais frequência em visões noturnas de veteranos de guerra e de sobreviventes do holocausto, visto que as perseguições, as agressões, as humilhações, os horrores e os sofrimentos, tanto dos conflitos

armados quanto dos campos de concentração, são repetidos, reproduzidos e revividos incessantemente à noite em pesadelos disformes, opressivos e violentos.

Em suma, há uma relativa afinidade entre discursos sobre sonhos quanto à constatação de que praticamente todos os grupos, classes e sujeitos expostos a acontecimentos traumáticos experienciam sonhos em que a emoção do medo está potencialmente mais presente. Além disso, para milhões de seres humanos que convivem com a miséria, que não sabem exatamente o que comerão ou onde conseguirão um abrigo seguro, o par sonho e medo funcionaria como uma sentença inescapável.

A despeito do profundo mal-estar gerado pelos pesadelos, sonhos cujos enredos são constituídos por sequências de imagens que suscitam medo, e diante de tanta coisa que ainda se poderia dizer sobre as relações entre sonho e medo, de acordo com um discurso produzido a partir de pesquisas desenvolvidas no campo das neurociências, esse “tipo” de pensamento onírico pode ter uma função importante. Como enuncia Sidarta Ribeiro (2019, p. 275), “por ser capaz de simular possíveis perigos a serem evitados na vida real, o pesadelo pode preparar o sonhador para enfrentar os perigos do dia seguinte, treinando roteiros de ação ou simplesmente aumentando o alerta”. Nesse sentido, a partir dos discursos sobre sonhos materializados nos fragmentos 20, 21 e 22, poderíamos supor que determinados relatos de sonhos produzidos durante a pandemia, ao suscitarem o afeto do medo, estariam alertando os sonhadores quanto ao perigo iminente do vírus, da contaminação e da doença. Ademais, alguns roteiros de ação também poderiam ser instrutivos, como afastar “outras pessoas com receio do contato” e não “tocar em objetos”.

A frequência com a qual a emoção do medo esteve manifestamente relacionada aos sonhos ocorridos durante o surto de coronavírus também pode ser observada no discurso produzido pelos pesquisadores reunidos em torno do projeto *Sonhos confinados em tempos de pandemia*. Conforme suas considerações, quando o sujeito participante da pesquisa era solicitado a associar livremente termos à sua narrativa onírica, “[...] foi possível identificar que ‘medo’ se manteve como a palavra com maior conectividade ao longo de todo o período [...]” (Iannini et al., 2021, p. 43). Os mesmos pesquisadores ainda sinalizam um deslocamento nessas associações entre os relatos de sonhos e a palavra medo:

Em movimento paralelo aos deslocamentos ocorridos com os restos diurnos, as associações da palavra “medo” covariam: se antes o medo estava associado à casa e a termos genéricos como “tudo”, sugerindo um medo de certa forma indeterminado, ligado a um perigo ainda não nomeado, difícil de localizar ou de circunscrever, num segundo momento se liga a ideias mais

concretas, como “vida” e “pandemia”, recebendo contornos mais definidos e delimitadores. (Iannini et al., 2021, p. 43)

Esses excertos, assim como nossos fragmentos 20, 21 e 22 analisados acima, nos permitem compreender como a emoção do medo, em larga medida produzida pelos discursos materializados perante a catástrofe que se instalou no mundo em função da pandemia de Covid-19, se articulou à experiência onírica, aos discursos produzidos sobre sonhos e, ainda, em um segundo momento no qual o medo aparece ligado a “ideias mais concretas”, às associações livres enunciadas pelos sonhadores. Ademais, acerca da inflexão que teria ocorrido no tocante às associações da palavra “medo” indicada no trecho acima, observamos que, a despeito de sua vinculação com o termo “casa”<sup>133</sup>, em um primeiro momento, ele é relacionado a termos mais gerais, como “tudo”, ou seja, não é ligado a objetos específicos, ao contrário, o medo que se manifesta é “de certa forma indeterminado, ligado a um perigo ainda não nomeado, difícil de localizar ou de circunscrever”.

Sem nenhum demérito às noções relativas ao medo discutidas pelos autores do projeto em questão, noções estas sinteticamente descritas por nós, segundo uma perspectiva discursiva da emoção do medo, acreditamos que as associações efetuadas nesse primeiro momento pelos sujeitos designam mais a sensação de ansiedade do que propriamente de medo. Em vista disso, e muito resumidamente, de acordo com Courtine e Piovezani (2024), na contemporaneidade, uma série de discursos “banais” veiculados pelos mais variados meios de comunicação, como os que enunciam crises climáticas e catástrofes naturais, guerras e calamidades humanitárias, depressões econômicas e desemprego, terrorismo mundial e violências de todo tipo, entre tantos outros incidentes, teria gerado a globalização dos medos e propiciado uma espécie de expectativa ansiosa<sup>134</sup>.

Dessa forma, os medos passaram a ser compartilhados mundialmente, e algo em sua natureza parece ter se alterado ao longo desse processo: “um estado permanente de ansiedade individual e coletiva passou a colonizar e a constituir as sociedades e os sujeitos do chamado

---

<sup>133</sup> A partir do conceito postulado por Freud de *Infamiliar*, um sentimento paradoxal de estranhamento em relação ao que é conhecido (familiar), o primeiro capítulo do livro “Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia” toma o significante “casa” como seu objeto de análise.

<sup>134</sup> A despeito da aparente banalidade de enunciados de medo que diariamente são produzidos e veiculados, cumpre destacar que há alguns traços discursivos recorrentes em sua materialização: “sua permanência, pois não há nela nenhuma interrupção; sua onipresença, derivada do fato de medo e ameaças globais andarem lado a lado com seus congêneres locais; sua intensidade, quando grandes perigos se alternam com inquietudes menores; sua indiferença, para com a realidade dos perigos, quando nada mais distingue as catástrofes reais das puras construções imaginárias [...]; seu caráter cumulativo, como se a adição das ameaças, a soma dos medos ou a multiplicidade de seus objetos [...] constituíssem a prova de sua existência; e sua relação particular com o tempo — o presente dos medos contemporâneos é assombrado pela evocação de medos antigos” (Courtine; Piovezani, 2024, p. 170-71).

mundo ocidental” (Courtine; Piovezani, 2024, p. 172), como se algo de pior ainda estivesse por vir.

Por conseguinte, nessa era em que discursos do medo, além de conjugar temores antigos e inquietações modernas, riscos imaginários e ameaças reais, passaram a ser constantes e globais, seria a ansiedade, e não exatamente o medo, que se manifestaria de forma imprecisa e que abrigaria em seu interior aspectos “indeterminados”, “ainda não nomeados”, “difíceis de localizar ou de circunscrever”. Na esteira de Courtine (2016a, p. 26), a ansiedade concebida como discurso se apresenta como narrativas flutuantes, extensivamente indeterminadas, “[...] que comportam lugares vazios de sujeito e de objeto, mas prontas para serem convertidas em discursos do medo, carregados de ameaças e de inimigos, quando as circunstâncias históricas reclamam-nas e quando tais narrativas voltam à tona”.

O medo, por sua vez, sempre à espera e apto a se firmar à superfície, necessariamente consente um objeto, pelo menos isso é algo que sabemos desde a distinção efetuada por Freud (2010) entre terror, angústia e esse afeto. De acordo com o autor:

terror, medo e angústia são empregados erradamente como sinônimos; mas podem se diferenciar de modo claro na sua relação com o perigo. “Angústia” designa um estado como de expectativa do perigo e preparação para ele, ainda que seja desconhecido; “medo” requer um determinado objeto, ante o qual nos amedrontamos; mas “terror” se denomina o estado em que ficamos ao correr um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator da surpresa. (Freud, 2010, p. 126)

Contudo, existe entre o medo e a ansiedade uma relação constitutiva, na medida em que esses afetos “[...] são indissociáveis um do outro, pressupõem-se um ao outro, alimentam-se um do outro” (Courtine, 2016, p. 26). Assim, do nosso ponto de vista, em um primeiro momento, as associações dos sujeitos que participaram do projeto *Sonhos confinados em tempos de pandemia* expressam ansiedade, e, passado algum tempo, em um segundo momento, devido “aos deslocamentos ocorridos”, suas associações indicam o sentimento de medo, porque este aparece ligado, por exemplo, à “vida” e à “pandemia”.

Foi mais ou menos essa vinculação entre a emoção do medo e um objeto que nós procuramos mostrar nas primeiras considerações realizadas nesta seção. Como vimos a partir dos trechos 20, 21 e 22, certos discursos sobre sonhos evidenciaram o quanto o medo esteve manifestamente presente nas produções oníricas do período pandêmico e como a sua materialização está associada ao vírus, à contaminação e à doença.

Com base nesses mesmos discursos, ou melhor, levando em conta as formulações dos excertos 20 e 21, uma outra camada do medo ainda pode ser observada, uma vez que, em

sonhos diversos, o temor de pegar o vírus foi traduzido em imagens “como a pessoa se ver sendo desmascarada em público, onde outros tosem nela”. O receio de contaminação ainda expôs o fato de que “algumas pessoas sonham que saem desprotegidas, sem máscaras ou que afastam outras pessoas com receio do contato”. Essas passagens nos permitem ampliar nossa compreensão de como o medo do vírus e da contaminação, materializado em relatos de sonhos, está intimamente relacionado à emergência de certas práticas sociais que entraram em vigência durante a pandemia de coronavírus. Derivadas de discursos normativos e reguladores produzidos em larga medida por instituições mundiais, como a OMS e órgãos oficiais do Estado brasileiro, essas práticas incluíam, entre outras, o uso de máscaras de proteção individual e algum grau de distanciamento social. Essas recomendações, que em tese deveriam simplesmente preconizar algumas medidas para se conter a disseminação do vírus e o contágio da doença entre a população, acabaram sendo absorvidas pelas posições ideológicas em disputa daquele período.

No Brasil, como sabemos, havia pelo menos duas posições claramente definidas quanto ao enfrentamento da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional decorrente da pandemia da Covid-19: uma marcada pelo discurso negacionista e outra alinhada ao discurso científico. Para dizer o mínimo, retomando mais ou menos o que já apontamos, enquanto a primeira estimulava tratamento precoce contra a Covid-19, com o uso indiscriminado de cloroquina associada aos antibióticos ivermectina e azitromicina, menosprezava o uso de máscaras de proteção, rejeitava a vacinação em massa da população e era contrária ao *lockdown*, a segunda defendia o tratamento, caso houvesse, adequado e cientificamente comprovado a todos os brasileiros, incentivava o uso de máscaras, acreditava que a vacina era uma dose de esperança e era favorável às políticas de isolamento social.

Por isso, sem ter a intenção de incorrer em especulações infundadas, acreditamos que uma camada do temor sentido por algumas pessoas em suas produções oníricas, tal como manifesto nos fragmentos 20 e 21, pode estar relacionada à ambiguidade e à confusão derivadas da disputa ideológica propagada por discursos antagônicos em torno das medidas de prevenção e de controle da Covid-19. Isso porque é razoável pensar que o domínio do discurso negacionista poderia provocar em certos sujeitos um sentimento de medo não confessado ou mal compreendido, em estado de vigília e, conseqüentemente, manifesto em sonhos em que se “aderia” a esse discurso e se saía em público sem a máscara de proteção individual para entrar em contato com outras pessoas.

Por fim, a título de exemplo, já vimos em outras condições de produção como a força e o poder de um discurso político, mais precisamente, como a força e o poder do discurso

nazista, foi capaz de influenciar a produção onírica de sujeitos que, mesmo contrários a determinado posicionamento ideológico, sonharam com a aceitação das circunstâncias dadas, com a prontidão em se deixar enganar, com os desmoronamentos dos mecanismos de defesa ante a pressão, a propaganda e a violência e com o processo quase automático de “adesão” “[...] a uma estrutura social que autoriza apenas um movimento, o de se juntar ao Movimento” (Beradt, 2017, p. 128). Importa ainda dizer que, segundo Hannah Arendt (2000), os discursos totalitários alienam o sujeito, estorvando-o da faculdade de reflexão.

Enfim, os medos se formam e se transformam, se expandem e se aprofundam, em larga medida, por discursos que os produzem e os tematizam em diferentes condições de produção. Esses discursos, muitas vezes assimilados como “banais” ao serem associados ao vírus, à contaminação e à doença, em função da emergência sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, criaram as condições de possibilidade para que o sentimento do medo fosse o estado afetivo dominante de “sonhos”, ou de “uma variedade de sonhos” de “algumas pessoas”.

Nossas análises ainda distinguiram como um discurso materializa uma ideia de que os sujeitos, ao serem frequentados pelo medo em suas produções oníricas, poderiam estar sendo alertados quanto a certos perigos iminentes e, com isso, testariam roteiros de ação. Também observamos neste subcapítulo, entre outras coisas, como certos discursos constituíram, atualizaram e transformaram o par sonho e medo na longa duração. Vimos um discurso que destacou a forma como a palavra medo foi o termo mais livremente associado por sujeitos que relataram seus sonhos na pandemia e, a partir de um deslocamento ocorrido entre um primeiro e um segundo momento nessas associações, notamos como o afeto do medo se materializa na contemporaneidade de modo indissociável da ansiedade. Além disso, conjecturamos como distintas posições ideológicas em torno de medidas de controle e proteção contra a Crise Sanitária Mundial também podem ter concorrido para a penetração do medo em pensamentos oníricos.

Outrossim, as análises aqui realizadas apontam que esses discursos sobre os sonhos foram frequentados por medos que, embora possam mais ou menos eventualmente emergir sob formas isoladas, tais como o medo do vírus ou do isolamento social, o medo da contaminação, da doença ou de suas sequelas, se associavam e/ou deslizavam de uns para outros, produzindo, assim, amálgamas e/ou encadeamentos entre eles e potencializando seus efeitos. Finalmente, cumpre mencionar que esse afeto do medo, frequente em discursos sobre sonhos, tal qual as emoções como um todo, costuma não estar desacompanhado. Outros sentimentos, ou mesmo a falta deles, como os provocados ou inibidos por uma “depressão”,

lhes estão associados. Por esse motivo, e com o intuito de continuar nossas análises acerca de discursos sobre sonhos em suas relações com as emoções, discursos esses produzidos durante a combinação de um acontecimento traumático que envolve, pelo menos, crise sanitária e política, passamos a investigar aqueles que abordam a manifestação da depressão em relatos de sonhos pandêmicos.

## 4.2 DEPRESSÃO

Os casos de depressão, geralmente correlacionados a outros transtornos, se intensificaram durante o surto de coronavírus. De acordo com a OMS (OPAS/OMS, 2022b), apenas no primeiro ano, vale lembrar, em 2020, a prevalência global de depressão e ansiedade aumentou em 25%. Essa epidemia lateral de transtornos mentais, cujos efeitos ainda hoje são sentidos por uma parcela significativa da população mundial, tanto quanto podemos julgar a tão pouca distância, se deve ao aumento sem precedentes de estressores multifatoriais, como os ligados ao isolamento social da quarentena que, como sabemos, na melhor das hipóteses, restringiu drasticamente a circulação e a interação das pessoas em ambientes de trabalho, estudo, lazer, entre outros, e exigiu uma rápida adaptação a um novo mundo até então desconhecido, inseguro e incerto. Na pior, para muitos sujeitos, sobretudo para aqueles e aquelas que perderam seus entes queridos, ela inviabilizou qualquer cerimônia que lembrasse os parcos rituais fúnebres do nosso tempo. Ainda em função dela, muitas pessoas tiveram que interromper o tratamento de doenças graves e, com isso, começaram a conviver com uma perspectiva cada vez mais real da morte iminente em meio ao caos instaurado. Além disso, para milhões de desempregados, a quarentena delimitou a possibilidade de se sair de casa em busca de uma atividade remunerada e, por extensão, de prover alimentos para seus lares. Esses simples exemplos nos oferecem uma visão de como muitos sujeitos durante “as quarentenas” passaram a administrar uma série de novos fatores estressores que potencialmente contribuíram para o aumento e o agravamento de casos de depressão.

É bem verdade que, desde antes do início da pandemia de Covid-19, muitos discursos denunciavam os alarmantes problemas relacionados à saúde mental no cenário mundial. Para se ter uma ideia, em 2019, quase um bilhão de pessoas viviam com algum tipo de disfunção, seja no humor, no comportamento, no raciocínio ou nas relações interpessoais, e os transtornos depressivos, particularmente, compreendiam um dos maiores problemas psíquicos de nossa era (OPAS/OMS, 2022c), na medida em que representavam quase um terço desse total e eram tidos, entre todos os problemas de saúde, como a primeira causa responsável pela

incapacidade. Como destaca a psicanalista Maria Rita Kehl ao subscrever esse discurso já consolidado em nossa época, “[...] as depressões, na contemporaneidade, ocupam o lugar de sinalizador do ‘mal-estar na civilização’” (Kehl, 2009, p. 22)

A Crise Sanitária Mundial, por sua vez, agravou consideravelmente esse quadro. À vista disso, não é de se estranhar a alusão à depressão e à tristeza, bem como a outras doenças psíquicas e sentimentos, em discursos sobre sonhos pandêmicos. Vejamos, em alguns enunciados transcritos abaixo, como se dá essa materialização:

(23) O fenômeno começou há cerca de um ano, pouco depois do início dos *lockdowns*. Os trabalhadores da linha de frente foram duramente atingidos. Um estudo de junho de 2020 com 100 enfermeiros chineses relatou que 45% tiveram pesadelos, em associação com vários graus de ansiedade e depressão. (CNN Brasil, 22/03/2021)

(24) Desenvolvido por um grupo de 13 pesquisadores, sob supervisão da psiquiatra e neurocientista Natalia Mota, o estudo mostra que os sonhos do período pandêmico são diferentes dos relatos dos sonhos anteriores à pandemia. Os pesquisadores perceberam que os sonhos nesse período têm maior proporção de palavras ligadas à “raiva” e à “tristeza” e maior semelhança a termos como “contaminação” e “limpeza”. (UOL, 30/11/2020)

O fragmento 23 é mais uma passagem da matéria veiculada pelo portal de notícias CNN Brasil no primeiro trimestre de 2021, enquanto o trecho 24 é parte de um texto difundido pelo UOL ainda no primeiro ano da pandemia. *Grosso modo*, vemos como esses enunciados seguem um certo padrão encontrado também em outros fragmentos já interpretados por nós nesta pesquisa, ou seja, vê-se como obedecem a um conjunto de regras que mais ou menos determina as condições de formação de um ou mais discursos sobre fenômenos oníricos durante a pandemia de Covid-19.

Nesse sentido, ambos os excertos ora analisados materializam expressões como “um estudo”, ou termos como “pesquisadores”, para produzir seus discursos. Isso mostra que esses discursos foram forjados a partir dos resultados de algumas investigações científicas que, muito provavelmente, desenvolveram-se no interior de alguma Instituição de Ensino e Pesquisa. O fato de os sonhadores serem identificados, ao menos no fragmento 23, como trabalhadores da saúde, também pode ser visto como outro indicador de que esses discursos sobre sonhos, para quem a pandemia de coronavírus teria criado as condições de existência, apresentam, em sua dispersão, uma relativa regularidade. Afinal, já apontamos que sujeitos atuantes na área da saúde constituem um grupo privilegiado de participantes de pesquisas

relacionadas ao fenômeno onírico desenvolvidas no seio de algumas Universidades Públicas Brasileiras.

Entre outras coisas, os enunciados 23 e 24 — e para não perdermos de vista nossos objetivos nesta seção — referem-se a certos afetos que se materializam em sonhos pandêmicos. Discorre-se, na passagem 23, sobre um tipo de sonho em particular, qual seja de pesadelos, “em associação com vários graus de ansiedade e depressão”. Apesar de conhecermos alguns estudos que indicam essa associação entre pesadelos, ansiedade e depressão (Ribeiro, 2019; Chellappa; Araújo, 2006), esse fenômeno teria se iniciado com os *lockdowns*, ou seja, ao que parece, não havia sido constatado antes da pandemia, quiçá porque pesquisas dessa natureza, com esse grupo específico de sujeitos e nessas condições de produção não haviam sido realizadas. Como a formulação nos permite inferir, “os trabalhadores da linha de frente foram duramente atingidos”, o que significa dizer que os 100 enfermeiros chineses não somente começaram a ter sonhos perturbadores, mas também foram severamente acometidos por esse tipo de sonho, haja vista o encaixe do advérbio “duramente” no enunciado. Resta dizer, considerando o trecho 24, que “os sonhos do período pandêmico são diferentes dos relatos dos sonhos anteriores à pandemia”, diferença essa marcada materialmente por uma maior inscrição, em relatos de sonhos coletados durante a Covid-19, de palavras que expressam direta ou indiretamente emoções como raiva e “tristeza”.

Em se tratando de pesadelos, já distinguimos como certos discursos tendem a significar esse tipo de sonho como um fenômeno que envolve circunstâncias de perigo, que se intensifica ante acontecimentos traumáticos e suscita fortes emoções, como sentimentos de medo. Agora, em que pese a associação entre pesadelo e ansiedade, emoção flutuante, vaga e imprecisa, gostaríamos de ressaltar a maneira como, na passagem 23, se materializa um discurso que articula os pesadelos a um quadro de depressão, e, por conseguinte, como esse quadro clínico pode indicar, entre outras coisas, um sentimento de tristeza, tal como é apontado no trecho 24, ao lado de raiva, como o que esteve proporcionalmente mais ligado aos pensamentos oníricos produzidos no decorrer da pandemia de coronavírus.

Sabemos que há na contemporaneidade um determinado sentido naturalizado do termo depressão que, frequentemente, envolve algum grau de abatimento, de debilidade e de enfraquecimento. Contudo, especificamente no tocante à proximidade entre depressão e tristeza, embora esses vocábulos tendam algumas vezes a se confundir, a serem tomados, ocasionalmente, um pelo outro, e essa associação de certa forma já exista desde pelo menos a segunda metade do século XIX — ainda que seu emprego fosse raro —, cumpre destacar que é somente a partir dos anos 1970, época em que a depressão se ofereceu como uma linguagem

para o *mal-estar na civilização*, que essa ligação se tornou mais evidente. “A ‘déprime’ [depressão] (a palavra surgiu do francês no início dos anos 1970) parece até mesmo ter se tornado [...] um dos grandes idiomas de tristeza com os quais é possível dizer o mal-estar” (Castel, 2020, p. 446).

Castel (2020) estabelece um discurso que indica como, no início do século XX, cabia à neurastenia aglutinar uma série de estados complexos de abatimento que envolviam a fraqueza da vontade e a queda da energia. Ainda que o humor triste pudesse acompanhar esse quadro clínico, ele nunca estava em primeiro plano. Com a efervescência da psicanálise no período entreguerras, a neurastenia teria entrado em declínio e, desse modo, a emergência da angústia começa a se impor como paradigma do mal-estar. Com efeito, o afeto precípua de que a psicanálise se ocupava era muito mais a angústia do que necessariamente a depressão. Dessa forma, no chamado período entreguerras, um quadro patológico de angústia, embora pudesse eventualmente ser classificado como depressão, expressava mais as queixas das pessoas relacionadas às obsessões, às inibições, às dúvidas, às culpas e às manias, do que à tristeza. Em suma, o vocábulo da depressão, enquanto humor triste, permanecia em segundo plano.

Nas décadas de 1960 e 1970, assistimos a um relativo declínio da era da angústia e uma assunção do que viria a ser a era da depressão enquanto manifestação do *mal-estar na civilização* e essencialmente vinculada à tristeza. Esse deslocamento está relacionado às novas formas de se isolar e de diagnosticar a depressão e à ideia de que um certo estado de angústia pode ser considerado um afeto tolerável e, até mesmo, salutar. Para bem situar essa questão, alguns homens por essa época teriam começado a tomar *meprobamato*, o primeiro ansiolítico moderno, a fim de manter uma determinada tensão (angústia) psíquica e física que passou a ser valorizada. Em contrapartida, com a utilização de avaliações psicométricas, como a escala da depressão criada nos anos 1960 por Aaron Beck, a descoberta da serotonina, um neurotransmissor relacionado às sensações de satisfação e de bem-estar, somadas aos interesses da indústria farmacêutica, que percebeu como a depressão se mostrou mais facilmente diagnosticável e medicável, essa síndrome se tornaria expressão de um sintoma social contemporâneo (Castel, 2020; Kehl, 2009).

A partir de então, em conformidade com esse discurso, Castel (2020, p. 462) pondera que:

ninguém mais duvida de que a depressão é uma patologia do “humor”: é a tristeza que domina, mesmo quando é associada a essa outra grande expressão do sofrimento moral ligado à fadiga no trabalho, então em plena

expansão: o “estresse”. Contudo, à medida que seu idioma se generaliza, a depressão reabsorve também as figuras antigas da melancolia. Biologizada e desistoricizada pela psiquiatria, a depressão recolhe também todo o conjunto da vilania da condição humana [...].

Mesmo que de uma forma abreviada, conseguimos observar como o termo “depressão” adquiriu um sentido de patologia do humor, na qual a emoção predominante é a “tristeza”. Por conseguinte, com a sintetização da fluoxetina e com o surgimento do Prozac em 1986, remédio visto como uma espécie de ícone *pop*, abre-se uma possibilidade inédita na história da humanidade quanto a ideia de se livrar da tristeza por meio da medicalização. Daí em diante, houve uma escalada proliferante nos diagnósticos de depressão que reabsorveram os sintomas melancólicos e acolheram “também todo o conjunto da vilania da condição humana”.

Em pouco tempo, um discurso proveniente do campo da medicina psiquiátrica reuniu um conjunto de sintomas para fins de diagnóstico para casos de depressão, o que decididamente contribuiu para tornar esse termo mais abarcante e extenso, difuso e impreciso. A despeito da categorização desses estados em sete subtipos<sup>135</sup>, os critérios diagnósticos recomendados por este discurso para se considerar um sujeito depressivo incluem, entre outras condições, humor triste na maior parte do dia; nítida diminuição do prazer em praticamente todas as atividades; perda ou ganho significativo de peso; problemas de insônia ou hipersonia; alterações psicomotoras; sensação de esgotamento e fadiga; sentimentos excessivos e inapropriados de desvalia e culpa; capacidade diminuída para pensar ou se concentrar (indecisão); pensamentos recidivos de morte (DSM-5, 2014).

Essa longa lista de sintomas da depressão praticamente não se esgota, pois ainda se pode incluir, uma vez mais:

tristeza, ansiedade, irritabilidade, medo, insegurança, indecisão, falta de prazer, fadiga, redução da auto-estima e da capacidade de concentração, visão pessimista do futuro, sono e apetite perturbados, queixas físicas variadas, diminuição do apetite sexual, além, evidentemente, desejos suicidas. (Kehl, 2009, p. 54)

Essa enorme variedade de sintomas, passíveis de serem interpretados como índices de estados depressivos, desde que se manifestem no tempo fugaz de duas semanas, em certa medida, representam os efeitos de uma indústria farmacêutica que visa a medicalizar a vida.

---

<sup>135</sup> Transtorno Depressivo Maior, Transtorno Depressivo Persistente (Distímia), Transtorno Disfórico Pré-menstrual, Transtorno Depressivo Induzido por Substância/Medicamento, Transtorno Depressivo Devido a Outra Condição Médica, Outro Transtorno Depressivo Especificado e Transtorno Depressivo Não Especificado (DSM-5, 2014).

Todavia, essa infinidade de alterações afetivas, psicomotoras e cognitivas incluídas entre os indicadores da depressão cria as condições de possibilidade para a emergência de discursos que criticam o exponencial aumento no número de diagnósticos dessa afecção no século XXI. Por essa razão, é possível vislumbrar, na atualidade, uma falência teórica no interior desse discurso procedente da medicina psiquiátrica, uma vez que os diagnósticos de casos de depressão vêm se tornando cada vez mais imprecisos<sup>136</sup>.

Feita essa digressão, acreditamos que estamos em melhores condições de compreender como o termo depressão, materializado no fragmento 23, apesar de ele próprio não ter necessariamente a significação de uma emoção, pode ser associado à tristeza, tal como esse afeto é apontado na passagem 24, como aquele que mais esteve ligado aos sonhos no decorrer da pandemia de Covid-19. Assim, na medida em que a depressão se ofereceu como linguagem do *mal-estar na civilização* contemporânea, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, dificilmente essa afecção, ou antes, esse termo, diante de um acontecimento traumático, ficaria ausente ou seria excluído das produções oníricas e dos discursos a seu respeito. Por sua vez, a própria noção de tristeza, que se constituiu muitas vezes amalgamada à melancolia<sup>137</sup>, ou vista sob uma ótica biologizante como mais uma entre as chamadas emoções básicas, teve suas fases, suas nuances e suas gradações que a singularizam na longa duração histórica.

Enfim, ainda havemos de lembrar que “na psique da pessoa adormecida, uma tendência de afeto — aquilo que denominamos ‘estado de ânimo’ [*Stimmung*] — pode estar contida como elemento dominante e desse modo influir no sonho” (Freud, 2022, p. 535). Talvez isso possa ter ocorrido em manifestações oníricas nas quais o afeto do medo ou o estado depressivo se mostram dominantes. Seja como for, gostaríamos de nos encaminhar para a próxima parte desta tese, onde analisaremos o estado de desamparo.

### 4.3 DESAMPARO

Desamparo, ou estado de desamparo, assim como a emoção do medo associada ao vírus, à contaminação e à doença, e a depressão vista em sua estreiteza com o sentimento de tristeza, é mais um afeto manifesto em relatos de sonhos produzidos durante a pandemia de Covid-19. A alusão a esse afeto foi expressa em um texto da *Revista Cult*, publicado em fevereiro de 2021, bem como em um artigo da *Revista Elle*, veiculado em abril do mesmo

<sup>136</sup> “A partir do momento em que não se sabe mais definir a depressão, mas que se dispõe de antidepressivos eficazes, manejáveis e que agem bem sobre o humor depressivo, seja esse inibido ou ansioso, como definir essa patologia a não ser como aquela que os antidepressivos curam?” (Ehrenberg, 2000 apud Kehl, 2009, p. 55).

<sup>137</sup> Sobre a melancolia, ver Hersant (2020) e Starobinski (2016), entre outros.

ano, e no livro *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*, cujo lançamento também se deu em 2021.

Sem delongas, constatamos que a emergência desses enunciados ocorreu a partir dos resultados preliminares da pesquisa *Sonhos confinados em tempos de pandemia*. De certa maneira, o fato de tais enunciados se formarem predominantemente a partir de um único projeto evidencia o quanto os discursos são raros, ou seja, diante de tudo o que se poderia dizer sobre os sonhos e a sua dimensão afetiva, com base na língua e na lógica, o que efetivamente se materializou e ganhou mais notoriedade foram os postulados de um grupo de pesquisa. Assim, como mostraremos, os fragmentos que extraímos do *corpus* para análise nesta parte da tese, ao apontarem para a frequência do estado de desamparo em relatos de sonhos produzidos durante o surto de coronavírus, tendem a mobilizar o discurso freudiano em suas considerações. Vejamos primeiramente duas dessas ocorrências que, sequencialmente, serão objetos de nossas análises:

(25) Na formação do sonho de Liz sacam-se de uma só vez dois movimentos: certo tratamento do desamparo e um trabalho de luto. O desamparo pode ser compreendido como a condição de estar sem ajuda, auxílio ou proteção. A essa condição convocada e intensificada pela pandemia, o sonho de Liz escreve uma elaboração para tal afeto ao presentificar e pôr para funcionar, regressivamente, algo da mãe/proteção. (Revista Cult, 2021, p. 26).

(26) Sim. A palavra “mãe” apareceu independentemente do gênero dos sonhadores. Tentamos pensar o que isso poderia indicar, e a primeira coisa que fizemos foi correlacionar a frequência da palavra nos relatos de sonhos e nos restos diurnos das pessoas — a gente coletou não apenas os sonhos, como também as associações que as pessoas faziam às suas lembranças dos últimos dias, ou seja, como elas interpretavam o sonho. A palavra “mãe” aparecia com uma frequência muito alta nos sonhos, independentemente de aparecer nos restos diurnos. Não quer dizer que sonhei com minha mãe porque pensei, me preocupei ou conversei com ela no dia anterior. Não foi isso que aconteceu. Então, se a gente retoma aquela relação entre restos diurnos e conteúdos inconscientes, “mãe” mostra a ativação de memórias inconscientes longínquas porque ela (a pessoa) não estava relacionada diretamente aos restos diurnos, às lembranças recentes. Houve alguns elementos extremamente gerais nos sonhos que permitem a gente falar de uma espécie de trauma coletivo que, claro, significa uma coisa muito diferente para uns e outros, a partir da nossa própria história individual, social, do nosso gênero, raça etc. Nossa hipótese é que esse trauma acaba ativando uma memória inconsciente relacionado à “mãe” e sugerindo a extrema situação de desamparo que boa parte das pessoas experimentou. Ou seja, a mãe aparece como uma espécie de paradigma da proteção, do amparo e da segurança

diante de uma situação extrema de desamparo. (Revista Elle, 14/04/2021)

Como podemos observar a partir do excerto 25 e segundo a interpretação realizada pela *Revista Cult*, esse estado de desamparo teria se manifestado “na formação do sonho de Liz”, uma mulher de 26 anos que, durante a pandemia de Covid-19, enviou seu relato aos responsáveis pela pesquisa supracitada. Há uma definição para esse afeto, “O desamparo”, que ocupa o lugar de sujeito determinado nesta oração, “pode[ndo] ser compreendido como a condição de estar sem ajuda, auxílio ou proteção”, ou seja, o predicado verbal, por meio de um paralelismo sintático de substantivos correlatos — ajuda, auxílio ou proteção —, precedidos pela preposição “sem”, indica uma possibilidade de sentido para esse sentimento ao mesmo tempo que reforça a noção de “falta”. Essa emoção, assim definida, que teria sido convocada e intensificada pela pandemia de Covid-19, foi elaborada pela sonhadora “ao presentificar e pôr para funcionar, regressivamente, algo da mãe/proteção”. Nesse sentido, esse discurso mais ou menos aponta que Liz, a sonhadora, sentindo-se desamparada em uma dada experiência onírica nesse íterim da pandemia, teria trabalhado (elaborado) para controlar esse afeto, presentificando um sentimento de “proteção” associado à figura materna.

A associação entre o significante “mãe” e o sentimento de proteção ante o estado de desamparo que teria sido intensificado pela Crise Sanitária Mundial também é mencionada no fragmento 26. Nessa passagem, relativamente longa, é explicado que a frequência da palavra mãe se destacou em relatos de sonhos pandêmicos, independentemente dos chamados “restos diurnos”, ou seja, independentemente de os sonhadores pensarem, se preocuparem ou se encontrarem com suas respectivas “mães” nos dias imediatamente anteriores à experiência do sonho. Desse modo, a *Revista Elle* sugere que, em função de um acontecimento traumático, como o ocasionado pela pandemia de coronavírus, é ativada uma memória inconsciente na qual a metáfora da mãe, por assim dizer, emerge como um modelo de proteção, de amparo e de segurança diante de uma circunstância “extrema de desamparo”.

Esse registro do sentimento de desamparo, materializado nos excertos 25 e 26, como dissemos há pouco, remete ao discurso freudiano. Essa vinculação pode ser explicada tanto pelo fato de conhecermos a pesquisa de base que cria as condições de possibilidade de sua formação-formulação, quanto pelas marcas presentes nos fragmentos, como “formação do sonho” e “elaboração”, “restos diurnos” e “conteúdos inconscientes”. Dessa forma, o termo desamparo, muito provavelmente, é tomado como um conceito forjado no interior da teoria psicanalítica após os anos 1920.

Contudo, apesar de seu emprego aparecer articulado ao discurso freudiano, essas noções se aproximam, e muito, da simples acepção do termo, visto que a palavra desamparo, um substantivo comum, é uma derivação do verbo amparar, acrescida do prefixo “des”, que indica sua negação. Assim, segundo consta no dicionário etimológico da língua portuguesa, o verbo amparar significa “proteger, sustentar, defender” (Cunha, 2019, p. 34), sendo a sua negação, algo ou alguém que não seja ou esteja protegido, sustentado ou defendido, isto é, que se encontre em estado de des-amparo.

Essa formação lexical do termo desamparo é discutida no interior do próprio discurso psicanalítico, porquanto haveria uma certa confusão concernente ao momento em que esse termo deixa de ser empregado como uma mera palavra e passa a ser utilizado como um conceito no percurso do pensamento freudiano. À vista disso, muitos psicanalistas podem não estar falando da mesma coisa quando mobilizam o termo desamparo, argumenta Birman (1999). Essa confusão não seria apenas uma situação de polissemia, implicando, antes, reconhecer que a palavra “desamparo” é enunciada precocemente no discurso freudiano, mas o conceito “desamparo” é bastante tardio, perfazendo a sua emergência após os anos 1920.

Além disso, essa controvérsia mostra pelo menos duas modalidades de leitura do discurso freudiano, ou seja, evidencia um relativo conflito entre duas posições. A primeira, pautada na ideia de continuidade, acredita que a simples menção à palavra desamparo na obra de Freud antes dos anos 1920 já representa um indício ou o próprio conceito de desamparo. A segunda, relacionada à noção de descontinuidade, crê que esse discurso “[...] não se apresentou nem se enunciou sempre da mesma maneira, mas se caracterizou por inflexões, rupturas, pontuações e transformações radicais ao longo do processo” (Birman, 1999, p. 13).

Longe de pretendermos aprofundar essa discussão que ainda hoje se apresenta no horizonte do discurso psicanalítico<sup>138</sup> em torno da palavra e do conceito, tendemos a subscrever a posição assumida por Birman quanto à noção de “descontinuidade” do discurso freudiano e, por extensão, quanto à ideia de que a emergência do conceito de desamparo só surge claramente em Freud após os anos 1920. Assim, o estado de desamparo, como indicado nos trechos 25 e 26, aponta para uma condição originária do sujeito que, por sua prematuridade biológica, viria ao mundo despreparado, impotente para realizar qualquer ação específica e sem condições de se manter vivo, logo, completamente dependente de outrem para a satisfação de suas necessidades básicas.

---

<sup>138</sup> A título de exemplo, um artigo denominado “O desamparo em Freud e a política como ruptura dos possíveis”, publicado pelo periódico *Psicologia USP*, volume 35, em 2024, não faz nenhuma distinção do termo desamparo manifesto no discurso freudiano, tomando o registro dessa palavra em qualquer parte da obra freudiana como conceito.

Não obstante, sob uma perspectiva econômica do aparelho psíquico, esse discurso freudiano ainda pressupõe que o estado de desamparo revelaria a dispersão pulsional primária do sujeito e sua falta de instrumentos de controle das excitações que, necessariamente, precisariam ser agenciadas pelo outro. Esse outro, muitas vezes identificado com a figura materna e/ou com a “mãe/proteção”, a exemplo dos discursos sobre sonhos descritos e interpretados nesta seção, desde que admitamos que essa figura equivale a uma função que pode ser exercida por qualquer sujeito, realizaria um trabalho de conjunção entre a força da pulsão<sup>139</sup>, o objeto de satisfação e a representação do mundo.

De passagem, gostaríamos de acrescentar que o estado de desamparo também envolve uma ausência de pertencimento, domínio e compreensão da dimensão simbólica, na medida em que o ser humano, muito precocemente, se encontra em uma condição de impotência na qual “[...] as palavras, a linguagem, lhe serviram de apelo, e de apelo dos mais miseráveis, quando era dos seus gritos que dependia sua comida. Já se colocou essa maternagem primitiva em relação com os estados de dependência” (Lacan, 1986, p. 182).

A partir dessas perspectivas teóricas manifestas por tais interpretações e derivações do discurso freudiano, a vida não seria inerente ao vivente prematuro e incapaz ou ao adulto diante de um acontecimento traumático causado por um agente patógeno invisível e indizível, mas oferecida pelo outro, no caso, uma “mãe”, como a que é evocada em relatos de sonhos produzidos durante a pandemia, capaz de oferecer amparo, proteção e segurança. Conforme argumenta Birman (1999, p. 25):

o sujeito se constitui pelo trabalho do outro, pela mediação de uma dependência da qual jamais se libertará. Isso porque mesmo que posteriormente o sujeito se torne possuidor de instrumentos para manejar melhor o excesso produzido pelas excitações, inexistentes nas suas origens, relativizando, pois, a sua absoluta dependência do outro, o fato de que a força pulsional seja uma força constante e contínua recoloca o sujeito na condição de desamparo fundamental e de dependência ao outro. Portanto, o desamparo e a dependência humana em relação ao outro se reproduzem posteriormente, ao longo da existência humana, em função mesmo de que a força pulsional, enquanto exigência de trabalho, se impõe permanentemente e passa pelo outro para que possa ser dominada, constituindo destinos erógenos.

Como podemos ver, esse discurso considera que, diante da inaptidão vital para a vida, resultante da prematuridade biológica que impossibilita o manejo minimamente satisfatório

---

<sup>139</sup> A pulsão é um conceito complexo discutido por Freud a partir do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e presente em praticamente toda a sua obra. Vista como uma força dinâmica e constante, que faz com que o organismo tenda para um objetivo, ela foi teorizada primeiramente sobre o dualismo entre “pulsões sexuais” e “pulsões de autoconservação”, sendo que, a partir do texto “Além do princípio do prazer”, Freud introduz as noções de “pulsões de vida” e “pulsões de morte” (Laplanche; Pontalis, 2001).

do excesso de excitações geradas pelas pulsões, o sujeito precisaria do outro como condição *sine qua non* para a sua sobrevivência. Essa dependência absoluta do outro não seria apenas temporária, ou seja, tenderia a não desaparecer com o passar dos anos, pois, na medida em que a força pulsional é constante e contínua, o sujeito se mantém em um estado de desamparo e de dependência ao longo de toda a sua existência, podendo esse estado se agravar diante da irrupção de um acontecimento traumático.

O estado de desamparo, manifesto em sonhos pandêmicos, ainda pode ser observado, conforme mencionamos anteriormente, em um trecho da obra *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*.

(27) Desse modo, observamos que os sonhos com figuras políticas coletados pela pesquisa, aqui organizadas nessas três séries de narrativas oníricas, compõem relações de oposição entre o par sonhador e figura política, tipificando três modelos de sofrimento articulados cada um a um conjunto de conflitos públicos: a) desamparo, diante das diferentes estratégias de gestão para a crise sanitária; b) temor, frente à fragilidade democrática e às ameaças autoritárias; e (c) impotência, pelas incapacidades de diálogo político e de participação comunitária nas esferas públicas de poder. (Dunker et al., 2021b, p. 217)

Nesse excerto, o enunciador, marcado pelo pronome de primeira pessoa do plural “nós” (exclusivo), argumenta que ele e, provavelmente, outros pesquisadores do seu grupo de pesquisa observaram a manifestação de figuras políticas em relatos de sonhos coletados pela pesquisa *Sonhos confinados em tempos de pandemia*. A presença dessas personagens, que já foram objeto de nossas análises no capítulo “Fenômeno onírico e dimensão política”, teria exposto certas tensões, divergências e oposições entre o sujeito sonhador e o conteúdo e/ou as figuras políticas que frequentaram os sonhos produzidos ante a ocorrência de eventos conexos que, recordemos, conjugou uma Crise Sanitária Mundial e um governo de extrema-direita em pleno controle do Estado brasileiro.

Além disso, esse discurso tipifica “três modelos de sofrimento articulados cada um a um conjunto de conflitos públicos”. Os afetos mencionados são: “desamparo”, “temor” e “impotência”. Em comum, observamos que essas emoções estão intimamente relacionadas entre si e interligadas à exterioridade, ou seja, ao contexto histórico, político e social, na medida em que elas se correlacionam, respectivamente, com a gestão da crise sanitária, com as ameaças autoritárias e com as relações de poder.

No que tange ao estado de desamparo, especificamente, observamos nessa passagem um seu relativo desdobramento, pois a “falta” de amparo, proteção e segurança aponta para

uma relação de “efeito”, em função de uma “causa” associada às instituições que traçaram “diferentes estratégias de gestão para a crise sanitária”. Essas “diferentes estratégias” se referem ao cenário pandêmico, no qual Governo Federal, Governos Estaduais e Municipais assumiram posições opostas e propagaram discursos que apresentavam diretrizes contraditórias, conflitantes e incompatíveis. Assim, a noção de desamparo materializada no fragmento 27, apesar de não contornar completamente uma ideia central presente no discurso freudiano, relativa à dependência inconsciente e absoluta de outrem, ao constatar que essa dependência está mais relacionada a uma dimensão política do que propriamente à mãe/proteção, esboça um deslocamento em relação aos sentidos de desamparo reproduzidos nos excertos 25 e 26.

Em suma, observamos que a emergência de enunciados indicando o estado de desamparo manifesto em relatos de sonhos pandêmicos se constitui a partir do projeto *Sonhos confinados em tempos de pandemia*. Por essa razão, bem como devido às marcas enunciativas materializadas nos fragmentos extraídos do *corpus* para análise, constatamos que esse sentimento está relacionado ao discurso freudiano. De acordo com esse discurso, a noção de desamparo diz respeito a uma condição originária do sujeito que seria radicalmente dependente de outrem, seja ele prematuro e incapaz, seja adulto e supostamente independente. Assim, a despeito da dispersão aparente desses enunciados e da discussão sobre em que momento o termo “desamparo”, no interior da obra de Freud, deixa de ser empregado como uma simples “palavra” e passa a designar um “conceito”, essa emoção, evidenciada em experiências oníricas de alguns sujeitos teria se intensificado durante a Crise Sanitária Mundial e despertado uma sensação de estar sem “ajuda, auxílio ou proteção”. Por conseguinte, a elaboração desse afeto teria ocorrido com a retomada de uma memória inconsciente responsável pela associação entre o significante “mãe” e os sentimentos de “proteção, amparo e segurança”.

Destacamos ainda um discurso que provoca um relativo deslocamento nessa noção de desamparo ao vincular esse termo à exterioridade, ou seja, ao vinculá-lo aos consensos e conflitos históricos, políticos e sociais em torno da gestão da pandemia. Enfim, após essas considerações acerca da materialização do sentimento de desamparo, nos encaminharemos para a última seção desta tese, na qual abordaremos a inscrição da esperança em discursos sobre sonhos pandêmicos.

#### 4.4 ESPERANÇA

Um discurso antigo nos diz que laivos de esperança, mesmo diante dos males, dos infortúnios e das calamidades da vida, costumam não abandonar inteiramente os seres humanos. No conhecido mito de Pandora, cantado por Hesíodo, esse discurso mais ou menos se materializa. Segundo uma versão dessa história, por ordem de Zeus, Hefesto e Atena teriam concebido Pandora, a primeira mulher com uma imagem semelhante à das deusas imortais e com certos dons recebidos de outros deuses, como a beleza, a graça, a aptidão manual, o engenho em persuadir, entre outras qualidades (Grimal, 2005). O objetivo de Zeus era punir a raça humana, devido à aquisição do fogo divino a que essa espécie teve acesso mediante um presente ofertado por Prometeu (o que vê antes). Assim, Pandora foi enviada como regalo de núpcias ao seu irmão Epimeteu (o que vê depois) que, a despeito da advertência de Prometeu quanto à recusa de qualquer oferta de Zeus, foi seduzido por sua beleza e a tomou como esposa. Na casa de Epimeteu havia um vaso<sup>140</sup>, coberto por uma tampa, que guardava todos os tipos de “males” capazes de provocar as mais variadas desgraças. Pandora, em função de sua curiosidade desenfreada, “[...] levantou a tampa do recipiente, e todos os males se espalharam sobre a humanidade. Somente a esperança, que estava no fundo, ficou, por não conseguir sair antes de Pandora voltar e colocar a tampa no vaso” (Grimal, 2005, p. 354).

Uma leitura desse mito aponta, por um lado, para o que acabamos de mencionar, isto é, sejam quais forem os tormentos da vida, como, por exemplo, a conjunção entre um acontecimento traumático causado por uma pandemia e um governo com fortes tendências autoritárias, a esperança tenderia a não abandonar inteiramente a humanidade. Por outro, existe uma certa ambiguidade acerca do mito de Pandora, pois, se a esperança é um dos males existentes no vaso de Epimeteu, senão o único mal que não escapou, ao invés de ser vista como capaz de consolar os seres humanos com expectativas auspiciosas, ela poderia ser compreendida como uma espécie de ilusão, uma espera vã que se esquiva do momento presente e prolonga o sofrimento. Como argumenta Eagleton (2023, p. 65), “vista por esse prisma, a esperança é um fetichismo do futuro que reduz o passado a um grande prólogo e o presente a uma simples expectativa vazia”.

De modo geral, havia um discurso na Antiguidade que considerava a esperança mais uma desgraça do que uma graça. Eurípedes, por exemplo, a teria concebido como uma maldição sobre a humanidade, enquanto Platão, em seu *Timeu*, acreditava que ela poderia nos conduzir ao erro (Eagleton, 2023). Nos primeiros séculos da era cristã, “os antigos estoicos [...] consideravam que a esperança continha tanto a dependência como a incompletude, e,

---

<sup>140</sup> Ou uma caixa, conforme versões mais recentes e talvez mais conhecidas desse mito.

portanto, a encaravam com desconfiança” (Eagleton, 2023, p. 98). Apesar dessa suspeita, talvez pelo fato de ela ser uma das três virtudes cardinais da religião cristã<sup>141</sup>, durante a Idade Média, ao que tudo indica, desenvolveu-se uma expressão inédita desse sentimento que, voltado para a salvação, teria funcionado, ao lado do medo, como o principal recurso de conversão dos povos “bárbaros” ao cristianismo (Dumézil, 2020). Nesse sentido, alguns séculos depois, Tomás de Aquino dirá que a esperança precisa ser árdua e que seu objeto necessariamente precisa ser difícil de alcançar, visto que ela “[...] é um movimento ou uma amplificação do desejo na direção de um bem difícil” (Aquino<sup>142</sup> apud Eagleton, 2023, p. 73). Esse discurso da esperança, formado na Idade Média, fundamentaria muitos movimentos milenaristas e messiânicos que se desenvolveram na longa duração, em busca, justamente, da salvação iminente, total e milagrosa (Burke, 2012).

Discursos a seu respeito produzidos na modernidade apontam, como na Antiguidade, para um relativo ceticismo em relação a esse afeto. Para muitos pensadores, poetas, ensaístas e filósofos, a esperança seria uma miragem, uma ilusão, uma mentira vital que, em muitos casos, afastaria os sujeitos das lições da experiência, colocando-os à mercê de um objetivo quimérico atrás do outro (Eagleton, 2023). Nietzsche, por exemplo, em uma passagem bastante conhecida na qual ele analisa o sentimento de esperança atrelado ao mito de Pandora, argumenta que “Zeus quis que os homens, por mais torturados que fossem pelos outros males, não rejeitassem a vida, mas continuassem a se deixar torturar. Para isso lhes deu a esperança: ela é na verdade o pior dos males, pois prolonga o suplício dos homens” (Nietzsche, 2000, p. 63-64). Mesmo grandes movimentos seculares de esperança, marcados por circunstâncias de euforia coletiva que reverberam e canalizam expectativas crescentes, como o processo de Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa, costumam não durar muito (Burke, 2012).

Na contemporaneidade, independentemente da força, do funcionamento e da persistência de diversos discursos derivados de noções iluministas quanto à razão, à liberdade, à ciência, à educação e ao progresso, as duas Guerras Mundiais do século XX, a experiência dos campos de concentração e as bombas de Hiroshima e Nagasaki teriam promovido uma ruptura — ainda que momentânea — com esses enunciados que idealizaram um futuro mais ameno para a humanidade.

Já no século XXI, particularizando o caso brasileiro, especificamente quando a emergência da pandemia de Covid-19 se apresentou como uma catástrofe sanitária mundial

---

<sup>141</sup> Fé, Esperança e Caridade.

<sup>142</sup> AQUINO, Tomás de (Santo Tomás de Aquino). *Summa theologiae*. v. 33. Londres: Martinus Nijhoof, 1966.

capaz de flagelar muitas comunidades, diversos discursos tematizaram a esperança em nosso país. A título de exemplo, o cardeal Dom Odilo Pedro Scherer publicou um texto em dezembro de 2020 no jornal Estadão, cujo título dizia “A esperança não morreu” (Scherer, 2020). A OMS teria enunciado, segundo uma reportagem do mesmo jornal, que “A pandemia não acabou, mas há esperança” (Estadão, 2022). A então presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Nísia Trindade, por ocasião do recebimento de 2 milhões de doses da vacina AstraZeneca/Oxford, aclamou que “Vacina é esperança que vem da ciência e do SUS” (Campbell, 2021). O termo esperança ainda foi escolhido pelos brasileiros como a palavra do ano em 2022 (G1, 2022) e, além disso, lembremos que o slogan de campanha eleitoral daquele ano para presidente da república da chapa Lula-Alckmin foi “Brasil da Esperança”.

Em que pese a heterogeneidade de posições discursivas que empregaram esse termo, dada essa frequência da palavra esperança em enunciados produzidos durante a Crise Sanitária Mundial, certos discursos sobre sonhos, concebidos sob as mesmas condições de produção, também materializaram esse sentimento. A esperança, que como qualquer outra emoção tem história, ou seja, varia conforme a época, de lugar para lugar e de um grupo social para outro, apesar de não ser um afeto predominante em relatos de sonhos, foi mencionada de forma explícita ou implícita em alguns textos do nosso *corpus* de análise e no projeto *Inventário de sonhos*. Assim, analisaremos a seguir um exemplo de enunciado que, ao se referir aos pensamentos oníricos na pandemia, convoca essa emoção. O fragmento em questão consta de um artigo, intitulado “O que sonhamos quando nosso sonho é sobre a Covid-19”, publicado no final de 2020 no Estadão:

(28) E havia também injeções periódicas de esperança. Em resumo, os estudos sugerem que sonhar não atende apenas um único propósito, mas muitos. Para os que sonham diariamente durante a pandemia basta saber que os pesadelos com a covid-19, como outros, tendem a ser exagerados. (Estadão, 24/10/2020).

Nessa passagem, a conjunção aditiva “e” no início da primeira oração, que liga esse período aos anteriores, e obviamente a formulação em sua totalidade, sugerem que as experiências oníricas durante a pandemia possivelmente foram dominadas por “pesadelos com a covid-19”. De fato, já tivemos a oportunidade de destacar em seções precedentes o quanto determinados discursos reconhecem a tendência desse tipo de sonho a se intensificar diante de acontecimentos traumáticos. Contudo, esse discurso em especial produz um deslocamento ao reconhecer que o sentimento de esperança manifesto em sonhos pandêmicos foram mais ou menos regulares. O verbo “haver”, conjugado na terceira pessoa do singular no

pretérito imperfeito do indicativo, complementado e/ou modificado pelo advérbio de inclusão “também”, indica a ocorrência de pensamentos oníricos que, mesmo aparentemente se enquadrando na categoria de pesadelos, funcionariam como “injeções periódicas de esperança”.

O sentimento de esperança que esse discurso identifica em relatos de sonhos não seria uma mera ilusão, uma certeza infundada ou uma espécie de autoengano, na medida em que há, nesse excerto, pelo menos duas justificativas lógicas. A primeira aponta para as múltiplas utilidades que os sonhos podem exercer, isto é, para o fato de que eles não “atendem um único propósito”, ao passo que a segunda expõe a tendência de alguns de seus conteúdos “a ser exagerados”.

Nesse ponto, esse discurso expõe que a materialização do sentimento de esperança em narrativas oníricas se deve menos às sequências de imagens que modelam seu conteúdo do que aos aspectos teóricos relativos à sua função e formação. Em outras palavras, apesar da irreprimível ocorrência de pesadelos intensos, disformes e angustiantes, o sentimento de esperança poderia ser considerado, visto que uma das possíveis funções do sonho, conforme, por exemplo, um discurso formado no interior das neurociências, seria a de alertar o sonhador contra iminentes perigos, suscetíveis de serem evitados na vida em vigília, e habilitá-lo com roteiros de ação.

No que diz respeito ao tom hiperbólico presente na formação dos sonhos, observamos nessa afirmação um certo rebaixamento dos fenômenos oníricos, por sua inclinação ao “exagero”. Com efeito, esse relativo descrédito atribuído aos sonhos, que de certa forma mobiliza discursos que enxergam as experiências oníricas como obscuras e inescrutáveis, discursos esses refutados por Freud (2022) a partir da explicação do papel desempenhado pela censura na distorção (formação) desses fenômenos, seria um fator determinante para a manifestação do sentimento de esperança em sonhos pandêmicos.

Referências ao sentimento de esperança ainda foram observadas, como apontamos acima, no projeto *Inventário de sonhos*. A coleta de narrativas oníricas realizada por esse projeto começou no início de 2020, período em que a Crise Sanitária Mundial já emitia sinais de que poderia afligir o Brasil e o mundo de modo devastador. Precisamente, a manifestação da esperança que reproduziremos e sobre a qual teceremos alguns comentários a seguir se materializou nas associações que os sujeitos que relataram seus sonhos foram convocados a fazer. Consideremos algumas ocorrências retiradas do arquivo produzido por esse projeto que atualmente se encontra integrado ao acervo do Museu das Memórias (*In*)Possíveis:

(29) Consegui pensar sobre a necessidade de segurança, a esperança de que as coisas se normalizem logo, o medo de contaminação, sobretudo a partir de utensílios que temos muito contato e que colocamos na boca, a raiva de opiniões contrárias que fica exacerbada nesse momento, além do medo dinte do desconhecido. (MMI.IS.0015)

(30) Associei com o momento em que vivemos e que temos que ficar fechados, emoldurados pelos vidros das janelas, mas que mesmo sem a convivência e a proximidade com nossos afetos seguiremos vivos. Que há esperança na vida. (MMI.IS.0156)

(31) A caderneta de vacinação é a esperança que se encontre uma vacina para o Covid, e que esta poderia ser encontrada nos EUA país com perspectiva de ter o maior número de mortos durante a pandemia. (MMI.IS.0494)<sup>143</sup>

Essas três passagens, produzidas no primeiro semestre de 2020, estão catalogadas como sonhos de adultos. A passagem 29 é uma associação feita a um sonho identificado como “Esperança”, por uma mulher de trinta e um anos da cidade de São Paulo. O fragmento 30 é outra associação, atribuída a outro sonho denominado como “Vaso sem água e flores”, realizada por uma sonhadora de sessenta e seis anos do Vale do Paranhana, Rio Grande do Sul. Já o excerto 31, cujo título do sonho ao qual ele está ligado é “Caderneta de vacinação”, foi produzido por um homem de cinquenta e sete anos, residente em Fortaleza.

No trecho 29, se observarmos todo o período, mas nos concentrarmos na oração em que a palavra esperança se materializa, veremos que, em meio aos afetos de insegurança, medo e raiva, evocados pela associação ao pensamento onírico em foco, o sentimento de “esperança” se manifesta como uma espécie de desejo “de que as coisas se normalizem logo”. Isso porque, sintaticamente, o sintagma nominal “a esperança” recebe seu complemento, que visa a lhe atribuir um sentido, da oração subordinada substantiva completiva — que as coisas se normalizem logo. Essa formulação, ao utilizar o verbo normalizar na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo (normalizem), mobiliza um discurso que tende a qualificar o sentimento de esperança como incerto, impreciso e duvidoso. Apesar disso, o advérbio de tempo “logo” indica a urgência com a qual a expectativa depositada no futuro aspira que as coisas voltem a ser como eram no passado. Nesse sentido, se a esperança que se nutre é a de

---

<sup>143</sup> Deixamos aqui nossos sinceros agradecimentos à Professora Luciana Nogueira, pela indicação do arquivo de relatos de sonhos pandêmicos reunido e exposto no Museu das Memórias (*In*)Possíveis. Ademais, esclarecemos que optamos por manter a grafia original e em identificar as passagens 29, 30 e 31, tal qual os códigos atribuídos a elas pelos organizadores da mostra *Inventário de Sonhos*. Para mais informações, conferir: [https://museu.apoa.org.br/acervo/inventario-dos-sonhos/?perpage=12&view\\_mode=masonry&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch\\_only=thumbnail%2Ccreation\\_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch\\_only\\_meta=](https://museu.apoa.org.br/acervo/inventario-dos-sonhos/?perpage=12&view_mode=masonry&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=). Acesso em: 11 mar. 2025.

que as coisas se normalizem, de preferência o mais rápido possível, pressupõe-se que existia uma norma antes da pandemia que necessariamente deve ser retomada.

Na passagem 30, o enunciado “que há esperança na vida”, mesmo diante de uma conjuntura extremamente adversa, como a provocada pela pandemia de Covid-19, apesar de funcionar como uma espécie de axioma, uma premissa considerada evidente e verdadeira, ao não apresentar nenhuma garantia de que essa afirmação é factível, também mobiliza um discurso que aponta para um sentido da esperança muito próximo ao desejo. Notemos que esse fragmento, semelhante ao trecho analisado acima, carece de quaisquer argumentos que poderiam tornar essa afirmação mais razoável e, por extensão, aumentar o grau de confiança em sua concretização. Resta dizer que, segundo um discurso psicológico da esperança, a confiança na vida é derivada de memórias infantis de segurança e felicidade (Burke, 2012).

Evidentemente, digamos de passagem, não há um abismo separando de forma absoluta esperança e desejo, de tal maneira que uma definição que o dicionário Houaiss postula para o primeiro termo necessariamente envolve o segundo. Assim, a esperança é especificada como um “sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja” (Houaiss, 2024). Contudo, certos discursos, como destaca Eagleton (2023), tendem a estabelecer algumas distinções. Por exemplo, o desejo quase sempre está relacionado a um “objeto”, ainda que esse objeto seja irreal, fruto da fantasia, enquanto o objetivo da esperança envolveria um estado de coisas. Existe a possibilidade de se desejar o que já se tem, mas não é possível ter esperança por algo que já se adquiriu. Ademais, esperança e desejo podem estar mutuamente em desacordo quando um sujeito demonstra esperança por algo conscientemente e, não obstante, alimenta uma aversão inconsciente àquilo. Seja como for, “na maioria das vezes, tanto a esperança como o desejo olham para o futuro, por serem direcionados para alcançar coisas que não existem no momento” (Eagleton, 2023, p. 74-75).

No caso das associações aos sonhos produzidas durante a pandemia de coronavírus, sobre as quais fazemos alguns comentários aqui, sobretudo a passagem 29, observamos como o sentimento de esperança materializado nesse enunciado se justapõe ao desejo de que um estado de coisas volte ao normal.

A emergência do sentimento de esperança, como é possível ver no excerto 31, ainda se manifestou interligada à perspectiva de se desenvolver uma vacina contra a Covid-19 nos Estados Unidos. Essa inscrição da esperança, motivada por um sonho ocorrido no primeiro semestre de 2020, mais precisamente, no dia 14 de abril de 2020, está mais ou menos relacionada com aquilo que Aristóteles distingue como desejo racional (Eagleton, 2023), na medida em que a expectativa em relação ao futuro remete a algo concebido pela razão e com

probabilidades sinceras de ser alcançável. A despeito de a vacinação ter se iniciado no Reino Unido e nos Estados Unidos apenas no fim de 2020, e no Brasil, ao menos no Estado de São Paulo, em janeiro de 2021, desde o início da Crise Sanitária Mundial, circulava um discurso em nosso país que evidenciava a eficácia das vacinas na longa duração, a trajetória consolidada do Programa Nacional de Imunização e a possibilidade de a pandemia de coronavírus ser controlada através do desenvolvimento de uma vacina.

Além disso, esse sentimento de esperança na vacina, vista como solução para a Crise Sanitária Mundial, marca a posição discursiva do sujeito enunciatador, uma vez que a discussão acerca da imunização em nosso país se transformou e, ao mesmo tempo, intensificou certas disputas ideológicas. *Grosso modo*, por um lado, tínhamos um discurso antivacina que ganhou força durante a pandemia de Covid-19 e estava ligado ao espectro político da extrema-direita. Esse discurso, por meio de uma série de notícias falsas, propagava que as vacinas eram ineficazes e inseguras, defendia que o ato de se imunizar deveria ser individual e promovia uma certa ruptura política, institucional e técnica no enfrentamento à doença. Por outro, havia um discurso alinhado às evidências científicas, assumido pelo campo progressista e difundido principalmente por institutos de pesquisa e agências vinculadas à área da saúde, o qual destacava a segurança das vacinas e a sua importância na erradicação de algumas doenças na longa duração, enfatizava que o ato de se vacinar era estritamente necessário para a proteção individual e coletiva e sustentava a ideia de uma política nacional e integrada no combate à emergência sanitária. Evidentemente, a passagem 31 não dá margem para dúvidas quanto à posição progressista, por assim dizer, que o sujeito enunciatador desse discurso assume ao produzir uma associação para o seu sonho na qual a expectativa em relação ao futuro está intimamente relacionada à esperança de que se encontre uma vacina para a Covid-19.

Em suma, o sentimento de esperança materializado em determinados discursos sobre sonhos pandêmicos está ligado a um relativo rebaixamento da própria experiência do sonhar. Como vimos em nossas análises discursivas, pelo fato de o fenômeno onírico não se limitar a uma única função e apresentar uma tendência ao exagero, a esperança pode ser concebida mesmo diante de terríveis pesadelos. Outros enunciados, ou seja, outras associações feitas em relação aos relatos oníricos reportados ao projeto *Inventário de sonhos*, materializam um discurso que mostra uma certa articulação entre esperança e desejo que tanto possibilitou olhar para o futuro com uma expectativa de retomada do passado, quanto funcionou como uma premissa verdadeira ao depositar uma esperança absoluta na vida. Além disso, vimos

como um discurso, produzido a partir do campo progressista, relacionou o fenômeno onírico ao sentimento de esperança quanto ao desenvolvimento de uma vacina contra a Covid-19.

Com estas descrições e interpretações realizadas neste quarto e último capítulo, com as quais objetivamos analisar certos discursos sobre sonhos pandêmicos em suas relações com o medo, a depressão, o desespero e a esperança, “concluimos” esta tese e nos encaminhamos para as considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já disseram que o momento de se concluir uma análise é mais ou menos marcado por uma espécie de asserção antecipada, a qual, devido a certos pontos incomensuráveis que frequentemente ficam pelo caminho, não equivale às pretensas garantias de que os resultados sejam satisfatórios. Entretanto, reiteradamente nos vemos às voltas com essa injunção às conclusões em diferentes circunstâncias da vida e nos mais variados assuntos, projetos e pesquisas. No caso desta tese, não é diferente, porquanto é chegada a parte em que necessariamente temos que concluir nossas descrições e interpretações acerca de discursos sobre sonhos materializados durante a pandemia de Covid-19.

Importante elucidar que o tema dos sonhos nos foi apresentado e/ou tomado enquanto objeto de análise durante a graduação em psicologia. Nesse período, mais precisamente no decorrer da segunda década desse nosso século, nós desenvolvemos uma pesquisa na Universidade Federal do Amazonas — UFAM, no âmbito da iniciação científica, em que buscamos interpretar os sonhos de adolescentes matriculados em escolas públicas da cidade de Manaus para melhor compreender quais eram seus desejos inconscientes e verificar a atualidade, a validade e o alcance da teoria psicanalítica acerca da interpretação dos fenômenos oníricos. O tema dos sonhos ainda foi investigado por nós durante o mestrado, realizado na mesma instituição de ensino superior no Programa de Pós-Graduação em Letras. Em nossa dissertação, intitulada “Histórias de vida e experiências alucinatórias de posições subjetivas: interações entre análise do discurso e psicanálise”, além de interpretarmos as manifestações oníricas de estudantes adultos matriculados na EJA (Educação de Jovens e Adultos), buscamos articular, em nossas considerações, a intersecção complexa entre a Análise do discurso e a psicanálise. Enfim, no doutorado, concentramos nossos esforços na descrição e interpretação de discursos sobre sonhos.

Assim, retomando algo de que já tratamos, a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, seguramente a maior crise sanitária da história recente da humanidade, foi decretada pela OMS em 11 de março de 2020, sendo seu fim, segundo a mesma instituição, datado de 05 de maio de 2023. A despeito de essas datas não serem absolutas, tampouco reconhecidas e legitimadas por todos os países impactados pelo vírus (SARS-CoV-2), e em que pese o fato de esse agente patógeno atualmente continuar vitimando um número considerável de sujeitos ao redor do mundo, essa periodização serve, ao menos, de referência para a inscrição desse acontecimento na história.

Além do mais, acreditamos que esse trauma individual e coletivo ainda se encontra bem conservado em nossas memórias. Isso ocorre em função da pouca distância desse acontecimento e em razão dos profundos impactos por ele suscitados nas classes, nos grupos e nos sujeitos que, não bastasse uma pertinaz atemorização à vida causada por um ser invisível, tiveram que lidar com a ascensão de um governo de extrema-direita, o qual, diga-se de passagem, atuou despidoradamente, em diferentes ocasiões, mais em favor da chamada “imunidade de rebanho” e, por extensão, da morte dos mais vulneráveis entre a população brasileira, do que propriamente buscou preservar a vida, adotando, por exemplo, ações eficazes previstas pelo discurso científico no combate à disseminação do vírus.

Essa conjunção de acontecimentos traumáticos, a saber, o advento concomitante de uma Crise Sanitária Mundial e de um Governo de extrema-direita, possibilitou a emergência de enunciados dispersos sobre fenômenos oníricos. Assim, diante de uma série de discursos que se constituíram sobre esse objeto, empreendemos este estudo que estipulou como objetivos identificar, selecionar, descrever e interpretar discursos sobre sonhos produzidos em diferentes condições históricas de produção, de modo geral, e analisar, de modo específico, discursos sobre sonhos que foram produzidos e/ou circularam no Brasil durante a pandemia de Covid-19, em suas relações com as emoções.

Dessa forma, tendo em vista nossos objetivos e o trajeto até aqui percorrido, pudemos constatar que, embora determinados discursos sobre sonhos apontem para a atemporalidade e para a universalidade ligadas a esse fenômeno, muitos outros evidenciam que a experiência do sonhar, o relato onírico e a forma como os sonhos foram interpretados variam no tempo, de lugar para lugar e de um grupo social para outro. Em outras palavras, depreendemos que existe mais ou menos um consenso que atravessa diferentes campos do saber quanto à noção de que todos os seres humanos sonham desde os tempos mais longínquos, mas seria um erro imaginar que sua importância, função e objetivo tenham sido concebidos da mesma forma.

Na longa duração histórica, por exemplo, sublinhamos como certos discursos sobre sonhos produzidos na Antiguidade reservaram um lugar de destaque à experiência onírica, seja porque as visões noturnas eram apreendidas como presságios do futuro e, por isso, representavam um canal privilegiado de comunicação entre os Deuses e os homens, seja por estar relacionada ao cuidado de si, revelar um modo de existência e transmitir uma verdade das/às pessoas que viviam nesse período. Nossas análises ainda distinguiram como o fenômeno onírico foi associado às práticas de incubação e, posteriormente, deslocado e relacionado ao estado fisiológico do sujeito, passando a ser reconhecido como válido na prevenção, no diagnóstico e no tratamento de algumas doenças pelo incipiente campo da

medicina. Além disso, destacamos um discurso que promove uma ruptura com a ideia de que os sonhos têm uma causa divina, sinalizamos também uma ambiguidade, manifesta em muitos discursos, quanto aos sonhos significativos ou não-significativos, que se realizam ou que enganam, verdadeiros ou falsos, e mostramos um crescente interesse pela *oniocrítica*, técnica de interpretação de sonhos ligada a uma categoria de intérpretes especializados, cujos ecos ainda hoje ressoam.

Na Idade Média, período vasto da história Ocidental no qual o poder estava concentrado, sobretudo, nas “mãos” da Instituição Religiosa Católica, refletimos a respeito da forma como os eruditos cristãos, herdeiros da cultura greco-romana, geriram as manifestações oníricas e as suas interpretações. Comentamos, em especial, como certos discursos materializaram uma noção de que os sonhos naquela época foram tratados, primeiramente, como um fenômeno interessante, em seguida, como algo incerto e, finalmente, como uma manifestação digna de desconfiança. Certamente, concorreram para essas transformações o aumento de poder alcançado pela Igreja Católica que, uma vez assumindo o controle quase absoluto de todas as questões relativas à terra e ao céu, passou a recusar algumas explicações e a questionar, por exemplo, a falta de critérios que permitissem reconhecer e separar os sonhos verdadeiros dos falsos, a impossibilidade de se discernir a sua origem, a deferência atribuída a eles pelos “hereges” e a entrada do Diabo na cena onírica. Dentro em pouco, a censura e o controle sobre discursos antigos se ampliaram, as práticas pagãs ligadas à interpretação declinaram e uma nova ordem se impôs, qual seja um discurso constituído no seio da Igreja dominante que visou a restringir — senão a banir do horizonte cristão — a interpretação dos sonhos. Nesse ínterim, a autoridade eclesiástica afirmou que o futuro a Deus pertence, assinalou que a verdade está nas escrituras e interditou o contato direto com o criador do universo.

Já na Idade Moderna, nossas análises distinguiram ao menos dois discursos sobre fenômenos oníricos. O primeiro aponta para o rebaixamento, a insignificância e o descrédito dos sonhos entre as classes tidas como superiores naquele período. Teria corroborado para essa tendência a emergência do racionalismo no século XVII, a qual sela uma ruptura que já se encontrava em curso com as tradições antigas e religiosas de interpretação dos sonhos. Esse discurso, como destacamos, encontra-se bem conservado em nossa época, visto que ele frequentemente é reativado, atualizado e transformado pelos domínios históricos, psicanalíticos e neurocientíficos. Cumpre observar, no entanto, que a apropriação desse discurso não teria ocorrido entre uma parcela da sociedade reconhecida como inculta, não esclarecida e popular, de modo que muitos sujeitos se mantiveram ligados aos antigos

discursos e às práticas deles derivadas. Ainda na Idade Moderna, por sua vez, observamos outros discursos sobre sonhos, os quais evidenciam a continuidade do poder de atração dos fenômenos oníricos nesse período, isto é, os sonhos não teriam deixado de transmitir uma verdade acerca do porvir.

Já pelos idos do século XIX, expomos brevemente como certos discursos apontaram a relação entre o recuo do sonho para o passado individual, a valorização das experiências vividas na infância e a emergência do discurso freudiano a respeito dos pensamentos oníricos. De fato, conforme sinalizamos na última seção do segundo capítulo, o discurso freudiano materializado no livro *A interpretação dos sonhos*, ao retomar alguns enunciados arcaicos e, logo depois, se distanciar deles, constitui uma espécie de “corte epistemológico”, estabelecendo de forma inequívoca que os fenômenos oníricos têm sentidos. Mais do que isso, o discurso freudiano sobre os sonhos apresenta uma teoria inédita que busca explicar os “porquês” de os sonhos, muitas vezes, se manifestarem de modo absurdo, incoerente, confuso, ilógico e caótico. Ademais, com o método de interpretação apresentado nesse texto, seria possível acessar não somente os sentidos dos pensamentos oníricos, mas também os “verdadeiros” interesses e desejos, enfim, as subjetividades dos sonhadores.

Em outra parte de nossa pesquisa, procuramos descrever e interpretar discursos sobre sonhos produzidos no Brasil durante a pandemia de Covid-19, ou seja, começamos efetivamente a análise do conjunto de textos que compuseram o *corpus*. No primeiro subcapítulo, denominado *Acontecimento discursivo*, comentamos, uma vez mais, que a emergência de enunciados sobre fenômenos oníricos se processou em virtude do acontecimento da pandemia de coronavírus. Também sublinhamos como certos sujeitos de diferentes campos do saber, tomados como especialistas por diferentes meios e veículos de comunicação, foram alçados à posição de “intérpretes contemporâneos” de sonhos. Em seguida, devido às condições históricas de produção, arrolamos uma manifesta regularidade nos textos dispersos reunidos em torno do *corpus* que, com termos e formulações relativamente diversos, realçaram o valor, a função e o aumento das ocorrências oníricas.

O valor dos sonhos, de acordo com certos discursos por nós analisados, se deve à sua capacidade de mais bem apreender uma realidade não imaginada, como a que se instalou nas sociedades ao redor do mundo com o surgimento da pandemia de Covid-19. A instrumentalização dos sonhos para fins de diagnóstico definiria uma de suas funções, apreciada desde os tempos de Hipócrates, diga-se de passagem. Em suma, vimos como determinados discursos sobre sonhos repetiram durante a pandemia de Covid-19 que os relatos oníricos aumentaram e se tornaram mais intensos, nítidos e expressivos.

Em *sismógrafo da realidade: sonhos e traumas*, vislumbramos como o emprego frequente do termo “sismógrafo” nos textos por nós analisados está relacionado a um discurso sobre sonhos produzido na primeira metade do século XX, durante a ascensão do Nazismo na Alemanha. Fundamentalmente, vimos como esse discurso, que teria inspirado os projetos *Sonhos confinados em tempos de pandemia* e *Inventário de sonhos*, está intimamente articulado à ideia de que os fenômenos oníricos são capazes de apreender uma realidade histórica, política e social, sobretudo se essa realidade for impactada por acontecimentos traumáticos. Além disso, destacamos como certos discursos enfatizaram a ocorrência de pesadelos na pandemia de Covid-19, tipo de sonho que costuma evocar situações de perigo e que pode desencadear angústia, medo e terror.

No que concerne à reflexão sobre *silenciamentos*, constatamos haver um consenso admitido por diferentes discursos de diversos campos do saber quanto à noção de que a experiência do sonhar, independentemente de classe social, gênero e raça, é universal. Por conseguinte, comentamos que em todas as formações sociais existem diferentes modos de não dizer e formas distintas de silenciar, de maneira que, embora existam discursos assegurando que todos os sujeitos sonham, poucos foram aqueles que efetivamente tiveram seus pensamentos oníricos registrados, interpretados e arquivados. No decorrer da pandemia de Covid-19, especialmente, apreendemos como *Elas/mulheres, profissionais de saúde e professores, a população em geral e trabalhadores da saúde e da educação* formaram um grupo privilegiado de sonhadores. Ademais, depreendemos como determinados setores sociais mais vulneráveis foram os mais afetados pelas distintas formas de silêncio operantes em nossa sociedade. Enfim, vimos como em muitos enunciados desses discursos os sujeitos não têm direitos igualmente distribuídos não só de sonhar, mas também de interpretar e de registrar seus sonhos, de conservar e de fazer circular suas falas sobre seus sonhos, de modo que as distribuições desiguais dos poderes do discurso chegam até onde talvez nem pudéssemos imaginar.

Ao término do terceiro capítulo, tecemos algumas considerações sobre a inscrição de figuras públicas, particularmente de personagens políticos, em relatos de sonhos produzidos sob um acontecimento traumático, como o assistido no Brasil, que conjugou uma crise sanitária e a ascensão de um governo de extrema-direita. Identificamos como os discursos sobre sonhos mostram que, em tempos excepcionais, determinados líderes podem penetrar em produções oníricas para representar as relações de poder, as lutas e os sistemas de dominação de certa formação social. Outrossim, destacamos como as manifestações de Lula e Dilma, por

um lado, e de Bolsonaro, por outro, foram associadas, respectivamente, às posições em disputa acerca da obediência ou da transgressão às normas de quarentena.

Analizamos ainda, no último capítulo desta tese, a articulação entre discursos sobre sonhos e sensações, sentimentos e sensibilidades. Começamos pelo afeto do medo, visto que essa foi uma das emoções predominantes em relatos de sonhos. Constatamos que eles se formam e se transformam, se expandem e se aprofundam, em larga medida, por discursos que os produzem e os tematizam em diferentes condições de produção. Em função da emergência sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, esses discursos se associaram e/ou se deslocaram em direção ao vírus, à doença e à contaminação, criando, assim, as condições de possibilidade para que o sentimento do medo fosse o estado afetivo dominante de sonhos pandêmicos. Além disso, nossas investigações sinalizaram um discurso derivado das neurociências, que relaciona a frequência do sentimento do medo em produções oníricas a um alerta aos sonhadores. De acordo com essa noção, os sujeitos, por meio dos sonhos, poderiam testar roteiros de ação e mais bem se preparar para os perigos inerentes à vida em vigília. Conjecturamos ainda como a emoção do medo se materializa na contemporaneidade de modo indissociável à ansiedade. Enfim, as análises realizadas apontam que esses discursos sobre sonhos foram frequentados por medos que, embora possam mais ou menos eventualmente emergir sob formas isoladas, tais como o medo do vírus ou do isolamento social, o medo da contaminação, da doença ou de suas sequelas, se associavam e/ou deslizavam de uns para outros, produzindo, assim, amálgamas e/ou encadeamentos entre eles e potencializando seus efeitos.

A depressão foi outro afeto destacado em nossas descrições e interpretações de discursos sobre sonhos produzidos em tempos pandêmicos. Vimos nessa seção, sobretudo, como os casos de depressão, identificados por certos discursos como a expressão de um sintoma social decididamente ligado ao mal-estar na civilização contemporânea, se intensificaram durante o surto de coronavírus e penetraram nos pensamentos oníricos associados ao sentimento de tristeza.

No que diz respeito ao sentimento de desamparo, observamos como a materialização desse afeto em relatos de sonhos está intimamente relacionada ao discurso freudiano. A partir de algumas marcas enunciativas constantes nos excertos extraídos do *corpus* para análise, sinalizamos como o desamparo diz respeito a uma condição primária do sujeito que, seja ele recém-nascido e incapaz, seja adulto e supostamente capacitado, seria completamente dependente de outra pessoa. Ademais, pontuamos que, independentemente de esse termo ser evocado no interior do discurso freudiano como uma simples palavra ou como um conceito,

esse sentimento, de modo similar ao que teria sucedido à emoção do medo e ao estado de depressão, teria se intensificado durante a pandemia de Covid-19 e se materializado em relatos de sonhos, despertando uma sensação de estar carente de ajuda, auxílio e proteção. Por conseguinte, conforme um discurso por nós comentado, a associação entre o significante “mãe” e os afetos de proteção, amparo e segurança, representou uma antítese ao sentimento de desamparo. É preciso ainda lembrar que sublinhamos uma derivação na noção de desamparo ao percebermos a articulação desse termo com a exterioridade, ou seja, com os consensos e conflitos históricos, políticos e sociais em torno da gestão da pandemia.

Na última seção do nosso trabalho, abordamos o sentimento de esperança. Distinguímos como certos discursos sobre sonhos indicaram a materialização desse sentimento ao exporem que os fenômenos oníricos desempenham mais de uma função e tendem ao exagero. Portanto, mesmo diante de terríveis pesadelos, tipo de sonho muito frequente em tempos pandêmicos, ainda haveria margem para se ter esperança. Com base em outros enunciados, vislumbramos que o sentimento de esperança manifesto em algumas produções oníricas estava articulado ao desejo de que, no futuro pós-pandemia, a sociedade, de modo geral, voltasse ao *status quo ante*. Para terminar, destacamos como um discurso, produzido por sujeitos identificados com o campo progressista, associou determinados fenômenos oníricos à esperança quanto ao desenvolvimento de vacinas capazes de controlar os casos graves da doença, conter a disseminação do vírus e propiciar as condições necessárias para se alcançar o fim da pandemia de Covid-19.

Feitas estas considerações, estas sínteses dos resultados alcançados nos diversos subcapítulos que integram esta tese, e sem ter a intenção de nos prolongarmos muito mais, gostaríamos de registrar nosso reconhecimento quanto ao fato de que essas análises, descrições e interpretações não esgotam este objeto de estudo, pois muito ainda se poderia falar de discursos sobre sonhos produzidos na longa duração e de discursos sobre sonhos produzidos durante a pandemia de Covid-19. Além disso, mesmo reconhecendo que nossos objetivos foram relativamente alcançados, enunciamos essa observação tendo em vista que, em certos momentos, provavelmente nos afastamos um pouco daquilo que se preconiza e que se espera de uma Análise do discurso. Contudo, na medida em que não somos herdeiros de capitais cultural, social e econômico, e isso não representa necessariamente um problema, afinal, a maioria esmagadora da população brasileira se encontra alijada dessas benesses tanto quanto nós, com muito trabalho, esforço e dedicação, chegamos a essas conclusões.

Esperamos, ao menos, despertar a curiosidade de possíveis leitores, que poderão desenvolver ou propor outras pesquisas e avançar no conhecimento. Enfim, desejamos que

este trabalho possa ser tomado como um arquivo, um monumento que carrega as marcas de uma época em que, como vimos, muitos discursos evidenciaram que, para enxergar o que estava acontecendo no Brasil e no mundo em função da pandemia de Covid-19, era imprescindível fechar os olhos e se entregar aos pensamentos oníricos.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO (Santo Agostinho). **Confissões**. São Paulo: Editora Abril, 1973. (Os Pensadores, v. 6).

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ŽIŽEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p.105-142.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença Editorial, 1979.

ALTMAN, Max. Hoje na história: 370 a.C. – Morre Hipócrates, considerado o “Pai da medicina. **OperaMundi**. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/hoje-na-historia-370-a-c-morre-hipocrates-considerado-o-pai-da-medicina/>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Resistência à ciência: crise de confiança suscita debate mundial sobre como enfrentar ataques ao conhecimento científico. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, Edição 284, p. 17-21, out. 2019.

AQUINO, Tomás de (Santo Tomás de Aquino). **The summa theologica**. Encyclopedia Britannica, 1990.

AQUINO, Tomás de (Santo Tomás de Aquino). **Summa theologiae**. v. 33. Londres: Martinus Nijhoof, 1996.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARIÈS, Phillippe. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. (Coleção Clássicos para Todos).

ARTEMIDORO. **Sobre a interpretação dos sonhos (oneirocritica)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

AVELINO, Wagner Feitosa; MENDES, Jessica Guimarães. A realidade da educação brasileira a partir da covid-19. **Boletim de Conjuntura (Boca)**, Boa Vista (RR), v. 2, n. 5, p. 56-62, 2020.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BARONAS, Roberto Leiser; COSTA, Júlia Lourenço; RODRIGUES, Fernanda Castelhana (orgs.). **Enciclopédia discursiva da Covid-19: o primeiro ano da pandemia no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2022.

BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler**. São Paulo: Três estrelas, 2017.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2023. (18a impressão).

BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BIRMAN, Joel. Trauma, subjetivação e governabilidade na pandemia de Coronavírus. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 54, n.1, p. 189-201, 2022.

BIRMAN, Joel. A Dádiva e o Outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. **PHYSIS**, Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 2, n. 9, p. 09-30, 1999.

BRASIL. Congresso Nacional. **Decreto Legislativo n. 6**, de 20 de março de 2020. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. Brasília, DF, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ômicron: entenda o que se sabe sobre a nova variante da Covid-19**. Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/covid-19/omicron-entenda-o-que-se-sabe-sobre-a-nova-variante-da-covid-19>. Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL/SUS. Ministério da Saúde. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

BUNFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: história de deuses e heróis. 26 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

BURKE, Peter. **Varietades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BURKE, Peter. A esperança tem história? **Revista de Estudos Avançados da USP**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 207-218, 2012.

CAMPBELL, Tatiana. ‘Vacina é esperança que vem da ciência e do SUS’, diz presidente da Fiocruz. **UOL**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/23/vacina-e-esperanca-que-vem-da-ciencia-e-do-sus-diz-presidente-da-fiocruz.htm>. Acesso em: 09 mar. 2025.

CAPOMACCIO, Sandra. Expectativa de vida do brasileiro cai após pandemia, segundo IBGE. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/expectativa-de-vida-do-brasileiro-cai-apos-pandemia-segundo-ibge/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CAREY, Benedict. O que sonhamos quando nosso sonho é sobre a Covid-19. **Estadão**. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/lifestyle/coronavirus-sono-sonhos-ansiedade/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

CASTEL, Pierre-Henri. O caso da depressão. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções**: 3. Do final do século XIX até hoje. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 442-464.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos temas, conceitos e autores. 3 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2024.

CASTRO, Roberto C. G. Finalmente na íntegra, Plotino explica o uno e suas emanações. **Jornal da USP**, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/finalmente-na-integra-plotino-explica-o-uno-e-suas-emanacoes/#:~:text=O%20uno%20E2%80%93%20origem%20de%20tudo,n%C3%A3o%20pode%20sequer%20ser%20nomeado>. Acesso em 15 mai. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHADE, Jamil. Após milhões de mortos em 3 anos, OMS decreta fim de emergência da Covid. **UOL**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil->

chade/2023/05/05/oms-decreta-fim-de-emergencia-por-covid-19.htm. Acesso em: 06 set. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CHELLAPPA, Sarah Laxhmi; ARAÚJO, John Fontenele. Relevância clínica de pesadelos em pacientes com transtorno depressivo. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 183-187, 2006.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. vol. 4.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções: 1. Da antiguidade às luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CORBANEZI, Elton Rogério. **HAN, Byung-Chun. Sociedade do cansaço. Tempo social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 335-342, dez. 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções: 1. Da Antiguidade às luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020a.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções: 3. Do final do século XIX até hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020b. p. 9-14.

COURTINE, Jean-Jacques. O medo na era da ansiedade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções: 3. Do final do século XIX até hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 417-441.

COURTINE, Jean-Jacques. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (orgs.). **(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016a. p. 15-29.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias**, Rio de Janeiro, Ano I, p. 14-35, jul. 2016b.

COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos. Discursos do medo na era da ansiedade. In: CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (orgs.). **O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos**. São Paulo: Parábola, 2024. p. 163-190.

Covid Dreams: por que estamos sonhando mais durante a quarentena? **A Gazeta**. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/revista-ag/comportamento/covid-dreams-por-que-estamos-sonhando-mais-durante-a-quarentena-0520>. Acesso em: 05 jul. 2024.

CRARY, Jonathan. O sonho acabou: na sociedade 24/7, dormir é coisa para derrotados. **Revista Piauí**. Edição 96, setembro de 2014. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-sono-acabou/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

CRODA, Julio Henrique Rosa; GARCIA, Leila Pocenato. Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia de COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 1-3, 2020.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2019.

DEL ROIO, José Luiz. **Igreja Medieval: a cristandade latina**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DI PAOLI, Beatriz. Aristóteles. Da adivinhação durante o sono. Apresentação, tradução e notas. **Revista Archai**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 1-16, 2022.

DODDS, E Eric Robertson. **Os gregos e o irracional**. São Paulo: Escuta, 2002.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**, v. 1: o campo do signo - 1945/1966. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

DUMÉZIL, Bruno. Os bárbaros. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções: 1. Da antiguidade às luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

DUNKER, Christian et al. (org.). **Sonhos confinados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021a.

DUNKER, Christian et al. “Políticos”: sonhos como *apresentação perspectiva* na pandemia. In: DUNKER, Christian et al. (org.). **Sonhos confinados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021b.

DUNKER, Christian; BAZZO, Renata; RAVANELLO, Tiago. A presença noturna das figuras públicas. **Revista Cult**, São Paulo, Edição 266, p. 29-31, fev. 2021.

DUNKER, Christian. Prefácio. In. BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Três estrelas, 2017.

DUNKER, Christian; PAULON, Clarice Pimentel; MILÁN-RAMOS, José Guilherme. **Análise psicanalítica de discursos**: perspectivas lacanianas. 2 ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

EAGLETON, Terry. **Esperança sem otimismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

EDLER, Sandra. **Tempos compulsivos**: a busca desenfreada pelo prazer. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

EHRENBERG, Alain. **La fatigue d’être soi** : depression et société. França: Odile Jacob, 2000.

ENDO, Paulo; GOMES, Luciano Bregalanti. Palavras e imagens na cena do trauma: a psicanálise e o sonho como testemunho. **Associação Psicanalítica de Curitiba, em Revista**, Curitiba, v. xx, n. 35, p. 73-84, 2019.

ÉSQUILO. **ORÉSTIA**: Agamêmnon. Coéforas. Eumênides. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ESTADÃO. A pandemia não acabou, mas há esperança, diz OMS. **Estadão**. Disponível em: <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/a-pandemia-nao-acabou-mas-ha-esperanca-diz-oms/>. Acesso em: 09 mar. 2025.

FERREIRA, Anise de A. G. D’Orange. **Oneirokritika de Artemidoro de Daldis (século II d.C.)**: livro de análises de sonhos: livro V. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Rio Grande do Sul, v. 24, n. 48, p. xx-xx, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 1: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **Vigia e punir: nascimento da prisão**. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 19. ed. Edições Loyola: São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Ditos e escritos, v. 6).

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade clássica**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil [“o homem dos lobos”], além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 14).

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v. 13).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. (Obras completas, v. 4).

G1. ‘Esperança’ é eleita a palavra do ano de 2022 pelos brasileiros, diz pesquisa. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/21/esperanca-e-eleita-a-palavra-do-ano-de-2022-pelos-brasileiros-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 09 mar. 2025.

GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Gshow. O significado dos sonhos da quarentena. **Gshow**. Disponível em: <https://gshow.globo.com/horoscopo-etc/fique-em-casa/noticia/os-significados-dos-sonhos-da-quarentena.ghtml>. Acesso em: 02 out. 2023.

GUIMARÃES, Maria. “Sonhei com um ônibus escolar desgovernado que quebrava o meio-fio e caía no rio”: a neurocientista Natalia Mota, pesquisadora da UFRN, detectou medo e raiva em relatos do sono durante a pandemia de Covid-19. **Pesquisa Fapesp**. jul. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/sonhei-com-um-onibus-escolar-desgovernado-que-quebrava-o-meio-fio-e-caia-no-rio/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

HAN, Byung-Chun. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

HERSANT, Yves. A melancolia. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). **História das emoções: 1. Da antiguidade às luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

HERÓDOTO. **História, livro I**. eBooksBrasil, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOMERO. **Odisseia**. Lisboa: Quetzal Editores, 2018.

HOMERO. **Ilíada**. Lisboa: Quetzal Editores, 2019.

HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário de Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Moderna, 2024. *versão online*.

IANNINI, Gilson et al. “Casa”: sonhos infamiliars. In: DUNKER, Christian et al. (orgs.). **Sonhos confinados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD Contínua: 161, 6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a internet no país, em 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022>. Acesso em: 12 nov. 2024.

IMBRIZI, Jaqueline Maria; TEIXEIRA, Lêonia Cavalcante; ROSA, Miriam Debieux. Com que sonham os jovens. **Revista Cult**, São Paulo, Edição 266, p. 33-35, fev. 2021.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático de linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Apresentação à edição brasileira. In: ARTEMIDORO. **Sobre a interpretação dos sonhos (oneirocritica)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. Posfácio. In: BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Três estrelas, 2017.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud (1953-1954). 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 197-213.

LAMOTTE, Sandee. Pandemia causa aumento no relato de pesadelos. **CNN Brasil**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-causa-aumento-no-relato-de-pesadelos/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editora Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. Sonhos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (orgs.). **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LOBATO, Maria de Nazareth Corrêa Accioli. O sonho de Henrique I e as três ordens da sociedade Chronicon ex chronicis de John of Worcester (séc. XII). In: COSTA, Ricardo da. **Os sonhos na história**. Espanha: Ivitra, 2014. p. 61-71.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MALDIDIER, Denise; GUILHAUMOU, Jacques. Análise do discurso na França: I. a configuração metodológica inicial. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 95-98.

MARIANI, Bethania. “Larissas”: ou quando a falta de sentido faz sentido outro. In: MARIANI, Bethania; ROMÃO, Lucília Maria Sousa; MEDEIROS, Vanise. (orgs.). **Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 53-62.

MARQUES, Fabrício. A dinâmica da crise dos doutores: programas de Pós-Graduação amargam perda de interesse e planejam mudanças para responder a novas demandas. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, Edição 340, p. 28-31, jul. 2024.

MENESES, Adélia Bezerra de. O sonho e a literatura. Mundo grego. **Psicologia, USP**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 187-209, 2000.

MOTTA, Anaís. Coronavírus. Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga: os quatro ministros da Saúde da pandemia. **UOL**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>. Acesso em: 02 dez. 2024.

Museu das Memórias (*In*)Possíveis. Disponível em: <https://museu.apoa.org.br/site/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

NEXO. Concentração de riqueza se acentuou desde a pandemia, diz relatório. **NEXO**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2024/01/14/concentracao-de-riqueza-se-acentuou-desde-a-pandemia-diz-relatorio>. Acesso em: 16 jan. 2024.

NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia**: das origens à idade moderna. São Paulo: Globo, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NUNES, Tote. A crise de identidade da pós-graduação. **Jornal da UNICAMP**. Disponível em: <https://www.jornal.unicamp.br/edicao/701/a-crise-de-identidade-da-pos-graduacao/#gsc.tab=0>. Acesso em: 25 jun. 2024.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Condições de trabalho docente e defesa da escola pública: fragilidades evidenciadas pela pandemia. **Revista da USP**, São Paulo, v. xx, n. 127, p. 27-40, out./nov./dez. 2020.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS); Organização Mundial da Saúde (OMS). **170ª Sessão do Comitê Executivo**: política para melhorar a saúde mental. 2022a.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS); Organização Mundial da Saúde (OMS). Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. 2022b. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em: 10 fev. 2025.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS); Organização Mundial da Saúde (OMS). OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção. 2022c. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas, 2003.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 11-31.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês. In: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b. p. 269-281.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-249.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 63-75.

PÉCHY, Amanda. O que revelam os estudos sobre os sonhos na quarentena. **Revista Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/o-que-revelam-os-estudos-sobre-os-sonhos-na-quarentena/>. Acesso em: 02 out. 2022.

PERRONE, Cláudia Maria; GURSKI, Rose. A oniropolítica e a “peste” freudiana. **Revista Cult**, São Paulo, Edição 266, p. 12-15, fev. 2021.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. (orgs.) **O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos**. São Paulo: Parábola, 2024.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (orgs.). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

PIOVEZANI, Carlos. Discursos da extrema-direita no Brasil: uma análise de pronunciamentos de Jair Bolsonaro. **Raled**, Chile, v. 21, n. 2, p. 85-100, 2021.

PIOVENAZI, Carlos; ALVES, Manoel. Discurso. In: **Estudos do discurso: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção os Pensadores).

PLON, Michel. Lacan-Pêcheux, de um discurso outro, o impossível encontro. In: MARIANI, Bethania; ROMÃO, Lucília Maria Sousa; MEDEIROS, Vanise (orgs.). **Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 15-29.

POSSENTI, Sírio. Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, Pedro (org.). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 93-108.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 352-391. vol. 3

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. 2. ed. Cotia, SP: Margem da Palavra, 2021.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ, Cristina. Violência amplificada: no contexto da pandemia, agressões contra mulheres cresce no Brasil. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, Edição 293, p. 54-59, jul. 2020.

RANNARD, Giorgina. Covid 19: como a pandemia do coronavírus afeta nossos sonhos quando dormimos. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57241677>. Acesso em: 10 jun. 2024.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Clara Luz, 2005.

REZENDE, Joffre Marcondes de. Dos Quatro Humores às Quatro Bases. In: **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina** [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 49-53.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Carla. Mãe-coruja: o sonho de Liz. **Revista Cult**, Cidade, Edição 266, p. 24-37, fev. 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARGENTINI, Vanice. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? **Revista Heterotópica**, Uberlândia, MG, v. 1, n. 1, p. 34-48, jan./jun. 2019.

SARGENTINI, Vanice. A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o *corpus* em análise do discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise de discurso:**

apontamentos para uma história da noção-conceito da formação discursiva. Araraquara, SP: Letraria, 2020. p. xx-xx.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHERER, Dom Odilo Pedro. A esperança não morreu: temos o privilégio de seguir avante e motivos para erguer os braços para o céu em prece. **Estadão**. Disponível em: [https://www.estadao.com.br/opiniaio/espaco-aberto/a-esperanca-nao-morreu/?srsltid=AfmBOoo1Ke47Utv1jzVZ\\_yUionphH8BmFvZHwfyu8\\_BHTNHJj0QhzMIJ](https://www.estadao.com.br/opiniaio/espaco-aberto/a-esperanca-nao-morreu/?srsltid=AfmBOoo1Ke47Utv1jzVZ_yUionphH8BmFvZHwfyu8_BHTNHJj0QhzMIJ). Acesso em: 09 mar. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo; Companhia das Letras, 2020.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Usos dos oráculos délficos em Plutarco. **Revista Nóesis**, Portugal, v. 23, n. 45, p. 206-220, jan./jun. 2014.

SILVA, Sidnay Fernandes dos Santos; ALMEIDA, Terezinha Ferreira de. Quarentena. In: BARONAS, Roberto Leiser; COSTA, Júlia Lourenço; RODRIGUES, Fernanda Castelhana (orgs.). **Enciclopédia discursiva da Covid-19: o primeiro ano da pandemia no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2022. p. xx-xx.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. eBooksBrasil, 2005.

SOUZA, Alex Sandro Rolland; SOUZA, Gustavo Fonseca de Albuquerque; PRACIANO, Gabriella de Almeida Figueredo. A saúde mental das mulheres em tempos de covid-19. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant**, Recife, v. 20, n. 3, p. 663-665, jul./set. 2020.

STAROBINSKI, Jean. **A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SUZUKI, Shin. Como o estresse da pandemia da covid-19 tem se refletido no que sonham os profissionais de saúde no Brasil. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/viva-voce/noticia/2020/05/15/como-o-estresse-da-pandemia-da-covid-19-tem-se-refletido-no-que-sonham-os-profissionais-de-saude-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2024.

UNESCO. Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Situação da Educação no Brasil (por região/ estado)**. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/covid-19-education-Brasil>. Acesso em: 27 jan. 2021.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. TelessaúdeRS. **Qual a diferença entre distanciamento físico, isolamento e quarentena.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/telessauders/perguntas/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

University & Medicine Johns Hopkins. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 07 jun. 2023.

UOL. Sonhos da pandemia refletem sofrimento mental e medo da doença, diz estudo. **VivaBem/UOL.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/30/sonhos-da-pandemia-refletem-sofrimento-mental-e-medo-da-doenca-diz-estudo.htm>. Acesso em: 23 out. 2022.

VARGAS, Mateus. Bolsonaro impõe e Ministério da Saúde libera cloroquina para todos pacientes com covid-19. **Estadão.** Disponível em: [https://www.estadao.com.br/saude/ministerio-da-saude-libera-cloroquina-para-todos-pacientes-de-covid-19/?srsltid=AfmBOooZtbst6IA\\_s0c19gKeIlkfK85aCkXPPwCRGVKZalJR2Oei5zMo](https://www.estadao.com.br/saude/ministerio-da-saude-libera-cloroquina-para-todos-pacientes-de-covid-19/?srsltid=AfmBOooZtbst6IA_s0c19gKeIlkfK85aCkXPPwCRGVKZalJR2Oei5zMo). Acesso em: 12 dez. 2024.

VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Sonhos na pandemia documentam a estranheza de nossa época. **Revista Elle.** Disponível em: <https://elle.com.br/sociedade/sonhos-na-pandemia-documentam-a-estranheza-de-nossa-epoca>. Acesso em: 23 jun. 2024.

VARELLA, Mariana. Insônia atinge 73 milhões de brasileiros. **Portal do Drauzio Varella.** Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/neurologia/insonia-atinge-73-milhoes-de-brasileiros/#:~:text=Compartilhar,Ins%C3%B4nia%20no%20Brasil%20atinge%2073%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas%2C%20segundo%20a,a%20dormir%20cada%20vez%20pior>. Acesso em: 05 set. 2023.

VENTURINI, Maria Cleci; PETRI, Verli. Vozes e silenciamentos em tempos de pandemia. In: MAGALHÃES, Belmira; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da; NOGUEIRA, Luciana (orgs.). **Discurso e crise societária: buscando sentidos para além do capital.** Campinas, SP: Editora Pontes, 2023.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394].** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VILLAS BÔAS, Lúcia.; UNBEHAUM, Sandra. (Coord.). **Pesquisa:** Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica. Informe n.1. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2020. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>. Acesso em: 05 jan. 2021.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de Covid-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cadernos de Saúde Pública**, Cidade, v. 36, n. 5, p. xx-xx, 2020.